



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

DIEGO SALES DE CASTRO

Raízes da Guerra

PRODUTO

Brasília

2018

Diego Sales de Castro

RAÍZES DA GUERRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientador: Pablo Gonçalo

Brasília

2018

DIEGO SALES DE CASTRO

RAÍZES DA GUERRA

Produto apresentado a Universidade de Brasília, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Brasília, 30 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Pablo Gonçalo

1º Membro: Prof. João Lanari

2º Membro: Prof. Tania Montoro

Suplente: Prof. Érika Bauer

Sumário

1. Agradecimentos	5
2. Resumo	6
3. Introdução	7
4. Problema de pesquisa	11
5. Justificativa	14
6. Objetivos	17
7. Referencial Teórico	18
A Grande Guerra	18
O Exército Invisível	24
Cinema e História: a ficção histórica como potencialidade	31
8. Metodologia	36
A história e a inspiração	36
A sequência do trabalho prático	42
9. Considerações Finais	44
10. Bibliografia	46
11. Anexos	47
Argumento	
Descrição dos personagens	
Escaleta	
Roteiro	

Agradecimentos

Gostaria rapidamente de agradecer algumas pessoas que me ajudaram nesse difícil processo de formação em uma das maiores Universidades do Brasil.

Agradeço a meu pai, Alexandre, por toda a estrutura e apoio nas horas mais difíceis, e à minha mãe, Angela, por todas as conversas e conselhos que tivemos nesses anos. E, claro, ao meu irmão, Pedro, grande companheiro para todas as horas.

Agradeço especialmente ao meu tio, Jean Marc, por ter influenciado diretamente em minha formação, me incentivado à leitura, e me dado boa parte dos livros que provocaram as inquietações que resultam neste trabalho.

Agradeço a toda a minha família, mas especialmente minhas tias Érika, Mônica, e meu padrinho Eduardo, que me auxiliaram na excelente viagem que pude realizar à região abordada na história, no Mato Grosso do Sul. E dedico um agradecimento muito especial à minha avó, Milinha (Maria Emília), pessoa extremamente importante em minha trajetória, que infelizmente faleceu antes de acompanhar esse momento.

Agradeço à Tania Montoro, minha primeira orientadora na Universidade, pelo incentivo essencial nos complicados momentos da graduação e da vida; e ao professor João Lanari, pelos excelentes momentos nas monitorias de História do Cinema.

Agradeço também à professora Erika Bauer, a primeira a ensinar essa arte que escolhi para minha vida, a roteirização, e ao professor Pablo Gonçalo, por ter continuado este trabalho, e ter aceitado orientar o meu projeto, dando valiosas dicas e conselhos a respeito de minha construção narrativa.

Tenho ainda muitas pessoas a agradecer, absolutamente todas que tiveram alguma passagem marcante em minha vida. Sou extremamente grato por possuir um grande número de amigos, companheiros, pessoas fiéis, que sob qualquer aspecto, estão sempre ao meu lado.

Resumo

Raízes da Guerra é um projeto de roteiro de longa-metragem de ficção histórica, passando-se no decorrer do século XIX, e englobando os eventos que levam ao maior conflito armado latino americano, a Guerra da Tríplice Aliança. A narrativa aborda a forma como grupos de camadas mais subjugadas da população adentraram no conflito, contando a história de Anacleto, escravo de uma das maiores fazendas da Província do Mato Grosso, e de Terena, indígena da nação Guaná, que vê as terras de seu povo invadidas pelo exército paraguaio. Por meio de ambos os personagens, é construído um panorama que engloba as diferentes razões que levam essas pessoas a lutarem sem representatividade para com o exército ou a nação brasileira.

Palavras-chave: Roteiro, Longa-metragem, Ficção Histórica, Guerra do Paraguai.

Introdução

As pessoas fazem uma guerra. Elas vivem, sofrem, matam.... E morrem. E no final, o horror e o sangue derramado são glorificados, enquanto os "heróis" ainda procuram formas de conviver com os demônios que os acompanharam durante tanto tempo.

E esses são os que nunca conheceram o verdadeiro horror. Todos aqueles que vivenciaram a real tristeza e desolação de uma guerra não viveram para contar sua própria história. Os relatos existentes sobre algum conflito armado são feitos por pessoas que, por mais que tenham passado por experiências terríveis, não sentiram a real e mais perigosa destruição que uma guerra pode causar: a própria.

E quem luta? Quem são essas pessoas que "fazem" uma guerra? Normalmente, os lembrados são os grandes, os generais, os comandantes, os governantes, os que decidem pela luta. Mas as pessoas às quais me refiro são menos elegantes, com bem menos recursos e muito menos conhecidas. Quem forma o grosso de um exército, quem compõe a linha de frente de batalha, quem morre apenas como um número de perda de efetivo, é o povo.

A necessidade de tentar dar voz, ou pelo menos falar e pensar sobre a participação desse grupo tão majoritário e tão esquecido nos grandes conflitos é a base para a construção de todo o conceito deste presente projeto. Raízes da Guerra é uma história panorâmica, que aborda a forma como personagens de camadas mais baixas da população entram em uma guerra, e os coloca como membros ativos em um dos maiores conflitos armados de toda a América Latina, a Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai.

A narrativa desenvolve a história de Anacleto, um escravo de uma das maiores fazendas da Província do Mato Grosso, e de Terena, indígena representante do povo Terena, da Nação Guaná, grupo de povos diversos que habitavam a mesma região.

Anacleto cresceu na Casa Grande da fazenda, criado por sua mãe, Maria do Rosário, escrava que fazia os serviços de casa grande, e era a única parteira da região. O menino nunca teve contato com o pai, e sempre foi desprezado pelos escravos das plantações por morar na casa grande. Já mais velho, descobre que o dono da fazenda, o Barão João Pereira, é seu pai, fruto de um abuso. Anacleto

então não mede esforços para sair da fazenda, e tenta a todo custo comprar a liberdade sua e de sua mãe.

Terena percebeu o contato que seu povo tinha com os brancos logo cedo, ao acompanhar o pai, Kaxé, em viagens para troca de materiais. Embora sempre tenha sentido desconforto, e até um mau pressentimento, lidando com aquelas pessoas tão diferentes dele, Terena aumenta gradativamente seu contato, muito por influência do pai. Já adulto, ele se torna guia da região, e vê os efeitos que o grande conflito traria para seu povo.

Anacleto e Terena são duas representações ficcionais de relações comuns entre os diferentes povos que conviveram e participaram da guerra, embora sejam participações que envolvem duas problemáticas (os escravos e os indígenas) que não foram muito abordadas na historiografia tradicional desse grande evento. Ambos têm suas vidas completamente alteradas com a invasão paraguaia à Província do Mato Grosso, Anacleto vê a guerra como a grande possibilidade de obtenção de sua liberdade, mesmo sem ter visto ainda seus efeitos, enquanto Terena sente na pele os horrores do início do conflito, vendo as terras de seu povo ocupadas pelo exército paraguaio, e montando grupos indígenas de resistência com os armamentos deixados pelos militares nos quartéis abandonados. Os dois personagens acabam por entrar no conflito por diferentes razões, mesmo que não a representatividade nacionalista comum em um evento desse tipo.

A Guerra do Paraguai, ou Guerra da Tríplice Aliança, foi um momento histórico de muitas tristezas, mas excepcionalmente importante para a construção territorial, cultural e social de todos os países participantes. Por diversas tensões antigas envolvendo a região da Bacia do Rio da Prata, o Paraguai declarou guerra ao Brasil em retaliação a outras intervenções do Império, e viu todos os outros países do Cone Sul (Argentina e Uruguai) se juntarem à potência sul americana para destruí-lo.

No Brasil, os efeitos da guerra foram extremamente significativos para seu desenvolvimento, definindo fronteiras territoriais, dando força à instituição do Exército (que viria a proclamar a República), acelerando as lutas abolicionistas, mudando as formas de ocupação do território e criando novos centros urbanos. Infelizmente, o ensino de história do Brasil é defasado em muitos lugares, e esses temas tão caros e importantes para a nossa construção como sociedade acabam passando por um processo de esquecimento com o passar do tempo. A Guerra da

Tríplice Aliança passou por esse processo, e hoje é algo que não desperta praticamente nada em boa parte da população. Todos aqueles efeitos diretos em nossa nação foram rapidamente esquecidos (ou até apagados) em um mar de histórias tão importantes, mas que quase não são ouvidas.

E essas histórias são parte de nossa criação, de nossa identidade, com efeitos importantes até os dias de hoje, e que devem ser melhor compreendidas e estudadas para podermos trabalhar com os problemas estruturais do Brasil de forma mais abrangente e completa.

Esse trabalho de disseminação de informações e conscientização da população pode ocorrer de diversas formas, mas muitas delas apelando para uma didática que já restringe a aceitação ao conteúdo logo no início. Dentre essas formas, acho bastante interessante o trabalho do cinema como potencial disseminador de características históricas e culturais, pois, por ser um meio audiovisual, possui diversas facetas a serem trabalhadas, que atingem o público de forma bastante efetiva, com um tempo de consumo reduzido.

Essa crença na potencialidade do cinema no trabalho com elementos culturais de um povo torna-se o cerne da ideia de Raízes da Guerra, que, utilizando conhecimentos históricos de um evento de vital importância para a definição da identidade do país, cria uma narrativa histórica que explora momentos e contrastes específicos do evento, e o torna palpável mesmo ao público comum mais leigo.

O filme, ao apresentar a história de Anacleto e de Terena, dentro de um espaço físico parcialmente comum, a Província do Mato Grosso, nos anos anteriores ao estouro da Guerra da Tríplice Aliança, mostra como personagens tão diversos acabam em um conflito armado lutando contra pessoas que nem conhecem, e defendem bandeiras que não os representam.

Esses povos, representados pelos dois personagens principais da história, tiveram participação bastante efetiva no conflito, e sentiram na pele as diversas mudanças que a guerra traria. Nunca foram, entretanto, amplamente reconhecidos como participantes ativos, nunca receberam compensações por suas perdas, e ainda sofreram efeitos negativos posteriores (muito dos povos indígenas da Província do Mato Grosso perderam as terras no processo de ocupação do território promovido pelo governo brasileiro após o conflito).

A ideia aqui é pensar esses contrastes, questionar essa construção histórico-social, desenvolvendo uma história de narrativa complexa, mas palpável a qualquer tipo de público.

Problema da Pesquisa

A partir da leitura de diferentes livros sobre a história do Brasil, em sua maioria ficções históricas, tive contato com a Guerra do Paraguai, o grande conflito latino americano do século XIX. Com as recordações das aulas no ensino básico, consegui identificar em mim uma grande defasagem no entendimento do conflito, e pude perceber o quão comum era essa falta de conhecimento entre as pessoas, mesmo as provenientes de um ensino básico mais completo.

Com o estudo mais amplo desse momento histórico, pude entender um pouco melhor seu contexto e seus efeitos imediatos e posteriores nos países da região. Esse processo me fez reconhecer a importância da Guerra da Tríplice Aliança na formação dessas nações, e a necessidade de trabalhar esse tema com camadas mais abrangentes da população. Esse foi um conflito de proporções gigantescas, cujo reconhecimento de sua história encontra paralelos em problemas vivenciados mesmo nos dias atuais.

Após o reconhecimento dessa defasagem no estudo e na disseminação de informações sobre a Guerra da Tríplice Aliança, começaria a pensar na forma em que eu poderia tratar deste assunto. Início, então, uma pesquisa sobre diferentes formatos de narrativa histórica, para tentar definir os que me deixavam mais a vontade para utilizá-los.

Nesse momento, a realização de um roteiro já era bastante certa como meu trabalho final de conclusão de curso. Desde os primeiros anos na universidade, as narrativas foram elementos chave para minha formação, e sempre senti um grande ímpeto para ouvir e contar histórias novas.

Com a definição de um formato de ficção histórica que escapa um pouco das grandes personalidades e mostra a realidade e a visão de camadas mais baixas e mais abrangentes no conflito, começam as dificuldades na definição de um local comum, um evento no meio desta grande guerra, que possa ser trabalhado de forma interessante, e demonstre os contrastes e as incongruências vivenciadas por essa população.

No meio dos livros estudados, observava sempre o início de uma problematização a respeito da participação de escravos no conflito, e uma rápida citação à participação indígena. Diante da falta de abordagem dessas questões na

literatura canônica, procurei material mais específico, voltado à análise e ao reconhecimento da importância desses povos na guerra.

Muitos dos combatentes do Exército Brasileiro (e não só dele) eram escravos, a quem era prometida a liberdade e até outras formas de compensação, se retornassem vivos das batalhas. Já os indígenas estiveram presentes principalmente na Província do Mato Grosso, defendendo as terras de seus povos, que eram “brasileiras”, e foram invadidas pelo exército paraguaio.

A partir destes estudos e das diferentes histórias observadas, tiro os objetivos primordiais dos personagens de Raízes da Guerra, com algumas adaptações dramáticas para a boa construção da narrativa. Anacleto era um escravo que desejava incessantemente a liberdade, enquanto Terena necessita pura e unicamente defender as terras preciosas para seu povo.

Pouquíssima importância foi dada a participação desses povos, existindo poucos materiais de pesquisa que desenvolvam essas temáticas, e todos atuais partindo de um revisionismo contemporâneo da história. Para a seleção dos elementos abordados e a criação dos universos ao redor de cada personagem, tive o cuidado de procurar materiais que partem de estudos multiculturais, muitas vezes produzidos por representantes desses grupos abordados.

Após todas as complicações passadas para a seleção e definição da história a ser contada, começo a pensar na estrutura da narrativa, e a dificuldade de criação de um roteiro extenso como é o de um longa-metragem. Para solucionar esse problema, estudei elementos de ficção, especificamente para roteiro de audiovisual, com destaque para os ótimos livros de Robert McKee, “Story” e “Dialogue”.

A Guerra da Tríplice Aliança é um tema que ainda divide muitas opiniões, e a pesquisa sobre ela ainda pode ser um caminho meio enevoado dependendo do tema. Novos esforços, entretanto, tem tentado mudar esse quadro, e esse projeto de conclusão de curso não deixa de ser um deles.

Ao apresentar uma visão ficcional de características da guerra que não são comumente abordadas, Raízes da Guerra busca levar os questionamentos sobre esse grande conflito ao público geral. Ele trabalha de forma artística e narrativa as perguntas e respostas que me foram surgindo durante o processo de pesquisa e criação da história: Quem são esses povos que tomaram parte no conflito? Quais os motivos que os levaram a isso? Como foi sua participação? Quais as consequências posteriores para essas pessoas?

Além disso, reuni um grupo de elementos que pudessem ser objetivamente incorporados à história, dando mais credibilidade à ambientação e à contextualização, necessários em uma ficção histórica. Tratarei um pouco mais sobre esses elementos na parte de Metodologia deste trabalho.

Justificativa

No mundo contemporâneo globalizado e integrado, é necessário pensar a respeito do potencial que produções audiovisuais cada vez mais presentes em nossas vidas podem ter.

Observo países cuja produção audiovisual passa por um processo de verdadeiro planejamento, com funções sociais e metas bem definidas, e vejo o sucesso subsequente na disseminação de suas características culturais particulares a camadas realmente abrangentes da população, com narrativas assimiláveis que não subestimam seus espectadores nem perdem seu compromisso e respeito com os assuntos ali abordados. Como exemplos mais instantâneos, pensamos logo nos Estados Unidos, com toda a sua indústria cultural, no Japão, e suas animações, na Inglaterra, e as produções da rede pública BBC, além de diversos outros países com políticas de produção e distribuição efetivas.

Sinto, por problemas de planejamento e outras razões variadas, uma grande falta dessas possibilidades em nosso país, onde não é raro os filmes se dividirem no meio de dois extremos, aqueles produzidos pensando unicamente em potencial de venda, com histórias que acabam por subestimar seus espectadores, ou os que abdicam um pouco desse potencial mais comercial e investem em narrativas mais complexas, e acabam restritos a festivais e públicos pequenos.

Logicamente, unido a toda essa divisão, estão as enormes barreiras no processo de distribuição dos filmes produzidos. É complexo pensar no baixo número de cinemas no nosso país, e suas dificuldades de manutenção em locais comumente comerciais sem muitas políticas de incentivo. Muitas boas narrativas infelizmente se perdem no véu do esquecimento por falta de espaço em um mercado fílmico predatório.

Acredito, ainda, existirem inúmeras possibilidades de realização de um filme, e não considero utópico atingir uma narrativa com bom potencial de reconhecimento público sem perder o fundo reflexivo, questionador, subjetivo existente nela. Proponho, então, com este projeto, realizar um roteiro de narrativa complexa, que consiga atrair interesse pela forma como apresenta situações e universos tão conectados a nós, mas ainda se fechando dentro do seu contexto histórico-social.

Sempre me interessei profundamente por histórias e pelas formas de contá-las. Quando percebi as nuances e dificuldades de se traçar limites de separação

entre história e ficção, tendo em vista conceitos mais abrangentes de linha do tempo e o entendimento do passado como formado puramente por memórias um tanto variáveis de acordo com o indivíduo, passei a me dedicar ao estudo da história em suas variadas formas (desde perspectivas documentais e factuais até o método multidisciplinar predominante na história contemporânea) e ao estudo de variadas formas de narrativa, suas construções e seus exemplos, dando um enfoque especial às formas de ficção histórica possíveis.

Toda essa aproximação com este tipo de narrativa acabou culminando neste roteiro de longa-metragem como o trabalho de finalização do curso. Raízes da Guerra é um roteiro de ficção histórica que explora esse campo desconhecido da diferenciação entre o real e o ficcional, ao apresentar histórias dramaticamente selecionadas e modificadas, mas retiradas de relatos e estudos realizados sobre o conflito.

A redução de uma série de situações reais existentes a elementos dramáticos que movem os personagens, como a destruição das terras indígenas de Terena pelo exército paraguaio, promovem uma construção de narrativa completamente auxiliada e estruturada pela pesquisa realizada no decorrer do trabalho. Sem perder esse fio de credibilidade histórica, o projeto se propõe a desenvolver uma narrativa complexa, mas que reúna aspectos que agradam e atraem o público comum.

Acredito muito no estudo da história para a formação de indivíduos conscientes de sua realidade e das incoerências que permeiam a construção social. Os acontecimentos históricos, ainda mais com a magnitude da Guerra da Tríplice Aliança, não podem cair no esquecimento, pois são fundamentais para se entender diversos problemas, inclusive muitos atuais.

Não que essa lembrança deva ser feita com orgulho, evocando as formas mais ingênuas de nacionalismo, mas sim de forma crítica, a se buscar compreender melhor o contexto de participação de grupos nunca antes reconhecidos, entender o conflito de forma mais abrangente, e criar a conexão com problemas existentes atualmente, provenientes de raízes que remontam ao evento.

A representação imagética narrativa de um escravo que opta por entrar na guerra para obter sua liberdade (Anacleto), e de um indígena que aceita se tornar guia do exército brasileiro para defender as terras de seu povo (Terena), funciona como uma alternativa ficcional para um trabalho de pesquisa ainda em desenvolvimento, mas infelizmente pouco reconhecido. E é essa visão que foge das

narrativas padronizadas dos manuais de história factual, que mudam o prisma de observação das pessoas, e lhes dá visões e experiências tão ou até mais importantes que o relato de uma grande personalidade histórica.

Essa consciência é essencial para a melhor compreensão da história do país, de sua identidade, e assim, poder buscar formas diferentes de se pensar problemas e contrastes atuais, e maneiras mais efetivas de tentar combatê-los. A Guerra da Tríplice Aliança foi um evento continental, de grande magnitude, e o único conflito influenciado diretamente por ações tomadas pelo Brasil, que acabaram por dizimar boa parte da população paraguaia e tornar o país uma periferia econômica dos países vencedores (especialmente Brasil e Argentina).

O cinema possui a potencialidade de levantar questões, assuntos tratados nas situações mais corriqueiras de seus espectadores, além de tornar comum o conhecimento sobre temas importantes para todo o público. Raízes da Guerra é o primeiro esforço de um jovem roteirista para chamar alguma atenção sobre um evento tão importante para a construção de nosso país, e que infelizmente, ainda é pouquíssimo abordado em situações não acadêmicas.

Objetivos

Raízes da Guerra, em um contexto mais atual, no primeiro momento, destina-se a ser um roteiro de longa-metragem o mais completo possível, reunindo elementos tais quais uma narrativa envolvente, um contexto histórico bem construído, uma razão social e relevância cultural, que possa galgar um caminho no meio da difícil jornada de produção cinematográfica no Brasil. Quando um nível bom de narrativa for alcançado, iniciarei uma busca por produtoras, editais e pessoas que possam se interessar em produzir o filme, dando sequência ao interessante aspecto cinematográfico da continuidade criativa, em que o produto final é o resultado do processo de criação e trabalho de incontáveis pessoas.

Em uma perspectiva maior, o projeto visa tornar-se um filme acessível a diferentes públicos, mas sem perder a qualidade da narrativa bem fechada, com elementos que provocam tanto catarse nos espectadores quanto reflexões acerca de temas importantes. Primordialmente, trata-se de tornar a Guerra da Tríplice Aliança algo de conhecimento mais comum, dada a grande importância do evento em nossa história, e o processo de “esquecimento” que ocorreu com ele.

Esse roteiro é o primeiro de um projeto maior para o desenvolvimento de histórias que realizem essa abordagem de momentos históricos importantes e elementos culturais relevantes para o povo brasileiro. É fundamental inserir algumas incongruências de nossa história no imaginário popular atual.

Referencial Teórico

A Grande Guerra

A Guerra entre a Tríplice Aliança (formada pelas forças combinadas de Brasil, Argentina e Uruguai) e o Paraguai foi um dos eventos mais importantes de toda a América Latina, e talvez o mais notório de toda a região do Cone Sul, formada pelos países oriundos do território do antigo Vice Reinado do Prata. Apesar dos confrontos militares recorrentes desde as independências das Américas, poucos mobilizaram um efetivo tão grandioso e nenhum teve efeitos tão marcantes para os países beligerantes. *Foi o conflito externo de maior repercussão para os países envolvidos, quer quanto à mobilização e perda de homens, quer quanto aos aspectos políticos e financeiros.* (DORATIOTO, 2002, pág. 17)

Destaco aqui alguns trechos do excelente livro “Maldita Guerra - Nova História da Guerra do Paraguai”, um dos estudos mais completos sobre o evento, escrito pelo professor Francisco Doratioto (2002), da Universidade de Brasília. Livro, este, que pautava boa parte de minha pesquisa histórica geral sobre o conflito.

(...). Na primeira metade da década de 1860, o governo paraguaio, presidido por Francisco Solano López, buscou ter participação ativa nos acontecimentos platinos, apoiando o governo uruguaio hostilizado pela Argentina e pelo Império. Desse modo, o Paraguai entrou em rota de colisão com seus dois maiores vizinhos e Solano López acabou por ordenar a invasão de Mato Grosso e de Corrientes e iniciou uma guerra que se estenderia por cinco anos. A Guerra do Paraguai foi, na verdade, resultado do processo de construção dos Estados nacionais no Rio da Prata e, ao mesmo tempo, marco nas suas consolidações. (DORATIOTO, 2002, p.23)

Para falar um pouco deste conflito, e mais especificamente dos recortes realizados na imensidão de conteúdo pouco explorado sobre a guerra, é necessário uma recapitulação histórica e uma reflexão sobre a construção das sociedades latino-americanas. As centenas de anos de colonização portuguesa e espanhola na região foram a semente para o florescimento de povos únicos em suas identidades, mas dotados de problemas estruturais congêntos e alta dependência de suas antigas metrópoles.

- **Brasil**

O Império do Brasil por si só já é um caso bastante peculiar. O país foi sede principal do Reino de Portugal, e abrigou a família real Bourbon durante os anos de 1808 a 1821. Em 1822, Dom Pedro I proclama a independência do país, que

passaria a funcionar sob um sistema de Monarquia Constitucional Parlamentarista, mesmo molde adotado em boa parte dos países europeus do período.

Essa presença da família real no país, e conseqüente manutenção do regime monárquico foram fatores essenciais para a unificação das províncias brasileiras em um país que, dada a sua dimensão continental, teria tudo para figurar com protagonismo em todas as questões latino americanas.

O Brasil tornou-se um país uno, independente, marcado por incongruências nos mais diversos aspectos da sociedade, desde a administração pública até o cotidiano, com uma população desigual, e uma economia galgada na compra, venda e uso de trabalho escravo. Essas características ganham corpo no clássico “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda, que mostra também suas origens em uma série de fatores, dentre os quais os problemas da administração portuguesa e a vinda maciça de negros escravos da África na sangrenta diáspora dos navios negreiros.

Todos estes aspectos criam uma nação ainda muito dependente de capital europeu, mas com a vontade de se afirmar ao menos em âmbito regional. E isso passava, naturalmente, pela defesa das maiores extensões territoriais possíveis nas delimitações das fronteiras com os países vizinhos, o que acaba se tornando também motivo importante para o início do conflito abordado neste trabalho.

O Império tem presença central desde o início dos eventos que resultariam na fatídica guerra. Para defender interesses de estancieiros gaúchos e melhorar a opinião pública após o vexame brasileiro no rompimento de relações com a Grã-Bretanha, no ano de 1863, o Partido Liberal (governante no período) autorizou a resolução da guerra civil uruguaia, que ocorria no país vizinho, por meio de uma intervenção armada. (...) *o ambiente popular no Rio de Janeiro, em 1864, praticamente demandava uma ação intervencionista no Uruguai por parte do império, e poucos se opunham a ela.* (DORATIOTO, 2002, p. 52)

Essa ação intervencionista direta na questão interna uruguaia por parte do Império se torna o estopim de um conflito já há muito esperado. Solano López, líder do Paraguai, declara guerra ao Brasil, unindo também suas insatisfações com relação a demora e a dificuldade em negociar os acordos de fronteiras com o país.

- **Argentina**

A colônia espanhola do Vice-Reinado do Prata (à qual pertenciam todos os outros países participantes da guerra) se emancipa do domínio espanhol no ano de 1811, proclamada pelo libertador Miguel de San Martín na cidade de Buenos Aires, detentora do maior porto de escoamento e entrada de produtos que passavam pela Bacia do Prata, e habitada por uma burguesia ascendente e interessada em comandar hegemonicamente o comércio marítimo do interior do continente americano com o resto do mundo.

A partir daí já se iniciam os primeiros conflitos na região, pois, sendo o território do vice-reinado da Prata tão extenso, diversos povos e cidades presentes tentaram conseguir a sua autonomia. Buenos Aires, liderada pelo caudilho Juan Manuel Rosas, conseguiu unificar as províncias argentinas em torno de si, mas encontrou problemas no Paraguai, que não se identificava com os povos argentinos, e na Província Oriental, futuro Uruguai, preterido também pelos estancieiros do sul do Brasil.

Esses primeiros conflitos vão dar origem à Guerra do Prata, uma das primeiras grandes batalhas travadas nessa região do Cone Sul. *E foi assim que se deu a aliança entre o Império do Brasil, a facção política dos Colorados no Uruguai - que travavam uma guerra civil contra os blancos apoiados por Rosas-, e o governador da província de Entre Ríos, Justo José de Urquiza, aliança que viabilizou a queda do ditador da Confederação (Argentina) em 1852.* (DORATIOTO, 2002. p.28)

Após a queda do caudilho Rosas, a Argentina passou por mais um período de caos e guerras internas entre as províncias, que formavam a Confederação Argentina, e o Estado de Buenos Aires. A resolução dos conflitos ocorre com a unificação promovida por Bartolomé Mitre, general representante da cidade que viria a se tornar a capital da República da Argentina, Buenos Aires. Ele comanda o país entre 1862 e 1868, durante boa parte da Guerra da Triplíce Aliança, tendo sido inclusive Comandante Geral das tropas aliadas durante boa parte do conflito.

A entrada da Argentina no conflito contra o Paraguai ocorre devido às boas relações entre o país e o Império do Brasil, e a desobediência dos paraguaios ao atravessar a província de Corrientes para chegar ao Uruguai, e assim invadir o território brasileiro pelo Sul.

- **Paraguai**

Com o fim do Vice-Reinado do Prata, e o ímpeto unificador de Buenos Aires, que *resultaria no incremento da riqueza da burguesia mercantil portenha em detrimento das elites do interior*(DORATIOTO, 2002. p. 24), o Paraguai se organiza e vence a coluna militar enviada por Buenos Aires, fechando-se a qualquer contato oficial externo durante todo o governo do Ditador Perpétuo (título oficial) José Gaspar Rodríguez de Francia, entre 1813 e 1840.

O país iria começar a se abrir novamente com a morte de Francia, e a “eleição” de Carlos Antonio López, por um Congresso que se reunia pouquíssimas vezes e apenas para sacramentar decisões, nunca para tomá-las. Carlos era *advogado, pertencente ao núcleo de sobreviventes dos grandes proprietários rurais*. (DORATIOTO, 2002. p.26), e começou a participar mais ativamente da política externa e das relações de tensão na região do Rio da Prata. O reconhecimento internacional da independência da República do Paraguai viria apenas nesse momento, sendo o Brasil o primeiro a fazê-lo.

Iniciaria então, no Paraguai, um governo com algum ímpeto de modernização (militar, predominantemente), que agora discutia as questões de fronteiras e navegação pelo Rio da Prata de forma mais incisiva, tentando obter alguma hegemonia, garantir o escoamento de seus produtos, e controlar a navegação de nações vizinhas com problemas de relações com o país. Internamente, via-se *uma promíscua relação entre os interesses do Estado e os da família López, a qual soube se tornar a maior proprietária “privada” do país...* (DORATIOTO, 2002. p. 30).

O governo de Carlos López teve também, como característica marcante, a ascensão de seu filho mais velho, Francisco Solano López, a altos cargos militares e governamentais, mesmo ainda muito jovem. Essa ascensão precoce e seu ímpeto individual o tornaram o sucessor quase natural do pai no momento de sua morte, em 1862, e nem o último conselho de Carlos, que disse a Solano López *que o Paraguai tem muitas questões pendentes, mas não busque resolvê-las pela espada, mas sim pela caneta, principalmente com o Brasil.*(DORATIOTO, 2002. p. 41), foi suficiente para frear os impulsos bélicos no momento da intervenção armada brasileira no Uruguai, em detrimento do governo Blanco, aliado de Solano.

A falta de corpo diplomático paraguaio em outros países cria uma rede de circulação de informações bem defasada, e provocam no governante a ideia de que

o Império do Brasil estava preparado para declarar guerra ao Paraguai assim que resolvesse a questão do Uruguai. Em verdade, *no Rio de Janeiro não se acreditava sequer que o Paraguai estivesse disposto a romper com o Império em decorrência do ultimatum dado a Montevideú.* (DORATIOTO, 2002. p.60).

Esse erro de comunicação marca o início oficial de um conflito que agregava tensões existentes há muito tempo. Em 1864, Francisco Solano López declara guerra contra o Brasil, e inicia o conflito que destruiria seu país.

- **Uruguai**

A história da Província da Cisplatina e sua formação como o Estado-nação do Uruguai é talvez uma das mais peculiares de todo o continente americano. A região foi disputada pela Confederação Argentina e pelo Império do Brasil na Guerra da Cisplatina, ocorrida entre os anos de 1825 e 1828, e acabou por ter sua autonomia patrocinada pela Grã-Bretanha, para funcionar como *um algodão entre dois cristais, as Províncias Unidas do Rio da Prata e o Império do Brasil, evitando que se chocassem.* (DORATIOTO, 2002. p. 45).

Esse apaziguamento de relações, entretanto, nunca ocorreu, e o país *tornou-se, a partir de 1863, ponto de convergência das contradições platinas que desencadeariam a guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança.* (DORATIOTO, 2002. p.46)

O Uruguai sempre foi disputado por dois grupos hegemônicos, os Blancos e os Colorados, que se relacionavam com seus equivalentes em divisões internas e externas pelos países da Bacia do Prata. Os Blancos tiveram relações primordialmente com o Paraguai (principalmente depois da posse de Solano López) e com os grupos federalistas das províncias argentinas. Já os Colorados, representados pelo caudilho Venâncio Flores, lutaram ao lado das forças centralizadoras da cidade de Buenos Aires nas batalhas que definiram a unificação argentina com a hegemonia da cidade portenha, e ainda tiveram relações amigáveis com o Brasil ao garantir a livre navegação na Bacia do Prata.

No início da década de 1860, o governo em Montevideú era blanco, e o presidente, Bernardo Berro, *indispôs-se tanto com a Argentina, quanto com o Império, e o fim de seu governo passou a interessar a esses dois países.* (DORATIOTO, 2002. p. 46). Em 1863, Venâncio Flores, o líder colorado, invadiu o

Uruguai com tropas *recrutadas e organizadas em Buenos Aires e com o beneplácito do governo argentino* (DORATIOTO, 2002. p. 46), e, a partir disto, iniciou a guerra civil uruguaia, que em tempo se tornaria o estopim para o início do grande conflito latino-americano.

A Revolução Colorada no Uruguai recebeu forte apoio de Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina, embora nada tenha sido anunciado oficialmente. Após ataques a estancieiros gaúchos que tinham negócios no Paraguai, o Império do Brasil optou por uma intervenção direta no país, rapidamente cercando Montevideu e dando o poder a Venâncio Flores. Alguns dias antes, Solano López já havia cortado relações com o Brasil, e preparava seu ataque.

- **A resolução do conflito e sua importância**

Os casos individuais de cada um dos países participantes da Guerra da Tríplice Aliança demonstram o quão profundas eram as tensões e insatisfações que alimentaram o sentimento belicoso de cada um dos lados. Ali, se iniciaria a guerra que duraria 5 anos, com profundas consequências para todos os participantes.

Após as declarações de guerra, *saíram, de Assunção e de Concepción duas expedições militares para invadir Mato Grosso* (DORATIOTO, 2002. p.99), além das tropas destinadas ao auxílio do Partido Blanco no Uruguai. Logo, os três países que formam a Tríplice Aliança respondem com a contenção das tropas paraguaias e uma grande invasão ao território inimigo.

A Guerra do Paraguai foi fruto das contradições platinas, tendo como razão última a consolidação dos Estados nacionais na região. (DORATIOTO, 2002. p. 93), e essa consolidação com base nos resultados da guerra cria efeitos devastadores para alguns países.

O conflito foi sangrento, gerando enormes baixas para todos os lados, mas quem mais sofreu com as perdas foi, logicamente, o lado derrotado. E o Paraguai não perdeu apenas população, mas toda uma capacidade de crescimento e a força geopolítica que havia construído até ali.

(...) A Guerra do Paraguai repercutiu na consolidação dos estados nacionais uruguaio e argentino; foi o momento do apogeu da força militar e da capacidade diplomática do Império do Brasil, mas, de forma paradoxal, contribuiu para o acirramento de contradições do Estado Monárquico brasileiro, enfraquecendo-o. O Paraguai, por sua vez, tornou-se periferia da periferia, na medida em que sua economia se tornou satélite da economia da Argentina após o conflito.(DORATIOTO, 2002. p. 18).

No Brasil, os efeitos imediatos da guerra foram um exército muito mais provido e organizado do que no início do conflito; um ganho para os movimentos abolicionistas, devido ao contraste vivenciado pelos soldados negros que voltavam e encontravam o país ainda tão dependente econômica e socialmente da escravidão; e uma aceleração dos movimentos republicanos, tendo em vista o contato dos militares brasileiros com o exército dos países em volta.

Esses efeitos, como citado por Doratioto (2002), vão enfraquecer o Estado Monárquico Brasileiro, e são causas diretas para a Proclamação da República alguns anos após o fim do conflito. A abolição da escravidão retirou o apoio dos grandes latifundiários ao governo imperial, que veria os grupos republicanos se organizarem em torno da instituição do Exército, a qual, por meio de seu militar mais ilustre à época, Marechal Deodoro da Fonseca, herói da Guerra do Paraguai, proclamou o início da República dos Estados Unidos do Brasil.

Não são tantos os conflitos com uma esfera de influência tão grande quanto a Guerra da Tríplice Aliança, e mesmo esses escondem nuances e narrativas que nunca entram nos materiais gerais de estudo sobre o assunto. O conflito latino americano tratado neste ensaio contou com uma participação ainda mais abrangente do que só os exércitos de cada país. Eram as tropas que se tornariam o Exército Invisível.

O exército invisível

No grande conflito latino americano que foi a Guerra da Tríplice Aliança, alguns povos sangraram muito mais que outros. No Exército brasileiro, era comum a compra de patentes e de materiais de guerra, o que acabava por deixar para a população mais pobre a função de soldados rasos de primeiro ataque, sem recursos ou armas de batalha.

E essa população mais pobre aumentou consideravelmente no efetivo do Exército após o início da guerra. Antes do conflito, os militares se resumiam a condenados e alguns nobres mais antigos, como o Marquês de Caxias; e a instituição desse tipo mais poderosa era a Guarda Nacional, grupos militares locais que, na prática, acabaram servindo mais para manter o *status quo* das oligarquias regionais presentes.

O Exército paraguaio, muito mais preparado do que imaginavam seus inimigos, surpreendeu o Brasil com ataques diretos ao seu território, e obrigou o Império a encontrar formas de aumentar o grosso de suas tropas. Iniciam então as campanhas dos Corpos de Voluntários da Pátria *para canalizar o movimento patriótico que, num primeiro momento, levou muitas pessoas a se alistarem para lutar contra a invasão paraguaia do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso*(Fragoso, 1934:35-37, retirado de TORAL, 1995, p. 291).

Mas a guerra se prolongou, e ainda em 1865, *iniciou-se o recrutamento forçado para formação dos Corpos de Voluntários da Pátria, e o termo voluntários tornou-se uma piada.* (SCHULZ, 1994, p.59, retirado de TORAL, 1995, p. 291). Um líder de uma facção do Partido Liberal, o escritor Joaquim Manoel de Macedo, afirmou na época que *os brasileiros não se alistavam voluntariamente por acreditarem que só os pobres lutavam* (SCHULZ, 1994, p.61, retirado de TORAL, 1995, p. 293), e, se esses pobres que eram livres de relações de escravidão já não encontravam muitos meios de escapar do recrutamento forçado, quem dirá escravos ou indígenas que se vissem no meio do conflito.

Adriana Vargas Marques, pesquisadora da Universidade Estadual de Goiás, apresenta no artigo “Um Exército Invisível: a participação de indígenas na guerra contra o Paraguai” esse termo que tanto me provocou com sua riqueza de significado. Os grupos que entram em uma guerra, sofrem com ela, lutam, ajudam nas vitórias, morrem, mas nunca recebem absolutamente nenhum reconhecimento, nem durante nem após o conflito, atuam como um verdadeiro “exército invisível” em auxílio ao exército tradicional. Esses povos conhecem bem até demais os horrores da guerra, e ainda continuam passando por provações mesmo após o fim do conflito. Essa é a condição que acaba reunindo os negros, principalmente escravos, e os indígenas, que se veem no meio da guerra.

Em História geral, ao contrário, há realmente uma escolha de informações que segue um princípio hierárquico, sendo algumas fontes valorizadas em detrimento de outras; os arquivos do Estado gozam de maior consideração do que os privados, uma carta de Churchill é levada em conta com mais deferência do que o testemunho de um anônimo. A História tende a ser uma reprodução do discurso dos dirigentes, dos oponentes - em suma, daqueles que a contradizem. É a História oficial, mais vale dizer institucional, pois ela também é a História de todas as instituições, inclusive a dos oponentes.(FERRO, Marc, 1975, p.177)

Marc Ferro, grande historiador francês, levanta, em seu livro *Cinema e História* (1975), essa diferenciação das formas de História, e a partir dela, não fica difícil entender como o silenciamento do discurso atua nas mais diferentes especificidades da formação de uma memória coletiva, primordialmente em cima de povos historicamente subjugados.

Para o seguimento desta parte de Referencial Teórico, desenvolvo um pouco mais, separadamente, as nuances e contradições referentes ao recrutamento, participação e efeitos posteriores da Guerra da Tríplice Aliança; primeiramente para os escravos, em seguida para os indígenas (com enfoque no povo Terena).

- **A participação dos negros escravos na guerra**

Um dos temas relativos ao conflito da Guerra da Tríplice Aliança que mais me chamou atenção foram as incongruências nos diferentes relatos e estudos históricos a respeito da participação de negros, ex-escravos ou não, nos exércitos dos países beligerantes.

Tive um primeiro contato com essa problemática no já citado livro de Ruy Tapiocha, *“A República dos Bugres”*, nos capítulos em que ele insere os personagens fictícios de seu romance em algumas das batalhas da guerra, sempre tornando bem evidente e problematizando a presença de muitos negros, ou pelo menos batalhões formados quase exclusivamente por negros, apresentados com um desempenho excelente nas batalhas narradas. A título de exemplo, essa ficção histórica, utilizando fabulosamente o formato narrativo de inserção de personagens fictícios em contato com personagens reais, apresenta a figura de Dom Obá II D'África, personagem real de nossa história, filho de africanos forros, condecorado por sua bravura na guerra.

Essa também é uma situação explorada no livro que me chamou bastante atenção, a volta desses negros, muitos como heróis de guerra, e as discrepâncias que isso deve ter causado na sociedade extremamente racista e ainda tardiamente escravocrata do início da segunda metade do séc. XIX. Diante de todas essas curiosidades, debruicei-me sobre alguns artigos e trabalhos para tentar compreender um pouco melhor essa situação, e pensar na possibilidade de abordá-la em minha narrativa histórica, seguindo a ideia de apresentação dos conflitos por meio do olhar de figuras pertencentes a camadas mais baixas da sociedade.

“Soldados negros, ex-escravos ou não, lutaram em pelo menos três dos quatro exércitos dos países envolvidos. (...) Escravos propriamente ditos, engajados como soldados, lutaram comprovadamente nos exércitos paraguaio e brasileiro.”(TORAL, 1995. p.287).

Para abordar um pouco melhor essa participação escrava na Guerra do Paraguai, especialmente no exército brasileiro, nosso objeto de estudo predominante, faz-se necessária uma reflexão a respeito de dois temas cruciais tanto para a guerra quanto para a história geral do país: o problema da (ainda) presente escravidão do meio para o final do séc. XIX, e o já citado aumento e mudanças estruturais passadas pela instituição do Exército Brasileiro de acordo com as necessidades da guerra.

Na década de 1860, o Brasil era um dos poucos países que ainda resistia ao fim da escravidão, o que pode ser entendido pela dificuldade de substituir o enorme peso que ela desempenhava na economia do país. *A população brasileira em 1850, 14 anos antes da guerra, era de aproximadamente dez milhões de pessoas, das quais uma quarta parte era constituída de escravos* (GORENDER, 1994, p. 59, retirado de TORAL, 1995, p. 291), e muitos desses escravos acabaram por entrar no conflito, e, lutar pela pátria à qual nunca pertenceram verdadeiramente.

A rapidez necessária para o aumento do efetivo do Exército que iria para o campo de batalha promove o recrutamento forçado de uma série de pessoas, e os casos de substituição de homens mais abastados por escravos tornam-se bastante comuns. Além disso, são incorporados forçadamente também os escravos da casa imperial, de entidades religiosas, e de outros órgãos.

Esse recrutamento, entretanto, nunca pode ser resumido apenas pelas relações forçadas, que reforçam a apatia e falta de posicionamento desses grupos, o que não é verdade. Em diversos momentos, escravos fugiam de seus donos originais e tentavam se incorporar clandestinamente às tropas (que faziam vista grossa, dadas as necessidades), em busca da alforria prometida para os que retornassem. Além deles, muitos escravos, junto com a população mais pobre, fugiam das tropas, e iam para o mato tentar escapar da guerra por outro lado.

Enfim, a participação dos negros escravos na guerra ainda recebe alguma problematização dos materiais mais clássicos, mas normalmente são tratados como uma grande massa de manobra, incapaz de possuir ou produzir conhecimento e história, apáticos com relação aos acontecimentos. O projeto *Raízes da Guerra*, desde o início, com a definição da abordagem da questão negra e escrava no

conflito, sempre se propôs a tratar esses povos com respeito pela sua própria história, pela sua visão dos acontecimentos, e desenvolver personagens que sejam ativos perante as situações e problemas que surgem ou em que se colocam.

- **A participação indígena Terena na Guerra do Brasil com o Paraguai**

“Leon Pomer, assim como José Chiavenato, Ricardo Salles, Francisco Doratioto, e tantos outros autores que tratam da Guerra do Paraguai, consideram como agente, como povo participante e imprescindível na guerra, apenas as nações brancas, ou seja, argentinos e brasileiros (...). Não que os autores ignorem uruguaios e paraguaios, mas, apesar da intenção de revisar a história oficial, eles também não abordam a história da guerra contra o Paraguai a partir do prisma da participação de povos indígenas que se reconhecem enquanto nações indígenas e que não se enquadram nem como brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios...” (MARQUES. p. 2)

Devido às dificuldades apontadas por Adriana Vargas Marques na abordagem deste assunto multicultural nos trabalhos dos autores citados, todos clássicos no estudo da Guerra da Tríplice Aliança, busquei diferentes artigos mais específicos sobre a temática indígena no conflito, materiais sobre a história do povo Terena, e tive até a oportunidade de visitar o Centro Referencial de Cultura Terena, no Mato Grosso do Sul. Antes de falar especificamente sobre sua participação na guerra, é importante conhecer esse povo tão rico em cultura e história.

Para os estudos gerais sobre o povo Terena, encontrei o ótimo livro “A História do Povo Terena” (2000), produzido sob coordenação de Circe Maria Bittencourt. Este livro surgiu a partir de uma reunião de professores Terena em um Centro de Trabalho Indigenista, em 1994, que realizaram um trabalho de pesquisa de cultura oralizada que normalmente os livros de História pecam tanto em desconsiderar.

Segundo o livro de Bittencourt (2000) povo Terena habitava primordialmente a região do Chaco paraguaio, chamado de Êxiva pelos mais antigos. Eles provêm do tronco linguístico Aruak, um dos troncos predominantes da América do Sul, e faziam parte do grupo maior Guaná/Txané, composto também pelos povos Layana e Kinikinau.

Sabe-se que eles dividiam a região com povos Guarani e Guaikuru, e formaram alianças com os últimos. Em meados do séc. XVII, espanhóis e portugueses chegaram à região do Chaco, atraídos pelo ouro e pela prata da região

de Potosí, mais ao norte. Guerras mudaram os sistemas de aliança presentes, e muitos dos povos indígenas foram obrigados a se deslocar para o sudeste, fixando-se em áreas da Província do Mato Grosso (hoje em dia pertencentes ao estado de Mato Grosso do Sul).

Esses povos Guaná, ou Txané, se estabeleceram próximos a algumas vilas, dada sua característica de agricultores/produtores e as possibilidades de trocas comerciais com os brancos. Eles criam e praticam toda uma rede dinâmica de relações sociais e históricas definidas no mesmo território entre si e entre outros povos.

Com a descoberta de ouro no Mato Grosso no séc. XVIII, são criadas as cidades de Cuiabá, Albuquerque e Vila Maria, os fortes de Coimbra e de Dourados e o Presídio de Miranda, alterando as relações sociais da região, aumentando as trocas comerciais entre alguns povos e os brancos e os atritos entre outros e as novas cidades.

Os Terena acabaram por se estabelecer tanto próximos a essas regiões agora mais densamente habitadas, como próximo ao Forte de Coimbra e ao Presídio de Miranda, quanto distantes, na Serra de Maracaju, zona de mata mais densa e de acesso mais difícil.

Com a invasão paraguaia na região, decorrente da Guerra da Tríplice Aliança, muitos indígenas têm suas terras invadidas e são obrigados a abandoná-las e partir para regiões como a Serra de Maracaju. Muitos deles se apresentam voluntariamente (e também involuntariamente) no exército brasileiro para lutar por suas terras, normalmente as mais férteis da região.

Durante a guerra, os Terena participantes monitoraram movimentações inimigas, ofereceram resistência armada (com armas abandonadas pelo exército no Presídio de Miranda), serviram como guias das tropas brasileiras na região, e ofereceram fundamental ajuda com alimentos para as tropas famintas que chegavam à região da Serra de Maracaju.

Essas relações se tornam muito visíveis nos relatos de Visconde de Taunay, um engenheiro branco do exército brasileiro no período, e participa da Retirada da Laguna, importante momento de movimentação das tropas brasileiras. Com um relato bastante racista e determinista, Taunay cita a participação dos indígenas no conflito, comentando inclusive sobre um herói de guerra desses povos, chamado Pakalala, um grande guerreiro indígena.

Já relatos antigos dos próprio Terena, vistos no livro de Bittencourt (2000), mostram elementos ainda mais interessantes. Eles combateram os paraguaios com táticas próprias de seu povo, como o ataque noturno, a escolha de local com vegetação densa para o combate, e contam sobre um valoroso guerreiro indígena chamado KaliSiini. Muitas mortes ocorrem de todos os lados em meio a esses conflitos, e todos sentem suas consequências devastadoras.

O Governo Imperial Brasileiro não registra essa participação indígena na guerra contra o Paraguai para evitar indenizações e reconhecimento posteriores. Um comunicado oficial de Dom Pedro II com atualizações sobre a guerra para o povo no Rio de Janeiro não menciona uma palavra sobre a participação indígena no conflito, evocando a esses povos participantes essa triste alcunha de exército invisível, existente, vivo, decisivo, mas nunca reconhecido e até mesmo excruciado após o conflito.

Em artigo para o programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal da Grande Dourados, Jorge Eremites de Oliveira e Levi Marques Pereira citam uma fala bastante interessante de um antigo líder Terena, sobre sua participação na grande guerra. Ele conta que *eles receberam apenas três botinas por prestarem relevante trabalho ao país: duas no pé e uma na bunda* (OLIVEIRA e PEREIRA, 2007. p.17).

A guerra provoca um processo de desterritorialização muito grande e complexo para os povos indígenas da região. *Apesar de ter sido marcante a participação indígena no conflito, territórios indígenas foram objetos de cobiça e exploração durante o avanço das frentes econômicas de ocupação das sociedades nacionais* (OLIVEIRA e PEREIRA, 2007, p.3).

Já estava em vigor desde 1850 uma lei de terras que cria o conceito de terras devolutas, terras não ocupadas que se tornariam pertencentes ao governo, que poderia vendê-las a particulares. Após a guerra, muitas das terras indígenas de antes do conflito foram classificadas como terras devolutas, e vendidas a particulares das diferentes frentes econômicas que fossem para a região.

Inicia então um período complicado para os Terena, que são obrigados a trabalhar nas fazendas de gado que crescem cada vez mais. Esse trabalho normalmente se dava por uma relação de servidão muito próxima à condição de escravidão. As condições eram terríveis e os indígenas normalmente acumulavam dívidas para com seus patrões.

Com a Proclamação da República, vemos a criação do SPI – Serviço de Proteção aos Índios, e o esforço do governo em construir estradas de ferro e linhas telegráficas. Em missão no Mato Grosso do Sul, o Marechal Rondon conhece os Terena e empreende esforço para as primeiras demarcações de suas terras atuais.

Atualmente, os Terena lutam principalmente pela ampliação de suas terras na região do MS para algo mais próximo de suas terras originais. Diversas Terras Indígenas hoje sofrem com a superpopulação e a falta de terras para o plantio, enquanto conflitos com fazendeiros da região são bastante comuns.

A maior luta no momento é pela ampliação da Terra Indígena Buriti, próxima da região de Sidrolândia, de 2 mil hectares para 17,2 mil. Esse processo ganhou mais notoriedade com o assassinato de Oziel Terena, liderança do povo, na Terra Indígena, em 2013. Em decisão recente, o Superior Tribunal de Justiça manteve a ordem de reintegração de posse para os fazendeiros, dificultando ainda mais a vida do povo Terena na região.

Em entrevista com Newton Galache, Terena trabalhador da Funai, ele ressalta uma característica de seu povo fundamental para sua história e sua persistência na luta pelos seus direitos, a estratégia. Newton fala das dificuldades atuais de seu povo, a complicada questão identitária, a superpopulação e a dificuldade de praticar mesmo agricultura de subsistência nas terras reduzidas em que habitam hoje.

Cinema e História: a ficção histórica como potencialidade

Dentre os diversos formatos possíveis para expressão de um artista, a ficção histórica se coloca como um dos mais ricos, não apenas pela construção completa do contexto da narrativa, mas também por explorar nuances específicas da percepção do tempo e do estudo da História. Ela entra no território comum da história-narrativa, afinal, História é memória, e memória, interpretação.

Diante da completa impossibilidade de reconhecimento de todas as particularidades de um evento passado, seja há muito ou pouco tempo, criamos narrativas que interpretam os fatos conhecidos e os materiais estudados, mesmo nos estudos mais factuais. A memória e a interpretação estão cheias de elementos

ficcionais, por mais objetivas que elas tentem ser. As melhores ficções históricas surgem ao se explorar esse ponto de encontro.

Seria fácil imaginar que o cinema não é capaz de representar a realidade do passado; que, no melhor dos casos, seu testemunho é válido apenas para o que diz respeito ao que é atual. E que, além do mais, documentários e noticiários postos à parte, o real que ele propõe não tem mais realidade que o real de um romance. (...) Na escolha de temas, nos gostos da época, nas necessidades de produção, nas capacidades da escritura, nos lapsos do criador, aí é que se situa o real verdadeiro desses filmes, e não em sua representação do passado, o que é uma evidência. (FERRO, Marc, 1975, p.59-60)

Como muito bem observa Marc Ferro, a verdadeira essência de uma ficção que se proponha a representar algum período ou situação histórica é o conjunto de elementos referentes à sua produção, ou, no caso de um roteiro, a organização que o artista dá aos eventos e as inserções ficcionais colocadas para a criação da narrativa. Essa essência provém *da relação entre as fontes, fundamento de análise histórica -documentos, arquivos, etc - e o discurso que historiadores e artistas utilizam para dar conta do passado e de seus elos com o presente, ou para tornar essa relação inteligível.*(FERRO, Marc, 1975, p.176)

No fundo, a expressão de uma ficção histórica se dá por decisões, tomadas pelo ou pelos artistas que criam as obras, muito mais do que pela simples apresentação de algum panorama histórico por trás dos eventos da narrativa. Diante dessa percepção das decisões tomadas no decorrer da produção da obra, destaco mais um trecho interessante de Marc Ferro.

“A realização desses filmes levou a uma reflexão sobre a função da História, sobre a natureza dos gêneros que ela utiliza, sobre a ligação existente entre a escolha dos temas abordados e a prática que eles implicam. Aquilo que nem sempre é muito evidente quando se escreve um livro aparece imediatamente durante a realização de um filme. Por exemplo: a oposição flagrante entre a História dos historiadores e a História considerada como conservadora e como patrimônio de uma sociedade. Não penso que uma seja mais legítima que a outra, cada uma tem sua função. Quero dizer apenas que a realização de um filme coloca de maneira imperativa o problema do gênero a ser adotado e do ponto a ser escolhido para tratar tal e tal problema.”(FERRO, Marc. 1975. p.53).

Neste trecho, Marc Ferro apresenta a ideia da oposição que tanto moveu meu ímpeto de criação na construção da narrativa de Raízes da Guerra, a História dos historiadores e a História conservadora oficial. Como já abordado aqui nesta memória, a real vontade de pesquisa sobre o assunto da Guerra da Tríplice Aliança para a construção de uma narrativa vem exatamente das inconsistências

observadas na literatura canônica da história oficial, e mesmo no trabalho de alguns historiadores. A criação dos personagens Anacleto, escravo, e Terena, indígena, é uma resposta, ou uma provocação (ficcional, artística, logicamente), a essa dificuldade na obtenção de material sobre suas problemáticas no conflito; e as suas histórias são uma valorização dos elementos encontrados nessa pesquisa, mas fora do conhecimento comum do grande público.

A ficção histórica é uma potencialidade tremenda em diversos aspectos, seja narrativa, dada a riqueza de combinações possíveis para sua criação, seja de disseminação de informações, dada a aceitação que formatos como o cinema e a literatura tem entre o público. O cerne da ideia do roteiro de Raízes da Guerra veio do livro “A República dos Bugres”, de Ruy Tapioca, excelente ficção histórica.

Faço agora uma rápida passagem por alguns dos livros e filmes que inspiraram e auxiliaram no processo de escrita, destacando os aspectos que mais me chamaram atenção e que foram utilizados na construção de minha narrativa. Entretanto, o caminho todo traçado na definição dos personagens e da história será melhor desenvolvido na parte seguinte, a Metodologia.

- **A República dos Bugres, de Ruy Tapioca**

Utilizando de ampla pesquisa histórica, Ruy Tapioca recria e passa por diversos momentos marcantes do Brasil Imperial. Por meio de dois personagens principais, Quincas, filho bastardo de D. João VI, e Jacinto, escravo que ganha a liberdade e se torna padre, o livro vai desde a vinda da família real ao Brasil até a Proclamação da República, passando pela saída de D. Pedro I, o Golpe da Maioridade, a Guerra do Paraguai, sempre com a proposta de desmistificar estes eventos muitas vezes apenas glorificados na História tradicional. Esse foi o livro que me fez observar com outros olhos a Guerra da Tríplice Aliança, além de ter me conquistado com a ideia de apresentar a história com “as verdadeiras causas das coisas, a história vergonhosa”, como diria Antônio Torres no texto de orelha do livro.

- **A série de Sharpe, de Bernard Cornwell**

Bernard Cornwell é um dos maiores escritores de ficção histórica vivos. Ele criou algumas características de construção de narrativas históricas que foram seguidas por diversos outros autores, e a maior prova de sua excelência na construção desse gênero foi a fama que conseguiu emplacando alguns livros essencialmente de ficção

histórica em listas de bestsellers pelo mundo. Os primeiros trabalhos deste autor que tive contato foram alguns dos livros da série de Richard Sharpe, personagem fictício que se torna um oficial britânico no séc. XIX, e participa de todas as batalhas napoleônicas até tornar-se um herói de guerra e ganhar uma alta patente.

Nessa série, me chama muito a atenção a forma como Cornwell trabalha as personalidades históricas reais de uma maneira sutil, porém tão bem construída quanto todas as outras informações mais pontuais que ele trata ao descrever os combates. Os livros contam essencialmente a história de Sharpe, personagem fictício, mas, convivendo neste mundo, ele encontra com diversas personalidades presentes nos livros de história. E esses encontros não poderiam ser mais bem construídos. Eles ocorrem como um momento muito esperado, e normalmente com algumas falas e expressões, Cornwell consegue exprimir perfeitamente o que seria o comportamento dessas figuras segundo relatos e histórias.

- **Danton - O processo da revolução, de Andrzej Wajda**

Danton é um filme que se passa alguns anos após a Revolução Francesa (1789), e mostra os momentos de embate entre Georges Danton, antigo e respeitado revolucionário, e Robespierre, antigo revolucionário, mas agora líder do autoritário governo francês. Danton acaba na guilhotina, após um julgamento armado por Robespierre, e proporciona ao filme uma provocação extremamente interessante entre as nuances de um movimento revolucionário e um governo autocrático. Me interessa no filme o recorte muito bem feito de apresentar os elementos da Revolução Francesa a partir de eventos que ocorrem após conflito, e, por essas consequências, conseguimos entendê-lo até melhor.

- **Zama, de Lucrecia Martel**

Esta recente e provocante narrativa histórica me foi indicada por algumas pessoas enquanto realizava meu trabalho. O filme conta a história de Don Diego de Zama, funcionário da Coroa Espanhola nas colônias nas Américas, em uma pequenina vila. Ele aguarda ansiosamente sua transferência daquela terra selvagem para Buenos Aires, a capital do Vice-Reinado, mas eventualmente, se vê preso no desespero causado pelo cotidiano colonizador, pelo clima maçante da pequena cidade, e pelas falsas relações cordiais com os outros funcionários e pessoas da sociedade.

O filme me chama a atenção especificamente por apresentar o drama histórico de uma forma diferente da convencional, com um trabalho cinematográfico mais subjetivo na representação e construção do contexto. Abriu o pensamento para sair um pouco das formas mais tradicionais de ficção histórica às quais já começava a ficar preso.

Metodologia

A História e a Inspiração

Começo a definir melhor o formato de minha história ainda no ano de 2016, quando tive contato com uma ficção histórica brasileira chamada a República dos Bugres (2000), de Ruy Tapioca. A narrativa condensa ricamente diversos momentos históricos com dramas muito bem construídos, e logo me conquistou como leitor e abriu possibilidades como escritor. Entendi a importância da narrativa histórica, e sua potencialidade não apenas como meio de entretenimento, mas também como aprendizado, e como possibilidade de desenvolvimento dramático sobre eventos tão caros e importantes para a sociedade.

Decidi então me aventurar por este tortuoso território da ficção histórica, com já alguma consciência do enorme trabalho a ser dedicado para construção de narrativas deste tipo. É necessária uma imersão profunda nos elementos pertencentes aos eventos e ao cotidiano do período abordado.

A escolha dos eventos parte de provocações antigas, e uma efetiva vontade de estudar e compreender melhor a maior e mais devastadora guerra ocorrida em território latino-americano, a Guerra do Paraguai. Também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança, ou simplesmente Grande Guerra, foi um conflito de fundamental importância para o desenvolvimento das estruturas diplomáticas, sociais e econômicas de toda a Bacia do Prata (englobando Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil), e, conseqüentemente, de toda a América Latina.

Após a definição do período histórico, seria necessário começar a definir um formato de narrativa histórica que me permitisse desenvolver bem não apenas as características históricas do roteiro, mas também seu contexto subjetivo, desenvolvendo dramas que pudessem ser contemplados e gerar reações catárticas.

Busquei então formas de narrativa histórica diferentes, nos mais diversos meios artísticos, romances, contos, filmes. Os anos de leitura de ficção ajudaram bastante, e a profunda admiração por autores como Bernard Cornwell foram auxiliando na definição do caminho a ser seguido para a criação do formato da história que eu gostaria de contar.

Acabei optando por um caminho de micro história social, como gosto de definir. A micro história é uma definição de estudo histórico que reduz fisicamente o objeto de estudo a um ou poucos casos mais individuais, bastante representativos

seja pela personalidade analisada, seja pelo próprio caso, e acabam falando tanto (ou até mais) quanto um estudo panorâmico de todo um contexto.

Já a parte “social” representa o ímpeto de análise de personagens históricos que estejam em camadas subjugadas da sociedade, o estudo do período não por meio de ações tomadas por governantes e grupos mais abastados, mas sim o efeito dessas ações nas vidas de quem realmente sofre nos conflitos históricos.

O homem comum não tem poder de decisão nenhum nas relações geopolíticas, sejam internacionais ou locais, e acaba travando guerras para defender grupos com os quais ele necessariamente nem se identifica, sob uma bandeira que ele nem conhece, para se manter numa terra que em verdade nem é sua. E muitos morrem para defender os interesses de pessoas que, não raro, tomam suas decisões por motivos bastante fúteis.

Essa reflexão evoca ao Exército Invisível, o grupo que luta, que se faz presente no conflito, e nunca recebe algum reconhecimento por isso. Essas ideias foram conduzindo minha pesquisa e conseqüentemente toda a criação narrativa.

Até este momento, eu havia conseguido definir o formato de ficção histórica que iria utilizar. Precisava agora começar a entender melhor o conflito, e selecionar os eventos e situações que me poderiam ser úteis para começar a dar as linhas da história que estava desenvolvendo, e conseguir definir um local comum e personagens que o habitam.

Falo aqui como etapas separadas, mas logicamente todo o processo foi ocorrendo de forma una, orgânica, dentro da pesquisa que estava sendo realizada.

A presença e a participação de negros e escravos no conflito já era de meu conhecimento, mas o estudo das formas como isso ocorreu, da importância destes homens para o conflito, e da essencialidade dessa participação para os movimentos abolicionistas posteriores, definiram a vontade de levantar essa problemática em minha história. Surge a figura de Anacleto, negro, escravo, que descobre ser filho de seu senhor, e praticamente foge do local para se juntar às tropas e buscar a alforria prometida aos escravos que participassem.

Mas eu sabia que só a história de Anacleto ainda não seria suficiente para abordar diversas problemáticas da guerra que eu gostaria de tratar. E seu contexto era uma coisa mais geral, fazendas de escravos existiam no Brasil inteiro, e em todas as províncias houveram casos de escravos que tentavam fugir para se

incorporar ao exército, atrás da alforria prometida aos combatentes. Ainda haviam outras decisões a se tomar.

A participação indígena no conflito foi algo que me pegou um pouco de surpresa, por, em verdade, nunca haver nem pensado sobre isso. A história dos povos não brancos na Guerra da Tríplice Aliança foi tão apagada que por vezes não é conhecimento comum nem entre os representantes contemporâneos das etnias participantes no conflito. Os livros mais canônicos de estudo da guerra até trabalham a questão dos negros e dos escravos, mas relegam a questão indígena a um esquecimento tão profundo, que é necessária a procura por artigos especializados nessa problemática para poder entender melhor a situação. Inclusive, o livro que mais me acompanha em todas as pesquisas gerais sobre o evento, *A Guerra Maldita* (2002), de Francisco Doratioto, também possui essa limitação.

O estudo dessa literatura mais especializada, além de confirmar essa participação indígena, mostra que ela ocorreu de formas ainda mais diversas do que havia imaginado. A partir disto, consegui definir o personagem que faltava para completar a narrativa, e o local onde a história teria que se passar. Surge Terena, indígena que trabalha como guia na região da Província do Mato Grosso, e vê as terras de seu povo invadidas e ocupadas pelo exército paraguaio. Ele primeiramente se organiza com seu povo para defender o território, e, com a chegada das tropas, se torna guia do exército.

Foi natural a escolha da Província do Mato Grosso, mais especialmente a região sul da província, como terreno comum de acontecimento dos eventos da trama, já que foi um dos poucos territórios brasileiros efetivamente invadidos e ocupados pelo exército paraguaio. E, não diferente de quase todo o Brasil (principalmente para o interior do continente), o território era em larga escala ocupado por povos indígenas diferentes, que naturalmente assumiram papéis, mais efetivos ou não, nos conflitos que tanto alteraram seu cotidiano. A cidade de Miranda, escolhida para estar próxima às terras indígenas dos Terena, contava realmente com uma presença indígena forte, mesmo quando era apenas uma vila, além de ter sido o local de encontro das tropas que foram defender a região.

A escolha pelo povo Terena para representação na história ocorre por ser um povo pacífico, agricultor, que não ajudaria na guerra apenas com efetivo de batalha, mas também com outras funções que eu gostaria de representar na narrativa, como é o caso de Terena, que se torna guia dos militares pela região. Eles foram também

bastante afetados pela guerra, perderam suas terras, fugiram para a Serra de Maracaju, restando alguns grupos de resistência.

A riqueza narrativa dessas histórias reais foi logo incorporada ao roteiro, e o clímax da história de Terena, cujo nome é uma representação geral do povo, se torna o momento em que ele volta para as terras de seu povo depois de uma viagem a Corumbá (primeira cidade atacada), e encontra tudo destruído e queimado. Ele encontra os grupos de resistência ali, e viaja então até a Serra de Maracaju para encontrar seus pais, com a promessa de que voltaria para ajudar na defesa do território.

Após o esperado encontro com os pais, Terena retorna à Miranda, e lá, auxilia as recém-chegadas tropas famintas, até a chegada do comandante que viria de Corumbá. Ao final, incorpora-se ao regimento militar organizado pelo Coronel Carlos de Moraes Camisão, como guia dos militares.

Essa escolha da incorporação dos personagens à tropa que foi defender a região do Mato Grosso foi decidida durante uma viagem realizada para a região. Depois de passar pelas cidades de Miranda MS, Bonito MS e Corumbá MS, e reunir diversas experiências e conversas com diferentes pessoas, entendi a relevância dessa tropa que conhecia apenas pelo nome do evento em que participou, A Retirada da Laguna.

Após a viagem, li o relato de Alfredo Taunay sobre esse interessante evento, e vi seus comentários a respeito de indígenas participantes na tropa, incorporados na região, além de escravos de todo o Brasil. A Retirada da Laguna seria o evento em que a tropa em questão invade o Paraguai pelo Norte, saindo da Província do Mato Grosso, chega até a fazenda Laguna, próxima de Concepción, e em seguida, se vê obrigada a retirar-se, devido a falta de recursos. Coloquei essa referência final indicando a sequência de acontecimentos que viriam a ocorrer com os personagens, sem mostrar, entretanto, esses momentos da guerra propriamente dita. O projeto se chama exatamente Raízes da Guerra pelo enfoque dado aos momentos anteriores à guerra, vividos pelos personagens, e a abordagem de como eles acabam parando no meio de tão sangrento conflito.

Nesse momento, consegui formar um interessante esqueleto de narrativa, com dois personagens principais, Anacleto e Terena, abordando as temáticas da guerra que eu gostaria, as participações tanto de escravos quanto de indígenas, em um local comum onde o conflito se inicia, a Província do Mato Grosso, com ambos

se incorporando a uma tropa específica ao final do filme, o Regimento que participaria da Retirada da Laguna, e entrando definitivamente na guerra. Precisava agora analisar a geografia da região para entender melhor a localização de locais importantes e como funcionava o transporte entre eles, e realizar uma pesquisa com detalhes interessantes que pudessem corroborar ainda mais o contexto desenvolvido.

O estudo de mapas da região me deu alguma ideia a respeito da distância entre os locais que entrariam na narrativa, mas só pude entender verdadeiramente a situação quando fui até o Mato Grosso do Sul. Já era de meu conhecimento a não casualidade do nome Mato Grosso, sendo a vegetação realmente muito densa e de difícil locomoção. Mas além disso, pude observar o quanto as terras ficam alagadas, e a grande distância em terreno plano entre um lugar e outro.

Mover uma grande tropa na região era algo quase impensável, por isso apenas um grande destacamento saiu das Províncias de Rio de Janeiro e São Paulo para retomar o local. O transporte de pessoas pela Província do Mato Grosso era preferencialmente fluvial, por conta da quantidade de rios e afluentes, tanto por parte do exército, com suas embarcações a vapor, quanto por parte de alguns povos indígenas, com barcos menores, mais rústicos e mais velozes. Sendo realmente por terra, ocorria com o uso de cavalos, que conseguiam aguentar o terreno alagado.

Terena, então, como guia, morando na região de Miranda, colada no Rio Mbotetey (mais tarde conhecido como Rio Miranda), realizando incursões para Corumbá e outras cidades próximas (todas bem conectadas fluvialmente), precisa de um barco, mas que seja simples, adequado à sua atividade profissional. Já Anacleto, escravo de uma fazenda, e portanto mais dependente do transporte terrestre, se torna criado pessoal do Barão João Pereira, o dono da fazenda, e o acompanha em suas viagens até as cidades mais importantes da província, como Cuiabá e Corumbá. Eles fazem essas viagens todas à cavalo, ou Anacleto opera uma carruagem da fazenda.

Resolvidas as questões do transporte de meus personagens pelo espaço, restavam apenas aqueles detalhes que poderiam corroborar a história, como um costume comum da região, figuras históricas que poderiam aparecer na narrativa, elementos importantes do período.

Quando realizava uma pesquisa sobre fazendas históricas da antiga Província do Mato Grosso, para começar a ambientar a história de Anacleto, encontrei a

Fazenda Jacobina, uma das mais antigas e maiores da região. Mas o que realmente me chamou a atenção foi uma presença ilustre que viveu seus últimos anos neste local.

Francisco Sabino Vieira, médico baiano, organizou na Bahia um dos maiores movimentos emancipacionistas do período regencial brasileiro, que até ganha seu nome, a Sabinada. A revolta foi logo abafada pelas tropas brasileiras, e Sabino, condenado à prisão perpétua no Real Forte do Príncipe da Beira, importante edificação militar hoje no estado de Rondônia. No caminho para lá, o líder revolucionário escapa das tropas que o escoltam, e acaba parando bem mais ao sul de onde estava, na Fazenda Jacobina, dentro da Província do Mato Grosso. Sabino pede ao dono da fazenda na época asilo, que lhe concede. Ele vive seus últimos anos na fazenda, e acaba morrendo de malária posteriormente.

Esse era exatamente o elemento necessário para dotar Anacleto com um pensamento mais crítico, algo não necessariamente comum na época. Coloco Sabino como uma espécie de mentor do menino, ensinando-o também a ler e a escrever, com a aprovação do Barão, logicamente. Com isso, fecho também a ideia do início da minha narrativa, começando com uma espécie de prólogo, apresentando um pouco do universo onde os personagens estão inseridos.

Como a narrativa conta a história de Anacleto e Terena paralelamente, também pensaria em elementos que pudessem encaixar nesse prólogo na história do indígena. Penso em passar um pouco mais dos elementos culturais do povo, sua história e suas tradições oralizadas, mas encaixar com alguma problemática que seja interessante. Encontrei o elemento quando estudava sobre a história dos povos indígenas na Província do Mato Grosso, e descobri que o contato deles com os brancos já ocorria há muito tempo.

Existiam povos indígenas que habitavam áreas próximas aos quartéis e construções militares, praticamente as únicas instituições em funcionamento no interior da província. Os Terena, como um povo agricultor e acostumado a tratar as situações com acordos e combinados, aproveitava essa presença dos brancos ali no território, e realizava vantajosas trocas de utensílios com eles. Adiciono então, aos momentos de crescimento de Terena, o início do contato mais próximo com os brancos, sendo o pai dele, Kaxé, um dos grandes incentivadores dessa situação. Como complemento, coloco o elemento cultural da presença de um xamã do povo, que pensa e faz previsões a respeito desse novo contato, enquanto muitos dos

outros indígenas se assustam por conta do histórico de conflitos que os brancos traziam.

Além destes elementos, a inserção de Sabino e o prólogo de Terena, descobri, no estudo geral sobre a guerra (mais especificamente no livro *A Guerra Maldita*), que o general comandante de uma das tropas que invade o Brasil, Francisco Isidoro Resquín, faz uma viagem pelo território da Província do Mato Grosso disfarçado como um comerciante paraguaio, antes do início do conflito. Coloquei também esse elemento na narrativa, sendo uma das pessoas que contratam o serviço de guia de Terena, e depois, no decorrer da guerra, deixa-o ir no momento em que poderia ser capturado ou morto pelo exército paraguaio.

Todo este caminho de construção da narrativa foi bastante árduo, mas, ao mesmo tempo, engrandecedor. Pude entender um pouco melhor como funcionam os mecanismos de uma ficção histórica, conheci verdadeiramente aspectos diferentes do período que me propus a desenvolver, e venci diversas dificuldades e barreiras da construção de uma história de tal magnitude. Isso tudo me proporcionou um amadurecimento muito grande, tanto como pessoa, quanto como artista.

A sequência do trabalho prático

Uma das dificuldades realmente enfrentadas no decorrer da produção de meu roteiro foi colocar em prática as ideias que já me ocorriam há algum tempo. Comecei a estudar sobre o período e ter ideias para a narrativa muito cedo, mas demorei para começar efetivamente a escrita, e o final do trabalho acabou sendo um pouco mais corrido do que eu havia imaginado.

Comecei o processo tentando escrever um argumento para a história, mas, pelo fato de ter dois personagens e desenvolver duas histórias diferentes, mas que se complementam, senti a necessidade de escrever dois argumentos, um para Anacleto, e outro para Terena. Cada argumento tratava das problemáticas de cada um, mas ambos tinham pontos de conexão que seriam desenvolvidos no momento da divisão em cenas.

Após a escrita do argumento, necessitava clarear em minha cabeça o contexto e a história pessoal de meus personagens. Esse foi um momento que acabou ficando menor, pois muito de sua história e de seu desenvolvimento seria abordado no roteiro (que contava até com um prólogo).

Após isso, começo efetivamente a estruturar a minha história, realizando, aconselhado pelo professor Pablo Gonçalo, meu orientador, uma escaleta de divisão das cenas e sequências do meu roteiro. Esse foi o momento de verdadeiramente estruturar a narrativa e a sequência de eventos que aconteceriam no roteiro, entender todo o “esqueleto” da história. Além disso, pude compreender melhor e trabalhar os efeitos de ritmo e continuidade dentro da narrativa.

Após essa divisão, mesmo que ainda não completamente fechada, comecei a trabalhar cena por cena, com calma, procurando criar as características narrativas que as sustentassem. Já havia lido o livro *Story*, do Robert Mckee, há algum tempo, mas nesse momento, Pablo me emprestou o mais novo dele, *Dialogue*.

Esse livro de Mckee me foi extremamente útil, principalmente porque possui um estilo de escrita que explora bastante os diálogos como construção dos personagens e do contexto. Pude refiná-los um pouco melhor depois da leitura de partes dele e de uma correção do orientador.

Ao final, juntei todas as cenas que havia escrito, tanto de Anacleto, quanto de Terena, e comecei a organizá-las de acordo com o planejado na escaleta. Vendo as diferenças que naturalmente ocorriam entre o planejado e o que eu havia escrito, pude melhor compreender que, apesar de tentarmos mecanizar um pouco o processo de escrita de um roteiro (até para que ele efetivamente ocorra), ainda será, ou deverá ser dotado de uma organicidade importante para a própria consolidação da narrativa.

Considerações Finais

Ao final de todo este processo, sinto-me plenamente realizado com relação aos trabalhos que poderiam ser realizados nos tempos de aluno da Universidade de Brasília. Desde o começo do curso havia colocado essa meta, de sair de lá com algum material que pudesse ser realizado, e assim permitir o início da minha pretendida trajetória como roteirista.

Esses meses, ou anos, de pesquisa, criação, construção e escrita do meu roteiro me provam que sou mais do que capaz de realizar trabalhos de grande magnitude, procurando manter um bom padrão de qualidade. Acima de tudo, o último desafio dessa instituição que tanto me ensinou no decorrer do tempo trouxe o amadurecimento e a hora de aplicar os conhecimentos que eu havia adquirido no decorrer do curso. Hoje, consigo entender o tanto que os outros semestres de estudo foram base para culminar neste grande momento de apresentação de um projeto no qual me dediquei com tanto afinco.

O amadurecimento que esse último ano de Universidade me provocou é ainda mais fundamental neste momento de saída e mudança de vida, para manter as reflexões e as inquietações presentes no decorrer de meus trabalhos. Esses momentos de caos criativo acabam por deixar diversas ideias e possibilidades de trabalhos que vão muito além daquele inicial pensado.

Começo um estudo mais profundo da Guerra da Tríplice Aliança com o intuito de desenvolver um roteiro de longa-metragem que aborde um recorte específico do período, mas o conhecimento gerado a partir deste estudo cria diversas outras possibilidades de narrativas em minha cabeça, inclusive para tratar de problemáticas ou situações interessantes que tive que deixar de fora deste trabalho. Espero ter iniciado uma frutífera sequência de trabalho abordando os aspectos ainda pouco explorados, mas extremamente importantes, da Guerra contra o Paraguai; e não parar apenas nela, abordar também outros eventos que provoquem essa inquietação ou sejam esquecidos pelo imaginário popular.

Raízes da Guerra, olhando de uma forma realista, é um processo em continuação, que encontra seu primeiro grande desafio nesta avaliação como um Trabalho de Conclusão de Curso. Acima de tudo, é um projeto pessoal, que conta

com meu profundo interesse para desenvolvê-lo da melhor forma possível, e assim o espero no decorrer do próximo ano.

O que apresento aqui, para esta banca, é o resultado de dois anos de pesquisa histórica, construção de narrativa e escrita de roteiro, mas ao mesmo tempo o primeiro tratamento de uma história que ainda vai ser bastante revisada, atualizada, modificada, e mesmo reescrita em momentos necessários. O filme ainda está no processo orgânico de construção de suas nuances, e definição de sua estrutura final.

Tudo isso ocorre, logicamente, por este ser um projeto que extrapola o campo acadêmico, e ainda precisa seguir um longo caminho até chegar no produto final de uma ideia de roteiro, que é o filme propriamente dito. Tenho grande interesse que Raízes da Guerra seja filmado, portanto, seguirei no futuro próximo trabalhando em cima do roteiro, agregando os elementos observados pelos experientes membros da banca, e tentando desenvolvê-lo de forma a extrair o melhor texto possível da história em questão.

Sou extremamente grato por todo esse aprendizado proporcionado pela Universidade de Brasília, um dos melhores lugares que já frequentei, e por todos os mestres que passaram pela minha trajetória, cativando sempre e cobrando nos momentos necessários. Espero ter correspondido tudo isso que sempre recebi com esse trabalho de difícil realização, mas extremamente gratificante.

Bibliografia

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes; LADEIRA, Maria Elisa. *A história Do Povo Terena*. Centro De Trabalho Indigenista, 2000.
- CORNWELL, Bernard, and Montse Batista. *Sharpe*. Edhasa, 2003.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra Nova história Da Guerra Do Paraguai*. Companhia Das Letras, 2002.
- FERRO, Marc. *Cinema e história*. Paz e Terra, 2010.
- MARQUES, Adriana Vargas. “Um exército invisível: a participação de indígenas na guerra contra o Paraguai.” *Revista Urutágua*, no 10, 2006.
- MCKEE, Robert. *Dialogue: the Art of Verbal Action for the Page, Stage, Screen*. Twelve, 2016.
- MCKEE, Robert. *Story: Substance, Structure, Style, and the Principles of Screenwriting*. Methuen, 1999.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de; PEREIRA, Levi Marques. ““Duas no pé e uma na bunda”: da participação terena na guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança à luta pela ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti.” *Revista Eletrônica História em Reflexão*, vol. 1, no. 2, 2007, ISSN: 1981-2434.
- TAPIOCA, Ruy. *A república Dos Bugres*. Rocco, 2000.
- TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A Retirada Da Laguna: episódio Da Guerra Do Paraguai*. Ediouro, 1990.
- TORAL, André Amaral De. “A Participação Dos Negros Escravos Na Guerra Do Paraguai.” *Estudos Avançados*, vol. 9, no. 24, 1995, pp. 287–296., doi:10.1590/s0103-40141995000200015.

Raízes da Guerra
de
Diego Sales de Castro

Argumento

Anacleto

Anacleto é um negro, escravo, descendente de povos originários da Angola, mas nascido na maior fazenda da Província do Mato Grosso. Sua mãe é Maria do Rosário, antiga curandeira convertida ao catolicismo, mas que ainda realiza atividades curativas nos escravos da fazenda às escondidas. Anacleto sempre teve uma criação diferenciada, podendo conviver com o filho de seu senhor, o Barão João Carlos Pereira Leite.

Anacleto sempre ajudava sua mãe em rituais e em partos de mulheres da região, e lhe prometia que algum dia iria conseguir a liberdade para ambos.

Dentro da fazenda, ele vê o tratamento recebido pelos seus irmãos de cor, e cria revolta sem entender o porquê de receber um tratamento diferenciado.

Um dia, aparece na Fazenda o Dr. Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira, líder da Sabinada, fugindo de sua sentença no Forte de Coimbra, e pedindo asilo ao Major, que o concede.

Anacleto acompanha então, a decadência e fim da vida de Sabino, e se contagia com suas ideias de defesa do povo e seus interesses.

Passam alguns anos. Após a morte de Sabino, Anacleto vive sonhando em sair da fazenda, e arranjar alguma forma de comprar também a liberdade de sua mãe.

Anacleto acompanha o Barão em uma viagem até a cidade de Corumbá. Lá, ele vê rapidamente o índio guaná Terena, no momento em que saía da cidade.

De volta à fazenda, Anacleto anda pelas terras ouvindo os ensinamentos de sua mãe, até que vai ajudar os outros escravos nas plantações. O barão o vê, o chama para conversar, e acaba por revelar que Anacleto é seu filho, fruto de abusos antigos sobre Maria do Rosário.

Ao retornar para a Fazenda, Anacleto reúne seus pouquíssimos pertences e solicita se unir ao exército imperial na luta contra o Paraguai, visando sua alforria e a obtenção de dinheiro para a compra da de sua mãe. Na presença de outros generais, o Barão se vê obrigado a aceitar.

Anacleto se une às tropas brasileiras de invasão ao Paraguai. Após muitos meses na desolação da guerra, vendo seus companheiros caírem, ele encontra seu final com o grupo da Retirada da Laguna, que invade o Paraguai sem forças e estrutura suficientes, e acaba retirando-se forçadamente e perdendo quantidades enormes de homens no meio do processo.

Terena

Uma paisagem estonteante em pleno pantanal sul-mato-grossense. Terena, ainda criança, e seu pai saem da Vila de Miranda, onde troca alimentos de suas roças por produtos úteis fabricados pelos brancos. Eles retornam às terras de seu povo, que havia se estabelecido próximo à vila.

Terena e Kaxé são conhecidos por todos em sua aldeia. Quando passam por lá, sempre mostram as roças que os indígenas cultivam, com mandioca, milho, tabaco.

Entre visitas inesperadas e encontros ao acaso, os indígenas estreitam as relações com os brancos, e fazem mais trocas com eles. Terena, sentindo-se mal, é atendido pela mãe, uma das maiores koixomunetis (xamãs) do povo. Ela realiza um ritual e, ao pressentir problemas para Terena, o aconselha a se cuidar.

Passam alguns anos. Terena agora é um jovem guia da região, trabalhando pelo território do Mato Grosso e arredores do Rio Paraguai.

Ele guia um comerciante paraguaio, Francisco Resquín até o porto de Corumbá. Lá, Terena avista rapidamente Anacleto, que se encaminha para a saída da cidade com seu senhor.

Na volta para as terras indígenas, Terena encontra um irmão de seu povo, e eles voltam conversando sobre a região e as mudanças dos últimos tempos.

Alguns meses depois, Terena ouve um boato sobre a presença de membros de alguma comissão de demarcação na área, e logo vai a Corumbá preocupado.

Ele corre até a administração da cidade para pegar informações, mas descobre que os homens da comissão faziam apenas um reconhecimento da região por causa da recente

apreensão do vapor brasileiro Marquês de Olinda, que navegava pela Baía do Prata.

No dia seguinte, a cidade de Corumbá é atacada por tropas paraguaias. Terena corre para sair da cidade, e, vendo todo o exército e população fugindo, consegue sair em direção a Miranda, preocupado com as terras de seu povo e com seus pais.

Quando chega à vila, seus medos se confirmam. Ela está deserta, saqueada e destruída. Ele se desespera, mas, no meio da vegetação, surgem pessoas de seu povo, com armas do exército nas mãos.

Eles o levam para o local de reunião dos dissidentes, enquanto explicam que o comandante do Presídio de Miranda ordenou a retirada da cidade. Alguns civis e os indígenas ficaram para trás, e os mais corajosos pegaram as armas deixadas pelos militares no presídio e começaram a defender as terras.

A vila é incendiada, mas os homens armados conseguiram garantir a retirada das outras pessoas, incluindo os pais de Terena, que foram para a Serra de Maracaju, região bem conhecida pelos indígenas. Ele, então, deixa os homens que defendiam a vila e se dirige a Serra de Maracaju, preocupado com seus pais.

Ele encontra os pais em um momento bastante comovente, e ao voltar, encontra uma tropa brasileira desfalecida na Vila de Miranda. Terena ajuda a cuidar dos doentes, e quando o General Carlos de Moraes Camisão, o comandante da tropa, chega na cidade, negocia com ele para se tornar o guia da expedição.

Descrição dos personagens

Anacleto: Um negro escravo nascido e criado na maior fazenda da Província do Mato Grosso, propriedade do Barão João Batista Pereira, tido como coronel da região. Anacleto nunca teve notícias de seu pai, apesar das muitas perguntas feitas à sua mãe, Maria do Rosário, escrava um pouco mais antiga da fazenda, e parteira e curandeira da região.

Quando criança, Anacleto convive e aprende muito com João Sabino Vieira, líder da Sabinada, que chega à fazenda fugindo das tropas imperiais e de sua sentença a ser cumprida no Forte de Coimbra. Com autorização do Barão, seu amigo, Sabino vive seus últimos anos na fazenda, e cria uma amizade e um apreço pelo menino Anacleto, ensinando-o diversas lições sobre a vida e uma maior conscientização sobre a realidade e a construção social.

Já mais velho, Anacleto se torna criado pessoal do Barão. Após uma conversa com os escravos da senzala, descobre a possibilidade de ser filho do Barão, e começa a criar um plano para poder comprar sua liberdade e a de sua mãe, e eles deixarem a fazenda para sempre.

Terena: Indígena da nação guaná, mora com seu povo nas terras próximas a Vila de Miranda, na Província do Mato Grosso. Quando pequeno, vê o estreitamento de relações entre seu povo e os brancos (chamados por ele de purutuye), por meio, principalmente, de trocas de ferramentas úteis.

Quando se sente mal, Terena é atendido pela mãe, Harara, uma koixomuneti (xamã) do povo, que prevê grandes mudanças e grandes dificuldades para a vida do menino.

Quando cresce, Terena se torna guia da região pela sua inteligência. Por causa da posição das terras de seu povo, elas são invadidas também pelo exército paraguaio no ataque direcionado ao Brasil, e Terena acaba por entrar no exército para guiar os caminhos que a expedição tomaria.

Maria do Rosário: Mãe de Anacleto, escrava doméstica da fazenda do Barão João Pereira, e a única parteira da região. Quando nova, foi estuprada pelo Barão e engravidou dele. Sabendo do filho, o Barão permite que ela viva na casa, e torna o menino seu criado pessoal.

Maria do Rosário é forte, e suporta as mais diferentes pressões para criar o filho bem e lhe dar mais oportunidades do que ela teve. Não faz questão de ter sua liberdade e sair da fazenda, mas quer que o filho possa.

Barão João Pereira: Dono da maior fazenda da Província do Mato Grosso. O Barão é pai de Anacleto, fruto de um estupro quando Maria do Rosário ainda era jovem. Ele a permite viver e criar o filho na casa grande, e acaba preparando o menino para se tornar seu criado pessoal.

O Barão João Pereira não aceita a venda da liberdade de Anacleto e de Maria do Rosário, e tenta impedir qualquer esforço do filho. Quando é contrariado, ainda demonstra alguma forma de preocupação, só não se sabe se pelo escravo ou pelo filho.

Francisco Sabino Vieira: Foi o líder da Sabinada, movimento emancipacionista ocorrido na Bahia no período regencial brasileiro. Após a repressão do governo, Sabino foi preso, e condenado à prisão perpétua no Forte do Príncipe da Beira, em Rondônia. No caminho para lá, ele foge, e vai parar na maior fazenda da Província do Mato Grosso, do Barão João Pereira.

Francisco Sabino torna-se professor de Anacleto, e muito mais do que lhe ensinar a ler e a escrever, lhe ensina sobre a vida, sobre as injustiças, lhe dá um pensamento crítico. Sabino mora na fazenda até o fim de sua vida, por malária.

Kaxé: É o pai de Terena, e um dos primeiros a iniciar as trocas entre os indígenas e os militares do Presídio de

Miranda. Kaxé é cordial, calmo, e analítico. Ele entende o perigo da presença próxima dos brancos, mas acha melhor criar boas relações para evitar qualquer problema.

Kaxé viaja muito, e é sempre acompanhado pelo filho, Terena, com quem desenvolve uma relação de muita proximidade. Kaxé permanece próximo do filho mesmo quando ele vira adulto.

Harara: É a mãe de Terena, e uma das melhores Koixomuneti (xamã) do povo. Tem um contato com o mundo dos espíritos, e sabe muitas coisas sobre a vida e a natureza. Sempre aconselha Terena da melhor forma possível, e ainda produz boa parte das cerâmicas negociadas por Kaxé com os militares.

Harara é a guia espiritual de Terena, uma lucidez no meio de tantas coisas diferentes que acontecem com ele.

Jacinta: Moça humilde de Corumbá. Tem uma filha bebê, e costumeiramente cuida de seus sobrinhos. É resgatada, junto com as crianças, por Terena, no momento em que ele foge da guerra de Corumbá. Acaba criando uma relação próxima com ele.

ATO 1

Sequência 1

CENA 1

Anacleto, ainda na faixa dos 9 - 10 anos, dorme no quarto com sua mãe, no casarão da fazenda. Eles são despertados por batidas na porta. Uma das escravas está dando a luz na senzala. Maria do Rosário, mãe de Anacleto e única parteira até a próxima cidade, se apressa para lá.

CENA 2

Anacleto e Maria do Rosário chegam até a senzala, e o menino ajuda sua mãe no parto.

CENA 3

Terena, também com 9 - 10 anos, acompanha o pai saindo da vila de Miranda e retornando às terras indígenas ali próximas.

CENA 4

Anacleto passeia pelas plantações, e os escravos em volta o olham de forma estranha. Ele vê os filhos dos escravos ajudando também no trabalho, mas volta para seus poucos afazeres dentro da Casa Grande da fazenda.

CENA 5

Vemos Terena andando pela terra indígena com o pai. Observamos o funcionamento da sociedade, suas plantações de milho, cana-de-açúcar, mandioca. Todos ali parecem conhecer Terena e seu pai, e os cumprimentam quando passam. Eles se deparam com um grupo que havia sido atacado por Guaikurus, outro povo indígena da região, e acabam por conversar sobre a presença dos brancos nas vilas próximas.

CENA 6

Terena fica em casa com sua mãe, enquanto o pai vai conversar com o chefe do grupo. O menino pergunta à mãe sobre os brancos e os Guaikuru, e ela lhe conta sobre a história do seu povo.

CENA 7

Anacleto trabalha na Casa Grande quando ouve uma agitação na entrada da casa. Ele vê o barão João Batista Pereira, dono da fazenda, chegando acompanhado de João Sabino Vieira, antigo

líder da Sabinada, que havia fugido da coluna militar que o levava à prisão. Sabino conversa com o barão enquanto Anacleto serve a mesa, e ouve o barão permitindo que Sabino more na fazenda por enquanto.

Sequência 2

CENA 8

Homens do exército chegam à entrada das terras indígenas. Todos ficam bem preocupados, mas o pai de Terena explica que os havia chamado para eles fazerem mais trocas comerciais, como ele fizera em Miranda dias antes, e ganhara uma série de itens bem úteis. Eles aceitam então, e combinam de realizar essas trocas com mais frequência.

CENA 9

Anacleto anda pela fazenda com sua mãe falando sobre Sabino. A mãe diz que ele é um homem bom, e que era para o menino não ter medo de falar com ele. O menino questiona as diferenças de tratamento que eles recebem em comparação com outros escravos, mas a mãe apenas desconversa.

CENA 10

Terena recebe o pai, que volta de mais uma viagem à vila de Miranda. O pai vai lhe mostrar os itens que conseguiu, mas percebe o menino preocupado. O pai o leva então até o pajé do povo.

CENA 11

Anacleto conhece Sabino, enquanto este observa os escravos trabalhando. Eles conversam, e Sabino lhe conta sobre o movimento que havia liderado. O menino ouve com interesse, mas percebe os olhares dos outros escravos que trabalham nas plantações. Pouco à vontade, volta aos trabalhos dentro da casa.

CENA 12

Terena é atendido pelo pajé de seu povo, que fala das complicações que vê na aproximação com os brancos (contrariando até o pai do menino), e prevê problemas para Terena em algum futuro, suplicando-lhe que tomasse cuidado com os brancos.

CENA 13

O barão conversa algo com Anacleto durante o jantar, e o menino acaba lhe perguntando o porquê de ele trabalhar na casa. Sentindo-se desafiado, o barão coloca o menino para trabalhar na plantação por alguns dias. Enquanto trabalha, o menino se consola e conversa com Sabino Vieira.

ATO 2

Sequência 3

CENA 14

Passam alguns anos. Terena agora é um jovem guia da região. No momento, ele guia um comerciante paraguaio, Francisco Resquín, pelo rio Mbotetey. Eles chegam a Corumbá. Despedem-se quando Resquín vai ao porto, voltar ao Paraguai. Andando pela cidade, Terena avista rapidamente Anacleto.

CENA 15

Anacleto vê Terena andando por Corumbá. Ele, então, anda pela rua e encontra o Barão na saída da administração da cidade. Eles saem então da cidade por terra, enquanto Anacleto observa, longe, Terena preparando seu barco.

CENA 16

Na volta para suas terras, Terena encontra um comerciante, que vinha da capital da província, e eles voltam conversando sobre a região e as mudanças dos últimos tempos. Ele conta a Terena as novidades da capital, e principalmente sobre uma Lei de Terras que havia sido promulgada em 1850, mas que agora que chegavam seus efeitos na Província do Mato Grosso.

CENA 17

Anacleto volta para a fazenda, pelas paisagens sul-mato-grossenses. Ele se lembra de Sabino Vieira, velho amigo, que havia falecido alguns anos antes. Ouve o Barão comentando com outras pessoas sobre as últimas notícias do Império,

principalmente uma tensão na Província da Cisplatina e na região do Rio Grande do Sul.

CENA 18

Anacleto chega à fazenda, e vai logo encontrar a mãe. Eles andam pelo local enquanto conversam, e Anacleto ouve a sabedoria dela. Ele então lhe promete conseguir alguma forma de obter a alforria tanto sua quanto dela.

Sequência 4

CENA 19

Terena está nas terras de seu povo, ajudando as pessoas na roça, quando percebe uma movimentação próxima. Alguns parentes voltavam da Vila de Miranda comentando a presença de membros de uma comissão de demarcação de terras na região. Sabendo da Lei de Terras de 1850, Terena fica preocupado e se encaminha a Corumbá, para pegar mais informações.

CENA 20

Anacleto anda pela fazenda observando os outros escravos trabalhando. Quando um grupo faz uma rápida pausa, ele tenta se aproximar, e conversar com eles. Diante da recusa, Anacleto os questiona e eles lhe contam sobre a possibilidade de ele ser filho do Barão.

CENA 21

Terena chega a Corumbá e logo se encaminha à administração da cidade para pegar informações, mas descobre que os homens da comissão faziam apenas um reconhecimento da região por causa da recente apreensão do vapor brasileiro Marquês de Olinda, que navegava pela Bacia do Prata. Um pouco mais tranquilo, ele decide passar uns dias em Corumbá para resolver algumas questões de mercadorias e obter mais informações.

CENA 22

Anacleto confronta o Barão, e ele confirma a paternidade do menino, fruto de um abuso cometido sobre sua mãe. Anacleto fica irado, mas tem que obedecer a autoridade do Barão. Ele então lhe pede alguma forma de ganhar dinheiro, para que possa comprar sua liberdade e a de sua mãe. O Barão se nega, e,

quando vai mandá-lo cuidar de seus afazeres, ouve um burburinho na entrada da casa.

Sequência 5

CENA 23

Terena acorda ao som de tiros e gritos. Observando Corumbá de seu barco, percebe que a cidade está sob ataque. Dali de longe, Terena observa o comandante da cidade ordenando a retirada e a fuga dos habitantes para Cuiabá, capital da Província.

CENA 24

Alguns trabalhadores da fazenda entram apressadamente na sala do Barão, e lhe avisam sobre os ataques sofridos pelo Forte de Coimbra e Corumbá, por uma coluna militar, e sobre outra coluna que entrava em território brasileiro pela Colônia de Dourados, no sul da Província. O Barão, então, encerra sua conversa com Anacleto e se prepara para ir a Cuiabá, conversar com o Presidente da Província.

CENA 25

Terena observa de longe a fuga dos habitantes de Corumbá, e, percebendo que havia remanescentes, ajuda as pessoas que consegue colocando-as em seu barco. Dali, ele parte rapidamente para Miranda, bastante preocupado com seu povo e suas terras.

CENA 26

Antes de sair da Fazenda, o Barão mobiliza um grupo de pessoas, muitos trabalhadores livres, mas também alguns escravos, para acompanhá-lo até a cidade e ingressarem nas forças de resistência que poderiam estar sendo montadas. Anacleto é deixado de fora deste grupo sem nenhuma margem para questionamento.

Sequência 6

CENA 27

Quando chega a Miranda, os medos de Terena se confirmam. A cidade já foi atacada e incendiada. Ele corre a procura de outras pessoas, e encontra irmãos de seu povo, que lhe contam que o exército abandonara a cidade, fugira para a capital, e os indígenas pegaram em armas para a defesa do local. Eles contam que os outros indígenas foram se refugiar na Serra de Maracaju, mata fechada próxima da região. Terena se apressa para lá, prometendo voltar para ajudar.

CENA 28

Aproveitando a confusão, Anacleto foge da fazenda, tentando se juntar ao grupo dos militares que iam para Cuiabá. No caminho, é capturado por pistoleiros da fazenda do barão, que o levam de volta a fazenda, e o prendem na senzala.

CENA 29

Terena chega a Serra de Maracaju e, numa emoção enorme, encontra seus pais. Certifica-se que eles estão bem, conversa com o xamã do povo, e parte de volta para Miranda para ajudar os irmãos que lá lutavam.

CENA 30

O Barão volta à fazenda acompanhado de um grupo do exército. Anacleto é levado até ele. O Barão, então, não consegue recusar o pedido de Anacleto na frente dos militares, e permite sua ida junto com o destacamento que chegaria em algum tempo vindo das províncias de São Paulo e Rio de Janeiro.

Sequencia 7

CENA 31

Terena e o grupo indígena que havia ficado defendendo as terras monitoram a região. Eles percebem a presença de uma grande coluna militar no vilarejo de Miranda, e vão até lá averiguar a situação e depois ajudar os militares que estavam famintos e doentes.

CENA 32

O Barão conversa com Anacleto sobre sua ida, e ele promete aceitar sua alforria e a compra de sua mãe na volta do conflito. Eles recebem então a notícia da chegada da coluna militar no vilarejo de Miranda, e Anacleto segue para lá como

criado do Coronel Carlos e Moraes Camisão, antigo comandante da brigada da cidade de Corumbá, que viria a assumir o comando da operação.

CENA 33

Coronel Camisão e Anacleto chegam ao vilarejo de Miranda, e vêem os indígenas auxiliando os militares e conseguindo alguns alimentos.

CENA 34

O Coronel Camisão se reúne com seu conselho de guerra: os engenheiros e os comandantes de brigada, e com Terena, representante dos indígenas que estavam na região. Eles acertam a ida de Terena com o grupo servindo como guia da expedição até a fronteira com o Paraguai, e a entrada no exército de outros indígenas que assim desejarem.

CENA 35

No meio do grupo, Anacleto e Terena se conhecem formalmente, e conversam sobre a região em que viveram. O Coronel Camisão ordena a marcha da tropa até a cidade de Nioaque.

INT. - QUARTO DE ANACLETO E SUA MÃE - NOITE

Um grito alto corta a noite. ANACLETO, 9, e sua mãe, MARIA DO ROSÁRIO, 34, acordam assustados.

Maria do Rosário, como que já sabendo da situação, se levanta e começa a se arrumar.

Uma batida forte na porta, uma voz masculina chama do outro lado.

HOMEM

Dona Maria do Rosário!!

Ela abre um pouco da porta, e avista GERÔNIMO, um dos escravos de campo da fazenda.

MARIA DO ROSÁRIO

Começou, Gerônimo? Ela já dilatou muito?

GERÔNIMO

Já sim, dona Maria! Ela ta gritando muito, tem bastante sangue.

MARIA DO ROSÁRIO

Pois vá esquentar uma água. Vou me trocar e corro pra senzala.

Gerônimo sai correndo enquanto agradece Maria do Rosário.

Ela fecha a porta para terminar de se arrumar, quando percebe o filho, Anacleto, acordado, lhe olhando.

MARIA DO ROSÁRIO

Já que você tá acordado, meu filho, será que pode me ajudar? Serafina vai ter filho hoje.

Anacleto consente com a cabeça, ainda sonolento. Ele se levanta, e muda de roupa para sair.

INT. - SENZALA - NOITE

Uma CONSTRUÇÃO de madeira irregular, com um único grande cômodo, cheio de ESTEIRAS de palha no chão, onde dormiam os escravos.

As paredes comidas pela umidade. Num canto, vemos uma pilha com as MANTAS rudes entregues aos escravos para se protegerem do frio.

(CONTINUED)

Todos estavam no canto da senzala, sem saberem direito o que fazer. SERAFINA, 23, deitada no centro do cômodo, estava iluminada pela LUZ da lua que entrava pela única janela do local. Uma pequena FOGUEIRA crepitando ao lado da moça completava a iluminação.

Serafina arfava e gritava alto. À sua frente, uma POÇA de sangue.

Uma movimentação das pessoas prenuncia a chegada de MARIA DO ROSÁRIO e de ANACLETO. GERÔNIMO vem ao lado, carregando uma panela improvisada com água quente.

Um escravo mais velho, SEU ANTÔNIO, se aproxima.

SEU ANTONIO

Já afastei as pessoas, e ajudei ela com a respiração, dona Maria.

MARIA DO ROSÁRIO

Obrigada, seu Antônio. Agora pode deixar comigo e com Anacleto.

Então, seu Antônio percebe a presença do menino.

SEU ANTONIO

Tá enorme o seu menino. Tá bom, vou levar o pessoal lá pra fora. Qualquer coisa que precise é só chamar.

Seu Antônio sai levando o resto das pessoas. Maria do Rosário se aproxima de Serafina.

MARIA DO ROSÁRIO

Calma, minha menina. Eu to aqui. Seu filho vai nascer bem.

SERAFINA (DESESPERADA)

Dona Maria! Dói tanto!

MARIA DO ROSÁRIO

Respira junto comigo. Gerônimo, o fogo!

Maria do Rosário percebe que o fogo está se acabando.

GERÔNIMO

Vou pegar mais madeira!

MARIA DO ROSÁRIO

Vai com ele Anacleto. Se o fogo apagar, vai ficar muito frio pra criança.

Quando os dois saem para pegar madeira, vemos as CINZAS, e umas poucas BRASAS sustentando uma pequena chama. O SILÊNCIO fica total.

Quando o fogo vai se apagar, colocam uma MADEIRA maior com alguns GRAVETOS. Quando Gerônimo se aproxima e assopra forte, o fogo pega nas madeiras novas, subindo com ímpeto, enquanto ouvimos um choro de criança.

Maria do Rosário limpa rapidamente o bebê, e o entrega a Serafina. Gerônimo se aproxima e abraça ambos. Nesse momento, Maria do Rosário puxa Anacleto para irem embora.

EXT. - PARTE DE FORA DA SENZALA - NOITE

Anacleto e sua mãe se dirigem de volta para a CASA GRANDE.

MARIA DO ROSÁRIO
Nasceu bem o menino. Fiquei preocupada por que veio antes do que era pra vir.

ANACLETO
Como foi quando eu nasci, mamãe? Quem te ajudou?

MARIA DO ROSÁRIO
Ai foi mais complicado. Só tem eu de parteira por aqui, então pedi ajuda pras meninas e fui dizendo o que fazer.

Anacleto pensa um pouco, e olha para a Lua, enorme, no céu.

ANACLETO
E meu pai tava lá também?

Maria do Rosário se vira para o lado, evitando encontrar o olhar do menino.

MARIA DO ROSÁRIO
Tava não. Ele já tinha ido embora.

ANACLETO
Ah...

Anacleto fica cabisbaixo, até que levanta a cabeça em uma nova tentativa.

ANACLETO
E pra onde ele foi? A senhora nunca me contou.

MARIA DO ROSÁRIO

Pra longe, meu filho. Pra bem longe. Vamo deitar, vamo? Ta bem tarde já, e amanhã tem um monte de coisa pra fazer.

ANACLETO

(Triste, olha para baixo)
Ta bom...

Maria do Rosário coloca a mão na cabeça do menino. Nesse momento, eles chegam à casa grande.

EXT. - PRAÇA PRINCIPAL DE MIRANDA - DIA

TERENA, 9, caminha com seu pai, KAXÉ, 36, pela PRAÇA do vilarejo de Miranda.

Eles saem do PRESÍDIO de Miranda carregando TROUXAS com os itens que Kaxé conseguiu trocando alimentos e cerâmicas com os soldados.

KAXÉ

Njé'a (meu filho), esses brancos tem umas coisas muito úteis.

Ele tira então de sua trouxa uma FACA, a olha um pouco, e depois guarda de volta.

TERENA

Eles são muito estranhos. Tem uns que tem um monte de pelo na cara.

KAXÉ

Eu esqueço que você nunca encontrou muito com eles. Antes da gente descer do Êxiva pra cá, eles atacavam sempre. Queriam roubar nossas plantações.

TERENA

E por que você troca coisa com eles agora, se eles já te atacaram? Eu já vi um deles atirando com aquelas coisas de metal. É perigoso...

Terena e seu pai passam em frente à igreja da cidade, e Kaxé cumprimenta o PADRE, que estava parado na frente dela.

KAXÉ

Ah sim, eu sei disso. Mas esses são outros. São militares. Não querem saber da gente.

(CONTINUED)

TERENA

Aham...

Kaxé tira um ESPELHO da trouxa e o mostra a Terena. Ele olha para o próprio reflexo, e depois olha para o pai.

TERENA

São muito diferentes.

KAXÉ

Ta bem, filho. Vamos voltando logo, que sua mãe ta esperando.

Terena consente com a cabeça, e ambos seguem seu caminho para sair de Miranda.

INT. - SALA DA CASA GRANDE DA FAZENDA - DIA

ANACLETO varre a sala da casa, enquanto observa as FOTOS que ficavam na estante. Ele vê uma foto mais empoeirada, e pega um pano para limpá-la. Quando fica nítida, Anacleto percebe ser uma foto do BARÃO JOÃO PEREIRA, o dono da fazenda, com sua família: a BARONESA, e seu FILHO.

Anacleto observa a foto por um instante.

Como que despertando de um transe, o menino coloca a foto de volta na estante. Ele observa em volta, e se dá por satisfeito com a limpeza. Pega de volta a VASSOURA e se dirige para a varanda da frente da casa.

CORTA PARA

EXT. VARANDA DA FRENTE DA CASA GRANDE - DIA

ANACLETO chega na varanda da frente da casa e começa a varrer o chão. Ele olha para baixo fixamente enquanto varre, pensativo.

Os SONS DAS FOICES cortando as plantações interrompem os movimentos de Anacleto. Ele segura a vassoura, e observa os outros ESCRAVOS empunhando foices, fazendo um duro trabalho braçal debaixo do sol forte.

Anacleto os observa, e fica novamente perdido em pensamentos. Quando dá por si, percebe que os escravos também o observam, de longe, com o CENHO FRANZIDO e a BOCA DURA.

Ele então disfarça, desvia o olhar para o lado, e volta a varrer a varanda.

EXT. - TERRAS ÍNDIGENAS - DIA

TERENA e KAXÉ chegam às TERRAS INDÍGENAS. Eles caminham pelas ROÇAS, com plantações de MILHO, MANDIOCA, CANA-DE-AÇÚCAR, ALGODÃO, TABACO. As pessoas que trabalham na roça cumprimentam os dois calorosamente.

Quando chegam às casas, Kaxé percebe um GRUPO de pessoas voltando apressado. Entre eles estava NZOPUNÉ, 15, jovem indígena do povo. Kaxé para e conversa com ele.

KAXÉ

Ûnati (tudo bem), amigos? Nayûki?
De onde vocês vem?

NZOPÚNE

Fomos atacados pelos Guaikuru, irmão Kaxé. Xo'ópeti (passeávamos) pela região, queria mostrar aquelas grutas que vimos outro dia. Até que eles chegaram gritando, montados naqueles animais grandes dos purutuyê.

KAXÉ

Ah... Eles chamam de cavalos, Nzopúne.

NZOPÚNE

Isso! Os guerreiros Guaikurú ficaram ainda mais fortes com eles. Bicho estranho, que não tem na floresta.

KAXÉ

Antigamente isso não acontecia. Vocês são novos ainda pra saber. Nós tínhamos acordo com os Guaikuru, dávamos comida, eles casavam com mulheres nossas, e ao invés de atacar, eles protegiam.

NZOPÚNE

Meu pai sempre me fala disso.

KAXÉ

Muito sábio é seu pai. Mas isso realmente mudou quando os purutuyê chegaram aqui também. Mudaram nossos acordos todos, e de repente o povo mais guerreiro da região eram eles.

(CONTINUED)

NZOPÚNE

Você não acha perigoso, irmão? Mais um povo guerreiro perto da nossa gente?

KAXÉ

Eu tava na vila deles aqui perto agora mesmo.

Todos soltam uma exclamação de surpresa.

KAXÉ

Esses Purutuyê são que nem os outros, querem as coisas que a gente têm. Mas são também muito diferentes. Estes ai eles chamam de militares. Conversam um pouco, mas gostam mesmo é de trocar. E eles tem umas coisas bem úteis.

Ele tira o ESPELHO de sua trouxa de roupa, e mostra aos amigos. Eles olham o reflexo ali no espelho, admirados.

KAXÉ

E isso aqui foi só um tanto de mandioca e uns dois vasos de cerâmica.

NZOPÚNE

(Coça o queixo)

Muito interessante, irmão.

KAXÉ

Inclusive, era sobre isso mesmo que eu tinha que falar com o cacique. Vou deixar Terena em casa primeiro.

Como que percebendo o menino só agora, os jovens o cumprimentam, e se despedem do pai e do filho.

KAXÉ

Vem, filho. Você vai ficar com sua mãe um pouco.

Eles seguem seu caminho até em casa.

EXT. - PARTE DE FORA DA CASA DE TERENA - FINAL DA TARDE

HARARA, 30, usa a FACA que Kaxé havia conseguido com os militares para cortar partes um PEIXE, e colocá-las em ESPETOS.

TERENA, ao seu lado, observa a mãe preparando a comida enquanto chupa uma GUAVIRA, pequenina fruta típica da região.

TERENA

Os Purutuyê são muito esquisitos, mamãe! São muito brancos, e cheios de pelo na cara.

HARARA

Eles tem coisas bem mais perigosas que os pelos na cara, filho.

TERENA

Quem são mais fortes? Eles ou os Guaikuru? O papai falou que antigamente a gente fazia aliança com os Guaikuru.

HARARA

Ah sim. Isso não têm muito tempo. A gente não nasceu aqui perto do Rio Mbotetey, você sabia?

TERENA

Eu conheço a história que você e os outros Koixomuneti contam. Que Oreka Yuvakae um dia ouviu grito de passarinho, e, do lado do bem-te-vi caído no chão, viu um buraco com todos os nossos antepassados.

HARARA

E o que mais?

TERENA

Você conhece a história, mãe. Você que me contou.

HARARA (SORRINDO)

Eu quero saber se você conhece. É a nossa história. Você que vai contar ela pros mais novos algum dia.

Harara termina de cortar o peixe e preparar no espeto. Ela então se levanta para jogar mais umas MADEIRAS no fogo. Terena termina de comer e se levanta para ajudá-la.

TERENA

Ahhh... Ai ele nos ensinou a falar usando um sapo, e a gente conseguiu dizer que tava com frio. Depois ele aumentou o tamanho do mundo, e

(MORE)

(CONTINUED)

TERENA (cont'd)
ensinou a gente a plantar tudo o
que precisa.

HARARA
Isso mesmo. Muito bem!

Terena e a mãe reavivam o fogo com as madeiras novas.

TERENA
Mas e os Guaikuru? E os Purutuye?

HARARA
Calma, menino... Isso tudo que você
acabou de falar aconteceu no Êxiva.
A gente nasceu lá, e de lá veio
fugindo dos Purutuye.

TERENA (ARREGALA OS OLHOS)
O papai falou disso. Eles são
perigosos mesmo então!

HARARA
Parece que sim. Eu ainda nem tinha
nascido, mas os mais antigos
viveram essa vinda para cá. Foi bem
difícil, porque eles tiveram que
atravessar correndo o Rio Paraguai.
Aqui, nosso povo se dividiu em
vários grupos, e se espalhou por
aí.

Harara começa a colocar os espetos em posição para assar o
peixe. Vemos a fumaça densa e cheirosa que sai do fogo
estalando nos peixes.

HARARA
Nosso povo foi aliado dos Guaikuru
por muito tempo, porque a gente
sabe roçar, e sempre trocou comida
e roupa com eles. Eles davam
proteção. A gente não é muito
guerreiro.

TERENA
E por que que não tem mais? Por que
que as vezes eles até atacam a
gente?

HARARA
Quando os purutuye chegaram, muita
coisa mudou. Eles tinham armas, e
vieram montados nos tais dos

(MORE)

(CONTINUED)

HARARA (cont'd)
cavalos. Depois, começaram a trocar
esses cavalos nos acordos com os
Guaikuru.

TERENA
Que nem o papai foi fazer hoje?

HARARA
Seu pai foi fazer troca, não
aliança. Eu tenho medo dessas
coisas. São dois povos muito
perigosos perto. Espero que o
cacique desencoraje seu pai de
qualquer coisa.

Eles ouvem então um BARULHO próximo. KAXÉ volta com uma cara
um pouco contrariada, mas traz nas mãos mais um PEIXE.

KAXÉ
Trouxe uma piraputanga que o
cacique me deu! Vou colocar ai
junto com o fogo. Terena, meu
filho, vem me ajudar.

Kaxé entra na casa para separar o peixe. Terena o acompanha.

Fica ali fora apenas Harara, os peixes assando no fogo
crepitante, e um elegante fio de fumaça ligando a fogueira
até o céu estrelado.

INT. - QUARTO DE ANACLETO E SUA MÃE - DIA

ANACLETO está sozinho no quarto olhando para a janela.

SONS DE CASCOS DE CAVALOS e de uma CARRUAGEM chamam a
atenção. Ele se inclina para tentar ver a entrada da casa
pela janela, mas não consegue.

Sons de passos precedem sua mãe, MARIA DO ROSÁRIO, que abre
a porta rapidamente.

MARIA DO ROSÁRIO
Anacleto, filho, to terminando de
cozinhar, mas o Barão acabou de
chegar com uma visita. Muda de
roupa rápido e vai servir eles, por
favor.

ANACLETO
Tá bom, mãe. To indo.

Maria do Rosário fecha a porta atrás de si e volta rápido para a cozinha.

Anacleto se levanta enquanto se espreguiça, e abre o armário, revelando uma roupa de serviço mais arrumada e de qualidade, contrastando com o armário velho em que estava.

INT. - SALA DA CASA GRANDE DA FAZENDA - DIA

ANACLETO entra na sala rapidamente, bem arrumado para servir a mesa do BARÃO JOÃO PEREIRA e de seu convidado, FRANCISCO SABINO. Ele para na frente e faz uma reverência aos dois homens. O convidado solta uma leve risada.

FRANCISCO SABINO

Não precisava ter mandado o menino botar essa roupinha arrumada não, Barão.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Você é meu convidado, Sabino. Tem que fazer as coisas direito.

FRANCISCO SABINO

Mas meu caso é diferente...

O Barão interrompe Francisco Sabino, e se dirige a Anacleto.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Não fica ai parado, menino. Pega aquele uísque no meu escritório, e traz um copo pra mim e outro pro Sabino aqui.

ANACLETO

Sim, senhor, Barão.

Anacleto sai da sala um instante, enquanto os dois homens continuam a conversar.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Esse é um belo bourbon francês. Você vai adorar.

JOÃO SABINO

Te agradeço muito, senhor Barão. Só esperava uma morte no meio do mato depois que consegui fugir. Mas ainda preferia isso a entregar meu pescoço pra força.

Nesse momento, Anacleto volta à sala, trazendo em uma BANDEIJA a GARRAFA DE UÍSQUE e dois pequenos e luxuosos COPOS. Enquanto os serve, os homens continuam sua conversa.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Não precisa de tanta formalidade, Sabino. Pode me chamar de João Pereira. Aqui, pega um gole (ELE ESTENDE UM COPO A SABINO), e me conta mais sobre essa sua fuga.

FRANCISCO SABINO

Acho melhor deixar o Sabino de lado então, João Pereira. O nome do movimento foi muito associado a mim, pode trazer alguma suspeita.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Ta certo. Tiramos o Sabino, e fica Francisco Vieira. Acho que é isso.

FRANCISCO SABINO

Ótimo.

O Barão pega dois CACHIMBOS dentre vários, e uma CAIXA DE TABACO de uma mesa ao lado. Começa a preparar um para si, e oferece o outro para Sabino, que prontamente aceita e o prepara enquanto fala.

FRANCISCO SABINO

Sobre a fuga, foi tudo sutil e rápido. Não tive tempo pra vacilar. Na hora que o guarda tava distraído, consegui sair pelas aberturas da carruagem e pular para fora. A gente tava quase na prisão, então eu fiquei preso aqui, na província do Mato Grosso, precisando da ajuda de um ou outro velho amigo pra sobreviver.

Ambos acendem seus cachimbos, e fumam pausadamente enquanto conversam.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Entendi. Aqui você também tá entre velhos amigos. Pode passar o tempo que precisar.

FRANCISCO SABINO

Muito obrigado...

Sabino é interrompido pela chegada de MARIA DO ROSÁRIO, que vinha da cozinha.

MARIA DO ROSÁRIO
Com licença, senhor Barão. A comida
está pronta.

BARÃO JOÃO PEREIRA
Tudo bem, Maria. Pode por a mesa.
Já vamos.

Maria do Rosário consente, e sai da sala para a cozinha. O Barão então se vira para Anacleto.

BARÃO JOÃO PEREIRA
Vai ajudar sua mãe, menino.

Anacleto consente, e sai da sala para encontrar a mãe na cozinha.

EXT. - PARTE DE FORA DA CASA DE TERENA - DIA

TERENA ajuda sua mãe, HARARA, enquanto ela termina de preparar uma MASSA que viraria cerâmica e começa a moldar um VASO.

HARARA
Pega um pouco d'água pra mim,
filho.

Terena consente, e entra na casa. Quando sai, com um pequeno VASO com água nas mãos, percebe uma movimentação grande entre as pessoas da aldeia. Todos se afastam da entrada principal.

HARARA
Que que tá acontecendo?

Terena ARREGALA OS OLHOS e fica BOQUIABERTO. O vaso escapa de suas mãos, e se quebra no chão com um SOM SECO.

Três MILITARES entram na aldeia. Todas as pessoas em volta se afastam, sem saber o que fazer.

Terena dá alguns passos vacilantes para frente, até que vê seu pai, KAXÉ, saindo da roça apressadamente em direção aos militares.

Ele ganha então mais coragem, e alcança o pai no momento em que ele encontra os militares.

EXT. - ENTRADA / CENTRO DA ALDEIA - DIA

KAXÉ e TERENA chegam nos MILITARES, no centro da aldeia.

KAXÉ

OPA, opa! Tudo bom? Soldado
Joaquim! Como vai?

SOLDADO JOAQUIM

Kaxé, não é? Que bom te encontrar.
Paramos aqui por acaso, fazendo um
reconhecimento da região. Ainda bem
que você mora aqui.

TENENTE MORAIS

(Pergunta mais baixo para o
soldado)

Você conhece esse bugre, soldado?

SOLDADO JOAQUIM

Sim senhor! Este é Kaxé, o índio
que nos visitou alguns dias atrás.
Foi com ele que consegui aquele
vaso de cerâmica que mostrei para o
senhor.

TENENTE MORAIS

Ah sim? Muito bom. Minha mulher
gostou do vaso.

KAXÉ

Fico agradecido, senhor. foi minha
mulher que fez, mas muitos de nós
mexem com cerâmica.

TENENTE MORAIS olha em volta, e percebe o povo acuado,
olhando de longe.

TENENTE MORAIS

Diga a seu povo para se acalmar,
índio. Como disse o soldado, a
gente parou aqui por acaso. Mas já
que a gente veio, vocês não tem
mais vasos daqueles?

KAXÉ

Temos sim! Mas aqui dentro, vocês
tem que falar com o cacique antes.

Tenente Morais olha para seus companheiros, pensa um pouco.

(CONTINUED)

TENENTE MORAIS
É justo. Onde ele tá?

KAXÉ
Se não me engano, é ele que vem lá.

Eles olham então, e percebem a aproximação de um SENHOR mais velho, com belos ADEREÇOS DE PENA diferentes dos outros índios, e um pequeno RASTRO DE TINTURA DE URUCUM sobre o corpo.

KAXÉ
Senhores, este é Hana, chefe do
nosso povo.

Os militares olham para o imponente indígena.

Hana encara Kaxé com um olhar feio, e olha os outros com o semblante meio fechado.

HANA
O que vocês tão fazendo aqui?

O tenente percebe o semblante do chefe, e se inclina, meio defensivamente.

TENENTE MORAIS
Paramos por acaso, senhor. A gente
só tava fazendo o reconhecimento da
área.

HANA
Certo. E por que vocês pararam pra
falar com a gente?

Kaxé percebe o clima, e logo interrompe de forma calma.

KAXÉ
Eles são os homens que eu conheci
na cidade, Cacique. Aproveitaram
para me pedir mais alguns dos
nossos vasos de cerâmica.

HANA
Entendi. Se são convidados de Kaxé
então, podem ir até a casa dele.

Hana se vira e sai rapidamente, sem dar tempo para mais conversa.

KAXÉ
Bom, vocês ouviram ele. Vamo lá.

Eles começam então a andar em direção a casa de Kaxé. Terena ainda estava meio absorto na conversa que havia passado, mas logo se apressa para casa com os homens.

EXT. - PARTE DE FORA DA CASA DE TERENA - DIA

HARARA termina de moldar um vaso quando os homens chegam. KAXÉ a apresenta aos militares.

KAXÉ

Essa é Harara.

TENENTE MORAIS

Isso que ela ta fazendo é o que? Um vaso?

KAXÉ

Isso mesmo. Pra guardar água.

TENENTE MORAIS

Olha!

Harara olha os homens de canto de olho, e cumprimenta de forma seca.

Kaxé se vira aos militares.

KAXÉ

Podem sentar, por favor. Meu filho, pega umas frutas e água fresca para os homens.

TERENA entra na casa.

KAXÉ

Vou pegar algumas outras cerâmicas ali.

SOLDADO JOAQUIM

Sim sim. Obrigado.

Kaxé também entra na casa. Ficam apenas Harara moldando o vaso e os três militares.

Ela alterna olhares entre a cerâmica e os homens, até que percebe o terceiro deles olhando-a fixamente. Harara encara o homem, fazendo cara feia, enquanto aperta a cerâmica muito forte.

TERENA

Mãe, o vaso!

(CONTINUED)

Terena voltava com um CESTO COM FRUTAS em uma mão, e um JARRO COM ÁGUA na outra. Harara olha para o vaso, e percebe que o molde se desfez todo.

HARARA

Ai...

Kaxé aparece então da porta da casa, com alguns vasos e amuletos de cerâmica. Ele olha para Harara e o molde desfeito.

KAXÉ

Que que aconteceu?

Harara deixa a massa no chão e se levanta.

HARARA

Nada. A massa tava ruim. Vou pegar mais.

Harara sai, então, da casa.

TENENTE MORAIS

Ela parece meio brava.

Kaxé coloca os vasos na frente dos militares.

KAXÉ

Não é não. As pessoas aqui ficam com medo. Nossos encontros com outros de vocês foram muito... complicados.

TENENTE MORAIS

A gente recebe ataque de índios o tempo todo.

KAXÉ

Tem muitos povos diferentes que vocês chamam de "índios". A gente só quer ficar em paz.

TENENTE MORAIS

Vocês são artesãos, cultivadores. São mesmo diferentes, e podem vir a ter uma utilidade.

KAXÉ

Uma "utilidade"?

TENENTE MORAIS

Pra construção da nossa nação, ora. Este daqui é um belo vaso.

O Tenente Moraes pega um dos maiores vasos.

TENENTE MORAIS
Quero ele.

KAXÉ
Ah, sim...

Terena, ali ao lado, apenas observa os homens conversando e negociando.

EXT. - ÁRVORES NA FAZENDA - DIA

ANACLETO
Ele fugiu da cadeia, mamãe!!

ANACLETO e sua mãe, MARIA DO ROSÁRIO, andavam próximos às árvores da fazenda, olhando em volta, procurando algo.

MARIA DO ROSÁRIO
Sei não, filho. O Seu Francisco parecia bem educado. Não ficou tratando a gente que nem bicho, que nem os outros amigos do Barão.

ANACLETO
Mas eu vi ele conversando com o Barão! Ele disse que fugiu do exército imperial.

MARIA DO ROSÁRIO
Ta bom, Anacleto. Olha, aqui é longe de qualquer coisa. Eu realmente acho que ninguém ia vir aqui pra fazer algum mal. Ainda mais com gente que nem nós...
Olha, olha! Achamo!

Anacleto e Maria do Rosário encontram um PÉ DE GUAVIRA, pequenina fruta típica da região. Eles se aproximam dele.

ANACLETO (APONTANDO PARA A FRUTA)
É isso?

MARIA DO ROSÁRIO
É. Todo mundo adorou o suco ontem. Foi dessa frutinha aí. Chama de guavira.

Anacleto e Maria do Rosário chegam no pé de guavira. Anacleto pega uma FRUTINHA, coloca na boca, e começa a mastigá-la.

(CONTINUED)

Após alguns segundos, ele solta um GRUNHIDO, faz uma CARETA, e cospe fora o que estava comendo.

MARIA DO ROSÁRIO (SORRINDO)

Cê não pode mastigar a casca, seu besta. Fica muito amargo. Tem só que chupar a parte de dentro.

Anacleto pega mais uma frutinha, e a come do jeito certo. Ele FECHA OS OLHOS, e dá um SORRISO.

ANACLETO

Hmm, é gostoso mesmo.

Eles começam então a pegar mais FRUTAS e jogá-las no CESTO.

ANACLETO

Que que será que ele fez? Sabe, pra ser preso? Será que ele matou alguém?

MARIA DO ROSÁRIO

Que isso, Anacleto! Você não pode julgar uma pessoa assim.

Anacleto faz uma cara emburrada, e volta a catar frutas em silêncio. Um instante depois, resmunga.

ANACLETO

Eu não tava julgando ele...

MARIA DO ROSÁRIO

Eu sei, filho. Devagarzinho você conhece ele melhor. Pelo que o Barão falou, ele deve ficar aqui algum tempo.

ANACLETO

Tá bom, mãe.

O cesto fica cheio de guaviras. Eles o pegam então, um de cada lado, e o levam de volta a casa.

Vemos ao final Anacleto e sua mãe carregando o cesto cheio, o pé de guavira ainda carregado ao lado, e o sol poente ao fundo.

EXT. - ENTRADA DA ALDEIA - DIA

KAXÉ e TERENA caminham de volta para a aldeia. Kaxé dá uma RISADA.

KAXÉ

Você viu a cara do Cacique quando os purutuye chegaram?

TERENA

Ele parecia que tava preocupado.

KAXÉ

Ele tava mesmo. O Hana é mais velho. Ele tava junto quando nosso povo veio pra cá, e viu o pior dos purutuye.

Terena começa a vacilar um pouco nos passos.

TERENA

A mamãe tava preocupada também.

KAXÉ

Sua mãe já é outra história. Ela é uma das nossas melhores Koixomunetis. Os espíritos avisam as coisas pra ela.

Terena vai parando e ficando para trás.

KAXÉ

Mas o que que a gente pode fazer? Eles tão perto demais, é melhor manter uma relação boa. A gente não tem muitos guerreiros...

Kaxé percebe que Terena havia ficado para trás. Ele volta até ele.

KAXÉ

Ûnati, njé'a? O que que houve, filho?

TERENA

Kasáti, nzá'a. To com frio, pai.

Kaxé percebe o menino SUANDO, e coloca a mão em sua testa.

KAXÉ

Kôtuti. Seu corpo tá muito quente.

(CONTINUED)

TERENA

To me sentindo meio mal...

Kaxé levanta Terena e o coloca em suas costas.

KAXÉ

Vem. Isso é alguma coisa com o espírito. Sua mãe vai saber o que fazer.

Kaxé leva Terena para casa.

EXT. - PARTE DE FORA DA FAZENDA - DIA

ANACLETO ajuda MARIA DO ROSÁRIO a estender as ROUPAS que haviam sido lavadas. O VARAL fica próximo à enorme plantação da fazenda, e os ESCRAVOS mais próximos trabalham duro na colheita embaixo do sol.

Anacleto olha para eles ocasionalmente, enquanto pendura as limpas ROUPAS BRANCAS.

ANACLETO

Por que eles não podem trabalhar que nem a gente, mamãe?

MARIA DO ROSÁRIO

Alguém tem que cuidar das plantações, filho. Eles tão ai pra isso.

ANACLETO

Mas eles não descansam nunca! E parece que não gostam da gente de dentro da casa.

MARIA DO ROSÁRIO (COLOCANDO A MÃO NA CABEÇA DE ANACLETO)

É mais complicado que isso, filho...

Nesse momento, Maria do Rosário coloca a última peça de roupa no varal. Ela e Anacleto então percebem a chegada de FRANCISCO SABINO, que os cumprimenta com um leve aceno de cabeça.

FRANCISCO SABINO

Com licença. Você é Maria, certo? Maria do Rosário?

(CONTINUED)

MARIA DO ROSÁRIO
Sim, senhor.

FRANCISCO SABINO
E quem é o rapaz?

MARIA DO ROSÁRIO
Esse é meu menino, Anacleto.

Ela dá um leve tapinha nas costas de Anacleto, que se aproxima e cumprimenta Francisco Sabino.

FRANCISCO SABINO
Dona Maria, vim falar com você, na verdade, porque me senti um pouco mal entre ontem e hoje. O estômago desarranjado, mal consegui sair do banheiro. O Barão comentou comigo que a senhora conhece alguns chás que poderiam me ajudar.

MARIA DO ROSÁRIO
Sim senhor, Seu Francisco.

Enquanto fala, ela dá alguns PASSOS para o lado, e se aproxima de um CANTEIRO com muitas PLANTAS BAIXAS bem cuidadas.

MARIA DO ROSÁRIO
Acho que isso é alguma coisa com o clima daqui. É normal os visitantes do Barão terem esse problema, e sempre é gente de fora.

FRANCISCO SABINO
É mesmo? Não sei se no clima ia mudar assim. Deve ser algo na comida, ou na água mesmo. Já viajei muito pelo Brasil. A água de nenhum lugar é igual.

MARIA DO ROSÁRIO
Entendi. É, não sei, senhor. Mas eu sei fazer um chá que recupera o estômago rapidinho.

FRANCISCO SABINO
Ótimo. O Barão comentou comigo também que você faz os atendimentos médicos aqui na fazenda. Muito tempo atrás eu era médico. Gostaria de ver a receita desse chá depois.

Maria do Rosário desvia o olhar, encabulada.

MARIA DO ROSÁRIO

Sim, senhor. Vou só terminar de limpar umas coisas e faço o chá.

Ela se vira para Anacleto, e aponta as ERVAS que ele deveria pegar.

MARIA DO ROSÁRIO

Anacleto, meu filho, pega algumas folhas daquela ali, e daquela outra lá, por favor. A outra eu já peguei mais cedo.

Ela lhe entrega um pequeno SAQUINHO DE PANO para colocar as folhas antes de voltar para a casa.

Anacleto vai então até o canteiro pegar as folhas que a mãe havia pedido. Sabino observa um instante, e o acompanha.

FRANCISCO SABINO

Você nasceu aqui na fazenda, menino?

ANACLETO

Sim, senhor.

FRANCISCO SABINO

E como é a vida aqui? Como é João Pereira no dia-a-dia?

Anacleto se mostra receoso, vira a CABEÇA de lado, pensa um instante, mas termina por responder. Enquanto fala, tira algumas FOLHINHAS de uma das plantas apontadas pela mãe.

ANACLETO

A gente lá da casa vive bem. Os trabalhos são leves, limpar e cozinhar. E a Baronesa tem passado mais tempo no Rio de Janeiro com o filho do que aqui.

FRANCISCO SABINO

Entendi. E o barão vai muito até lá?

ANACLETO

Não tanto. A viagem é longa parece, e ele diz que sempre tem muita coisa pra fazer aqui. Aí sobra pouco pra gente fazer. O Barão até disse que ia arranjar alguém para me ensinar a ler e escrever nesse tempo.

(CONTINUED)

Eles se dirigem à outra PLANTA indicada por Maria do Rosário, e Anacleto tira algumas FOLHAS enquanto continua conversando.

FRANCISCO SABINO

Nisso acho que eu posso te ajudar.
Não tenho nada mais pra fazer
mesmo.

Sabino fixa o olhar no horizonte por um instante, pensativo.

FRANCISCO SABINO

Mas é. No fundo o Barão é uma boa
pessoa, apesar de toda a dureza no
trato.

Anacleto VIRA O ROSTO e olha os ESCRAVOS DA PLANTAÇÃO,
trabalhando duro, desde o amanhecer. Francisco Sabino
acompanha seu olhar.

FRANCISCO SABINO

Sim. Tem muita coisa complicada
nessa vida, e se a gente não tentar
melhorar, ninguém vai.

ANACLETO

Melhorar? Como?

FRANCISCO SABINO

Isso você vai descobrindo com o
tempo. Você é muito novo ainda,
Anacleto. Anacleto, né?

Anacleto consente, com o OLHAR VAZIO, pensativo.

FRANCISCO SABINO

Olha, eu sei que você tava ouvindo
minha conversa com o Barão ontem.
Esse pessoal que tem escravos acha
que eles nem pensam direito. Mas eu
sei que você é inteligente pra
entender as coisas, só preciso que
me prometa que não vai contar pra
mais ninguém.

Anacleto fica feliz pelo reconhecimento da inteligência. Ele
pensa um instante e responde.

ANACLETO

Ta bom. Não conto só se o senhor me
contar mais! Por que que o senhor
foi preso? Já...(PAUSA)...matou
alguém?

Francisco Sabino dá uma RISADA distante, ACARICIA a cabeça do menino, e OLHA para o horizonte.

FRANCISCO SABINO

Já tive que matar sim. Mas não chega nem perto do tanto de gente que morreu na minha mão. Eu era médico, lembra? Nasci na Província da Bahia, bem longe daqui, e bem longe do Rio de Janeiro, a capital. Desde que a família real portuguesa definiu aquele lugar como capital do Brasil, as outras províncias não tem voz nenhuma. Todos os presidentes são indicados e servem esse grupinho do Rio de Janeiro.

Anacleto franze o rosto, como se não estivesse entendendo nada.

ANACLETO

Como que é essa coisa de província? Já ouvi o Barão comentando, mas nunca entendi direito.

FRANCISCO SABINO

Olha, a gente vive no Brasil, que é enorme. Não dá pra tratar tudo como uma coisa só, e por isso que a gente divide em províncias. Mas na prática mesmo, todo mundo tem que seguir as ordens do Rio de Janeiro, e o Rio de Janeiro não quer saber muito de ninguém. A gente não tem liberdade. Muitos morrem, e a gente não pode fazer nada.

ANACLETO

Entendi, Seu Francisco! E o que que o senhor fez?

FRANCISCO SABINO

Lutei, menino. Lutei o máximo que eu pude. Juntei um grupo de pessoas, outros médicos, advogados, e proclamamos a República Bahiana, livre e independente do governo da época. A gente queria pelo menos esperar a maioria do pequeno imperador.

ANACLETO

É mesmo?! E o que aconteceu?

FRANCISCO SABINO

Não deu pra resistir muito. O maldito do Araújo Lima cercou a cidade com uma tropa enorme, matou boa parte do movimento, e prendeu muitos, incluindo eu. O meu sobrenome, que eu pedi ontem para o Barão não comentar, deu o nome do movimento, a Sabinada.

Francisco Sabino aponta para si mesmo com o polegar.

Anacleto olha o homem com admiração.

ANACLETO

E o senhor então fugiu? Já conhecia o Barão?

FRANCISCO SABINO

Ah, ele era o amigo de um amigo. Por isso eu tava te perguntando sobre ele. Mas ele me recebeu muito bem. Não esperava isso.

ANACLETO

Acho melhor a gente ir voltando, seu Francisco. Senão minha mãe briga comigo.

Francisco Sabino respira fundo, e olha para cima.

FRANCISCO SABINO

Ah sim. Pode ir indo. Vou ficar aqui fora mais um pouco. Tinha tempo que eu não via o céu tão bonito. Depois vou conversar com o Barão sobre suas aulas de escrita.

ANACLETO

Ta bom, Seu Francisco.

Anacleto volta em direção à casa, enquanto Francisco Sabino observa o céu, lindamente estrelado.

INT. - CASA DE TERENA - DIA

A LUZ amarelada do Sol de fim de tarde entra pela porta grande. TERENA está sentado em uma ESTEIRA DE PALHA, no chão. Uma BACIA grande estava em sua frente.

HARARA entra na casa segurando uma PANELA DE CERÂMICA com FUMAÇA saindo de cima. Ela derrama um LÍQUIDO ESVERDEADO na bacia.

HARARA

Espera esfriar um pouco e entra,
filho. Um banho de tamarinda vai te
ajudar.

Terena CONSENTE com a cabeça. Ele tira as ROUPAS, e se aproxima da bacia.

HARARA

Isso daí é o tanto que você ta
andando com os purutuye. Seu
espírito não foi embora, mas ele ta
inquieta.

TERENA

Mas eu não senti nada quando tava
conversando com eles.

HARARA

Essas coisas você sente depois. Já
tá boa a água?

Terena coloca a MÃO na água esverdeada.

TERENA

Tá sim.

Terena entra na bacia, e senta, cobrindo parte de seu corpo.

Harara se aproxima dele com uma grande PENA na mão. Enquanto ela fala, ela passa a pena suavemente na CABEÇA de Terena.

HARARA

Eles deixam os nossos espíritos
inquieta. Até os mortos deles são
mais perigosos.

TERENA

Eles me dão uns doces sempre que eu
vou lá. As vezes me dão até um
brinquedo.

(CONTINUED)

HARARA

(Dá um sorriso)

Eu sei, filho. Seu pai acha que eu não entendo ele, mas eu sei que ele quer afastar o perigo deles tarem tão perto.

Está quase anoitecendo. Neste momento, uma CORUJA aparece na porta, do lado de fora da casa. Ela fica lá, parada, olhando.

Harara repara na coruja, e continua passando a pena na cabeça de Terena e ajudando-o a se molhar.

HARARA

Nem sei o que mais a gente podia fazer. Eu fico preocupada, mas eu sei que tem certas coisas que não dá pra evitar.

TERENA

Se você quiser, eu paro de ir lá.

HARARA

Não. Não precisa. Eu sei que vai ser muito natural pra você assumir um papel na nossa relação com os purutuye. Você ainda é criança, e entende mais deles que qualquer um daqui.

TERENA

É mesmo?

Harara aponta para a coruja.

HARARA

Sim. Olha. Hurumukuku. Quando ela visita assim, é porque alguém vai viajar. Ela apareceu na porta ainda!

Terena olha abismado para a coruja.

TERENA

Vai viajar? Mas pra onde? O papai que sempre tá viajando.

HARARA

Você vai saber logo. As vezes elas vêm pro seu pai, mas essa eu acho que veio atrás de você mesmo.

(CONTINUED)

TERENA

Sério?

HARARA

É o que eu falei. Tem certas coisas
que vão acontecer, não importa
muito o que a gente faça.

Terena consente com a cabeça, e olha para a coruja. Seus
OLHOS se encontram, e a noite já escurece tudo por fora.

INT. - SALA DE JANTAR DA CASA GRANDE - NOITE

BARÃO JOÃO PEREIRA

...E eu te digo, Francisco. Aquilo
ali não vai terminar assim não. O
Império pode ter derrubado o Rosas,
mas se a Argentina unificar, a
gente fica numa posição complicada.

O BARÃO JOÃO PEREIRA leva um PEDAÇO DE CARNE até a boca. Ele
e FRANCISCO SABINO dividem a mesa de jantar, muito bem
servida de COMIDAS VARIADAS.

ANACLETO, parado ao lado da mesa, aguarda com uma GARRAFA DE
CONHAQUE nas mãos, pronto para servir os senhores quando
precisassem.

FRANCISCO SABINO

Você acha mesmo, João? Digo, nunca
tive contato com a região, mas
parece que o Caxias conseguiu
garantir as coisas por lá.

BARÃO JOÃO PEREIRA

O Marquês de Caxias é um militar
bastante capaz pra seguir ordens.
Agora, pra pensar sobre elas...
Você sabe disso, Francisco.

FRANCISCO SABINO

Ah sim. Ele ainda não era
comandante quando eu saí da
Bahia...

(Sabino olha rapidamente para
Anacleto com o canto do olho)
...mas sei bem o porquê de ele ter
virado "o Pacificador" depois das
revoltas. Conseguiu sufocar muitos
dos movimentos. Matou muita gente.

(CONTINUED)

BARÃO JOÃO PEREIRA

Sim. Vocês lá do norte não sabem, mas os rios todos que passam por aqui vão dar no oceano pela Argentina ou Uruguai. Se eles dificultam, nossa situação fica complicada.

O Barão se levanta da mesa, e pega um pequeno MAPA em cima de uma outra mesa próxima. Ele o mostra a Sabino, e aponta para a região.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Olha só. Todo mundo que sai da capital pra chegar aqui tem que vir de navio, passando pela Argentina e pelo Paraguai. Por isso até as notícias que recebemos aqui são atrasadas.

FRANCISCO SABINO

Entendi. Conheci algumas pessoas da Província do Rio Grande que reclamavam muito dos uruguaios e dos argentinos.

O Barão coloca o mapa para o lado, se senta de volta em seu lugar, e volta a beber com Sabino.

BARÃO JOÃO PEREIRA

O problema é que ali ninguém sabe muito bem onde termina e onde começa cada país. Eles tão adiando a decisão tem muito tempo. A tensão tá só começando, ainda mais que o Paraguai se abriu pro mundo agora.

FRANCISCO SABINO

É mesmo? Disso eu não sabia. Meu conhecimento de política internacional é fraco. Mas você acha que pode estourar mais uma guerra?

BARÃO JOÃO PEREIRA

Não seria nada novo. Eu acho que tinha era que resolver logo essas questões. Mas agora, se o Império entra em guerra contra uma Argentina unificada, eu tenho medo por todos nós que moramos perto da fronteira.

O Barão pega um CACHIMBO próximo, e faz um sinal para Anacleto. O menino pega uma CAIXA COM TABACO em cima de uma estante, e a leva ao Barão.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Anacleto. Francisco conversou comigo a respeito das suas aulas. Como ele vai passar um tempo aqui, e me garantiu que isso não iria incomodar, vou permitir que ele lhe ensine o ofício das letras. Muitas portas podem se abrir se você se aplicar e aprender bem.

ANACLETO

(Olha para o lado, fala baixo)
Agradeço muito, senhor Barão...

BARÃO JOÃO PEREIRA

Mas só vou permitir se isso não atrapalhar nos seus afazeres aqui na casa. O que foi? Não está contente? Francisco me falou que você queria muito.

ANACLETO

(Pausadamente, escolhendo bem as palavras)
Er... To contente sim, Senhor. Gostaria apenas de saber por que nenhum outro de nós tem essa chance. Por que todos os outros escravos trabalham na lavoura?

O Barão FRANZE A TESTA. Da porta da cozinha, surge MARIA DO ROSÁRIO, que olha preocupada para Anacleto.

MARIA DO ROSÁRIO

Meu filho...

BARÃO JOÃO PEREIRA

(engrossa a voz)
Maria do Rosário. Não se mete. Minha conversa é com o menino.

Maria do Rosário dá um passo para trás sentindo a autoridade. O Barão se vira novamente para Anacleto.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Você tem muita sorte por não precisar trabalhar como um escravo de ganho que nem os outros. Você não gosta dos serviços leves aqui de dentro da casa?

ANACLETO

(Com o corpo acuado, mas o
olhar firme sobre o Barão)
Sim, sim, senhor! Agradeço muito
por isso. Só acho meio... injusto.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Injusto? Onde você aprendeu isso?
Eu permito que você more aqui por
causa do respeito que tenho pela
sua mãe, que fez o parto do meu
filho. Dou tudo que ela me pediu, e
você me chama de injusto, querendo
trabalhar como escravo de ganho?

ANACLETO

Não é isso que eu to falando...

BARÃO JOÃO PEREIRA

Você fala quando eu fizer uma
pergunta.

Anacleto fecha a boca, e olha para baixo. O Barão termina de
preparar seu cachimbo e o acende.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Tudo bem então. Se quer tanto
entender como é o trabalho na
lavoura, vou te deixar lá por um
mês. Pode pegar suas coisas, você
dorme na senzala nesse tempo.
Quando voltar, Francisco começa
suas aulas.

ANACLETO

Sim, senhor.

Anacleto entrega a bandeja para a mãe, e sem falar mais
nada, sai em direção ao seu quarto. Maria do Rosário troca
um rápido OLHAR pouco amigável com o Barão, enquanto
Francisco Sabino também acende um cachimbo ao lado.

SEQUENCIA AVANÇO DE TEMPO

Entram FLASHES de imagens mostrando a passagem de tempo para
os personagens, da seguinte forma:

ANACLETO, 9, trabalha na PLANTAÇÃO, enquanto SABINO o
observa.

TERENA, 9, anda com KAXÉ próximo ao PRESÍDIO DE MIRANDA.

(CONTINUED)

ANACLETO, 11, sentado em uma MESA, recebe lições de FRANCISCO SABINO.

Os MILITARES mostram a TERENA, 12, o interior de um BARCO.

ANACLETO, 15, ajuda MARIA DO ROSÁRIO a cuidar de suas PLANTAS.

TERENA, 16, sai do PRESIDIO DE MIRANDA carregando uma BOLSA com MAPAS.

ANACLETO, 16, chora no ENTERRO de FRANCISCO SABINO.

TERENA, 18, mostra seu BARCO DE MADEIRA, feito por ele mesmo, para KAXÉ e HARARA.

EXT. - BARCO DE TERENA PELO RIO MBOTETHEY - DIA

TERENA, 20, rema o seu BARCO seguindo o curso do Rio Mbotetey. Acompanha ele no barco um HOMEM alto, chamado FRANCISCO RESQUÍN, comerciante paraguaio em viagem pela região.

Resquín olha para as PAISAGENS, e para a VEGETAÇÃO fechada às margens dos rios.

FRANCISCO RESQUIN

Las paisajes son muy belas, pero imagino ser muy dificil camiñar por tierra este trajecto.

TERENA

Por tierra? Ah sim, sí. El rio é a... mejor... forma de transporte. Sem ele, teria que conocer muy bem a região.

FRANCISCO RESQUIN

Entendo. Bien que encontré a tu, señor Terena. Pareces conocer más de la región que sus otros colegas guias.

TERENA

(Mostrando as mãos ao final da fala)

Obrigado, Senhor Resquin. Yo moro aqui desde que nasci, com meu povo. Conheço la región com la palma de my mão.

FRANCISCO RESQUIN
 Muy bueno. Voy recomendar tu
 trabajo a algunos amigos de
 negocios en Paraguai. Ellos
 pensaban en vir.

TERENA
 Agradeço muito, senhor Resquin.

FRANCISCO RESQUIN
 Lo clima aquí es parecido con lo de
 Paraguai. Pero, mas caliente cerca
 de la frontera.

Nesse momento, eles passam proximos de uma das margens do
 rio, bastante alagada, e Terena percebe um PÁSSARO enorme.

TERENA
 (Aponta para o pássaro)
 Olha! Mira... Senhor Resquin.
 Tuiuiú.

FRANCISCO RESQUIN
 Muy belo!

O tuiuiú então, levanta vôo e vai em direção a uma árvore.

EXT. - PRAÇA DE CORUMBÁ - DIA

ANACLETO, 20, anda pela PRAÇA de Corumbá, ao lado do porto,
 enquanto observa o Rio Paraguai, enorme. Ele espera ao lado
 de uma CARRUAGEM.

BARÃO JOÃO PEREIRA
 O rio te incomoda?

Anacleto percebe no susto o BARÃO JOÃO PEREIRA ao seu lado.

ANACLETO
 Senhor Barão! Me desculpe. Não vi o
 senhor chegar.

BARÃO JOÃO PEREIRA
 Fique calmo. A Baronesa ainda não
 apareceu, certo?

ANACLETO
 Ainda não senhor. Estou de olhos
 abertos.

BARÃO JOÃO PEREIRA
Só a cabeça que parece que não ta
ai.

O Barão dá uma RISADA comedida. Ele então dá alguns passos para o lado e acende um CHARUTO.

EXT. - CAIS DE CORUMBÁ - DIA

TERENA ajuda FRANCISCO RESQUIN a descer do BARCO, em um canto do CAIS de Corumbá, ao lado da praça. Ele amarra o barco no cais, quando Francisco Resquin encosta em seu ombro e lhe dá um DINHEIRO.

FRANCISCO RESQUIN
Terena, pegue más un poco. Agradeço mucho. Esta viaje fue muy buena.

TERENA
(Pega o dinheiro)
Yo que agradeço, senhor Resquin. O senhor é muy amigo.

EXT. - PRAÇA DE CORUMBÁ - DIA

ANACLETO volta a observar o RIO, e percebe dois HOMENS conversando ao lado de uma pequenina EMBARCAÇÃO rudimentar.

Os homens eram TERENA e FRANCISCO RESQUÍN.

EXT. - CAIS DE CORUMBÁ - DIA

FRANCISCO RESQUIN
Ah si, si, si.

FRANCISCO RESQUIN dá uma última RISADA, e se afasta de TERENA, na direção da ADMINISTRAÇÃO da cidade.

Terena então olha em volta, para a praça da cidade, perto do porto, e percebe ANACLETO o observando, próximo à pista, do outro lado da praça. Eles trocam um OLHAR.

Nesse momento, uma BUZINA ALTA anuncia a chegada de uma GRANDE EMBARCAÇÃO. Terena vê a embarcação, e desamarra seu barco do cais.

EXT. - PARTE DE FORA DA FAZENDA - DIA

ANACLETO tem sua atenção atraída pela BUZINA alta, que anuncia a chegada de uma grande EMBARCAÇÃO no porto, colado na praça da cidade.

A embarcação encosta no cais, e várias PESSOAS começam a sair dela. No meio das pessoas, uma SENHORA muito bem vestida, a BARONESA AMÉLIA PEREIRA, acompanhada por um HOMEM alto, o filho dela com o Barão, EDUARDO PEREIRA.

Eles se aproximam da carruagem, levando cada um uma pequena BOLSA com coisas. O Barão rapidamente abraça o filho.

BARÃO JOÃO PEREIRA
Edu, meu filho! Que saudade.

EDUARDO PEREIRA
Oi, meu pai. É bom te ver.

O Barão se vira então para a Baronesa, e a cumprimenta de forma mais formal.

BARÃO JOÃO PEREIRA
Amélia...

BARONESA AMÉLIA PEREIRA
João. Como vai?

Ela se vira então para Anacleto.

BARONESA AMÉLIA PEREIRA
E você? Não vai pegar minha bolsa não? Parece que vocês relaxaram ainda mais desde a última vez que eu vim.

Anacleto abaixa o rosto, consentindo, e se apressa para pegar a bolsa da Baronesa.

ANACLETO
Sim, senhora.

BARÃO JOÃO PEREIRA
(se dirigindo à Baronesa)
Tudo meio na mesma. Vamos conversando no caminho. Maria do Rosário espera com uma refeição.

BARONESA AMÉLIA PEREIRA
Certo.

(CONTINUED)

Anacleto coloca as bolsas dentro da carruagem. A família entra no veículo. Ele então sobe na carruagem e toma as RÉDEAS dos CAVALOS.

Anacleto dá uma PUXADA nas rédeas e um leve ASSOPIO, sinal para os cavalos começarem a andar.

Ele dá uma última OLHADA para o porto, e vê o índio Terena soltando seu barco e começando a navegar rio abaixo.

EXT. - CAIS DE CORUMBÁ - DIA

O pequeno BARCO de Terena vai saindo devagarzinho do porto, ao lado da grande EMBARCAÇÃO.

Terena olha para a imensidão do Rio Paraguai, e respira fundo. Ele olha novamente para a cidade, e percebe ANACLETO o observando enquanto começava a sair com a carruagem.

Terena o observa ir embora, enquanto seu próprio barco sumia na imensidão.

INT. - DENTRO DA CARRUAGEM - DIA

ANACLETO conduz a carruagem com o BARÃO JOÃO PEREIRA e sua família pelas planícies e paisagens da Província do Mato Grosso. Ele presta atenção à conversa da família.

BARONESA AMÉLIA PEREIRA
...Devem escolher o novo presidente da província em alguns meses.

BARÃO JOÃO PEREIRA
Então, o Albino vai cair mesmo? Mal completou um ano.

BARONESA AMÉLIA PEREIRA
Ah, vai sim. Divergência política, eu acho. Mas também não é como se eles dessem muita importância pra esse fim de mundo.

BARÃO JOÃO PEREIRA
Sim... E tem alguém cotado? Que que pensa nosso querido imperador?

O Barão dá uma risada irônica

BARONESA AMÉLIA PEREIRA
Ai já não sei. Vi muita gente falando do Carneiro de Campos. Ele
(MORE)

(CONTINUED)

BARONESA AMÉLIA PEREIRA (cont'd)
é Coronel, né, Edu? Ia ser bom ter
um militar aqui.

Eduardo Pereira, calado até o momento, observando a paisagem e abanando sua blusa, dá então sua opinião.

EDUARDO PEREIRA
É sim, mãe. Parecia que o Imperador
tava bem decidido. Deus! O Rio de
Janeiro é quente, mas aqui é ainda
mais! Tinha esquecido.

BARÃO JOÃO PEREIRA
Entendi. Bom, quando ele estiver
vindo para cá, vou providenciar um
jantar. É importante manter as boas
relações.

A carruagem dá uma boa CHACOALHADA ao cair em um BURACO.

BARÃO JOÃO PEREIRA
Anacleto. Toma cuidado. Vai mais
devagar.

Anacleto diminui um pouco o ritmo dos cavalos, podendo até
ouvir melhor as conversas.

BARÃO JOÃO PEREIRA
E o que mais ta acontecendo por lá?

EDUARDO PEREIRA
O que tem incomodado mesmo é o
Uruguai. A guerra cívil lá tá
atrapalhando os negócios dos
rio-grandenses. Você sabe que
qualquer coisa ali coloca o
Imperador e a Câmara com o rabo
entre as pernas.

BARÃO JOÃO PEREIRA
Ali é complicado. A Guerra dos
Farrapos foi uma pedra no sapato do
governo. Mas não teve nenhuma
mudança na situação lá do Uruguai?

EDUARDO PEREIRA
Não teve eleição por causa da
guerra. O mesmo partido continuou
no poder, os mesmos revoltados
continuaram revoltados.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Entendi. Então não mudou nada. Isso ainda vai dar uma merda.

EDUARDO PEREIRA

Vai. Qualquer coisa ali mete no meio a Argentina também. E se bobear o Paraguai.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Todo mundo tem medo de restrição no Rio da Prata.

EDUARDO PEREIRA

Ah sim.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Enquanto não tem ferrovia, a gente fica na mão do Prata também. Tudo que sai da fazenda sai de navio.

Nesse momento, a Baronesa, que olhava para a paisagem, volta a conversa.

BARONESA AMÉLIA PEREIRA

A viagem pra cá é horrível. Muito longa, cansativa. E o perigo de passar tão perto do Uruguai, com aquela guerra! Mas ninguém fala nada sobre ferrovia não.

EDUARDO PEREIRA

As coisas tão estranhas lá na capital depois do caso da Inglaterra. O Partido Liberal tá em crise. Acho até que vão aprovar a intervenção no Uruguai só pra melhorar a opinião pública.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Bom, sendo pra garantir a navegação, eu acho que justifica.

EDUARDO PEREIRA

Sim, sim. O problema que no meio disso é o Paraguai.

BARÃO JOÃO PEREIRA

O Paraguai? Eles encham o saco com os navios que vêm aqui pra Província, mas não têm força pra mais que isso, né?

(CONTINUED)

EDUARDO PEREIRA

Bom, o presidente lá morreu, e o filho assumiu. Só que parece que o filho organizou um exército forte, e é louco o suficiente pra qualquer coisa.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Qual o nome dele?

EDUARDO PEREIRA

Era... Hm... Solano Lopez, eu acho.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Solano Lopez? Ele não foi aquele menino que comandou as tropas paraguaias na Guerra do Prata?

EDUARDO PEREIRA

Isso mesmo. O pessoal fala que com 23 ele já era Ministro da Guerra e da Marinha. Parece piada.

BARÃO JOÃO PEREIRA

É um prodígio mesmo... Lembro dele. Altivo, competente. Muito arrogante.

EDUARDO PEREIRA

Vamo esperar que as coisas se resolvam.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Ah sim! Uma guerra aqui pode ameaçar até a Fazenda. Não é tão na fronteira, mas nunca se sabe.

A carruagem passa por um PORTÃO. O Barão olha para fora, e vê a FAZENDA um pouco longe.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Olha, estamos chegando. Pode apressar um pouco, Anacleto. A pista agora é boa.

ANACLETO

(Olhando rapidamente para dentro da carruagem)

Sim, senhor!

Anacleto dá uma BATIDA nas rédeas, e os CAVALOS apertam o passo. A carruagem mergulha na paisagem, em direção ao belo CASARÃO da Fazenda ao fundo.

EXT. - BARCO DE TERENA PELO RIO PARAGUAI - DIA

TERENA conduz calmamente seu BARCO, olhando para cima, o céu azul, e para a paisagem em volta.

Surge um SOM BAIXO, de alguém gritando. Um HOMEM parado em uma das margens do rio acena para Terena, que vira um pouco o barco e começa a se aproximar.

Terena encontra SEVERINO, 55, andando com uma GRANDE MOCHILA lotada com utensílios do dia-a-dia, como FACAS, CUTELOS, COLHERES, NAVALHAS, PEQUENAS ENCHADAS.

SEVERINO

Opa, opa! Ainda bem que você parou.

Quando Terena se aproxima, Severino franze a testa.

SEVERINO

Você é um bugre?

TERENA

Bugre?

SEVERINO

Índio!

TERENA

Eu sou Terena. Você precisa de ajuda? Sou guia aqui na região.

Severino olha para o lado, evitando encontrar o olhar de Terena.

SEVERINO

Preciso não. Pode ir embora.

Terena começa a virar o barco de volta para o rio.

TERENA

Tem certeza? Aqui tá muito longe de qualquer coisa.

Severino dá de ombros.

SEVERINO

E-eu perdi meu cavalo. Me roubaram alguns dias atrás.

Terena volta a se aproximar da margem.

(CONTINUED)

TERENA

Aqui você tem que dormir com o olho aberto. Se não, ou te roubam, ou a onça come.

Severino pareceu gelar ao ouvir sobre onça.

SEVERINO

Deus que me livre.

TERENA

Você tá indo pra onde?

SEVERINO

Precisava chegar no Presídio de Miranda.

O barco de Terena encosta na margem.

TERENA

Miranda? Que sorte a sua. To indo pra lá agora. Moro lá perto.

SEVERINO

Ah, você mora perto dos militares?

TERENA

Moro sim. Nós fazemos algumas trocas desde que eu era criança.

Terena oferece a MÃO ao homem.

TERENA

Vem.

Severino olha para os lados, e aceita a mão de Terena.

SEVERINO

Tá bom.

Severino sobe no barco com alguma dificuldade. Depois de colocá-lo sentado, Terena usa o REMO para voltar para o curso do rio.

EXT. - BARCO DE TERENA PELO RIO PARAGUAI - DIA

TERENA rema o barco pelo rio. SEVERINO, ao lado, observa as ÁRVORES em volta, na margem.

SEVERINO

Você conhece o soldado Pedro Carniça?

(CONTINUED)

TERENA

(Dá uma risada)

Não conheço. É lá do presídio?

SEVERINO

Sim. Foi pra lá tem uns meses só.

TERENA

Entendi. Eu fico muito tempo fora, trabalhando. Já não volto pra casa tem tempo.

Severino tira de sua mochila um CACHIMBO, e o acende.

TERENA

É seu amigo? Esse Pedro Carniça.

SEVERINO

Era um vagabundo que nem eu, aquele diabo. A gente vivia fazendo besteira. No final, eu encontrei Deus, e ele, foi condenado ao exército.

TERENA

Condenado?

SEVERINO

É. Quem faz merda, pode ser condenado a servir. É uma mão na roda pra esses filhos da puta.

Terena continua a remar seu barco, suavemente, pelo curso do rio.

SEVERINO

Você parece menos um bugre do que os outros.

TERENA

Ainda não entendi por que bugre. Vocês não chamam de índio?

SEVERINO

Porque vocês não acreditam em Deus, ora.

Terena dá de ombros e olha para o lado, como se estivesse ofendido. Severino nem liga, apenas continua fumando seu CACHIMBO e jogando a FUMAÇA para o alto.

(CONTINUED)

SEVERINO

Essas "gentes" de vocês aí ficam atacando as fazendas, os viajantes. Aposto que algum de vocês que me roubou.

TERENA

Tem muitos de nós. Meu povo não ia querer nada com seu cavalo.

SEVERINO

Pra mim vocês são tudo igual. Mas é isso que eu to falando. Você não parece muito um bugre.

TERENA

Eu faço serviço de guia aqui há muito tempo. A gente aprende a lidar com todos os tipos de gentes. As melhores... (ELE DA UMA OLHADA DE CANTO DE OLHO PARA SEVERINO) ...e as piores.

Severino nem percebe o OLHAR de Terena. Ele observa a paisagem, e olha para cima pensando antes de cada fala.

SEVERINO

É. Deve ser por isso.

Terena não dá corda para o assunto, e Severino fica apenas fumando e olhando em volta.

INT. - QUARTO DE ANACLETO E SUA MÃE - DIA

ANACLETO está sentado em sua cama lendo um LIVRO. SONS DE PASSOS fora do quarto precedem a entrada de MARIA DO ROSÁRIO, com a respiração profunda.

MARIA DO ROSÁRIO

Meu filho, será que você pode me ajudar? To precisando pegar umas ervas ali fora, mas to tão cansada.

ANACLETO

Claro. Sim senhora.

Anacleto se levanta, calça um SAPATO, e acompanha sua mãe enquanto conversa.

ANACLETO

O serviço aumenta bastante quando a Baronesa tá aqui, né? Toma cuidado,
(MORE)

(CONTINUED)

ANACLETO (cont'd)
mãe. A senhora já não é mais tão nova.

MARIA DO ROSÁRIO
Eu sei, meu filho. Mas ela não vem muito, quase sempre as coisas são mais tranquilas.

ANACLETO
Sim, sim. Mas não vai se forçar demais. Eu to aqui. Me pede as coisas quando precisar. Ainda mais com os trabalhos mais difíceis.

MARIA DO ROSÁRIO
Você já faz outras coisas, meu filho, e no resto do tempo quero que você continue estudando. Isso já te ajudou aqui na fazenda, pode ajudar mais.

ANACLETO
Vou continuar sim, mãe. Tava pensando em pedir ao Barão para fazer algum trabalho por fora, e poder guardar dinheiro.

Eles saem da casa pela PORTA da cozinha.

SEQUÊNCIA PARA

EXT. - PARTE DE FORA DA FAZENDA - DIA

ANACLETO e MARIA DO ROSÁRIO andam pelo jardim da fazenda. Ela olha em volta procurando as plantas que precisa.

MARIA DO ROSÁRIO
Eu acho ótimo. Pede sim. Arruma um jeito de se sustentar, mas não precisa preocupar com sua carta não, que eu vou dar um jeito nisso.

ANACLETO
Carta?

Maria do Rosário para próximo a uma PLANTA específica.

MARIA DO ROSÁRIO
Aqui, pega umas folhas dessas aqui, por favor. É... A carta de liberdade.

(CONTINUED)

Anacleto se abaixa para recolher as FOLHAS que a mãe havia pedido.

ANACLETO

Ah, a carta de alforria. Mas como assim, mãe? O Barão não ia me dar essa carta de jeito nenhum. Quero comprar dele. A minha e a da senhora, claro.

Anacleto se levanta, após recolher as folhas pedidas, e eles voltam a andar pelo jardim enquanto conversam.

MARIA DO ROSÁRIO

A minha? Não, meu filho. Se preocupa com as suas coisas. Eu não ia ter nem o que fazer fora da fazenda. O Barão trata a gente bem, e, como você falou, to ficando velha.

ANACLETO

Que isso, mãe? E eu ia embora e ia te deixar aqui? De jeito nenhum. Eu sei que a senhora não tem problemas com o Barão, mas isso não é vida. Já pensou, poder ir para onde a senhora quiser? Poder ter as suas coisas, e parar de ter que cuidar das coisas dos outros?

Maria do Rosário aponta uma outra PLANTA. Anacleto se abaixa para pegar os RAMOS.

MARIA DO ROSÁRIO

Essa aqui eu queria que você pegasse com os ramos. Preciso dela toda... Eu fiquei muito feliz quando o seu Francisco te ensinou a ler e escrever. Eu sempre quis que você pudesse seguir o seu caminho, sem depender de ninguém.

ANACLETO

Ah sim. Seu Francisco foi um companheiro muito grande. Fiquei muito triste quando ele foi...

MARIA DO ROSÁRIO

Todo mundo, filho. Até os escravos gostavam dele. (ELA DÁ UMA RISADA) Eu tenho meu jeito de conseguir a sua carta, o Barão ainda me

(MORE)

(CONTINUED)

MARIA DO ROSÁRIO (cont'd)
considera bastante. Mas, você
querer me levar também, ia ser só
um peso grande. A vida lá fora
também é difícil.

Anacleto termina de colher, e se levanta. Eles continuam
andando.

ANACLETO
Mas é a liberdade, mãe. Escolher
encarar esses problemas também faz
parte. O que eu não quero é que nós
não tenhamos nenhuma chance de sair
quando a gente quiser. O seu
Francisco me ensinou muitas coisas.
Sinto muita falta dele. Sabe qual
foi a primeira coisa que ele me
falou, naquele dia que a gente
conheceu?

Maria do Rosário nega com a cabeça.

ANACLETO
Que o mundo é injusto mesmo, com
várias coisas horríveis que
acontecem. A gente consegue mudar,
mas isso só depende da gente.

MARIA DO ROSÁRIO
Entendi. Mas isso pode demorar
demais, filho. A prioridade é você.
Sei que o Barão vai ajudar. Você
virou o empregado pessoal dele, ele
viu as coisas que você pode fazer.
Ah, aqui. Pega mais um pouquinho
dessa última.

Anacleto começa a colher FOLHAS da última planta.

ANACLETO
Acho que isso pode é dificultar as
coisas. E ouvi pela cidade que tem
sido difícil de conseguir a
liberdade depois de uma lei aí, que
acabou com o tráfico de escravos.
Com menos escravos no Brasil, os
donos criam ainda mais dificuldade.

Anacleto termina de colher as folhas, e se levanta.

ANACLETO
Vamos voltando?

MARIA DO ROSÁRIO
Vamos sim.

Eles começam a andar em direção à casa.

MARIA DO ROSÁRIO
É disso que eu tenho medo. Sei que é bem difícil de conseguir essas coisas. Já pode ser difícil pra você. Não quero te segurar aqui.

ANACLETO
A senhora não segura nada, mãe. Preciso que você vá comigo. Quero te tirar daqui também. Por favor, pode deixar que eu vou resolver essas coisas.

MARIA DO ROSÁRIO
Tudo bem, filho. Só não vai desafiar o Barão. Você sabe que ele fica nervoso.

ANACLETO
Sim, senhora. Vamos. Eu te ajudo na cozinha.

Os dois seguem andando em direção à Casa Grande.

EXT. - MARGEM DO RIO MBOTETHEY AO LADO DE MIRANDA - DIA

O barco de TERENA anda próximo à margem, quando ele e SEVERINO reparam em um pequeno GRUPO DE MILITARES que andavam por terra perto do rio.

SEVERINO
Olha, se não é o Pedro Carniça!
Chega ali perto.

Terena dá uma balançada na cabeça, manobra o barco com remo, e se aproxima da margem.

Ao chegarem perto, Severino dá um grito dirigido aos homens.

SEVERINO
Pedro Carniça!

PEDRO CARNIÇA, 35, um dos homens do grupo, se aproxima da margem, para ajudar a parar o barco.

(CONTINUED)

PEDRO CARNIÇA
Severino, meu amigo!

O barco para na margem do rio, e enquanto Pedro Carniça ajuda Severino a sair, leva uma bronca dele.

SEVERINO
Pedro, seu demônio! Você não falou que era impossível de chegar aqui.

PEDRO CARNIÇA
Impossível? Você não ta aqui, porra?

Severino consegue sair do barco, e conversa com Pedro Carniça na margem do rio, enquanto faz SINAL para Terena entregar sua GRANDE MOCHILA.

SEVERINO
Depois de passar o inferno no caminho. Roubaram meu cavalo, Pedro! E a porra da floresta e muito cheia.

PEDRO CARNIÇA
Você achou que mato grosso era a toa?

Terena entrega a mochila, e Pedro Carniça a pega para o amigo.

SEVERINO
Não fosse o nosso amigo bugre aqui, eu tinha morrido no meio desse mato.

Nesse momento, Pedro Carniça meio que percebe a presença de Terena, e olha para ele.

PEDRO CARNIÇA
Obrigado. Você é quem?

TERENA
Sou Terena, ali da cachoeirinha.

PEDRO CARNIÇA
Então você que é o índio guia?

Terena TOSSE, um pouco desconfortável.

TERENA
Sim.

PEDRO CARNIÇA

Tive com seu pai na semana passada. Vim pra cá tem pouco tempo, ainda não tenho quase nada. O pessoal falou que vocês eram os melhores fabricantes de cerâmica da região.

TERENA

Ah sim, já é uma tradição.

Pedro Carniça percebe Terena querendo ir, e olha para Severino, que arruma as coisas de sua mochila.

PEDRO CARNIÇA

Desculpa o jeito do meu amigo. Ele é cortês que nem uma desgraça, mas não gosta dos índios.

TERENA

Tudo bem. Eu já vou. Tem tempo que não vou para casa.

Terena foi se virando e começando a sair da margem.

PEDRO CARNIÇA

Só, antes disso... Tem uma coisa importante.

Terena segura o barco parado, e olha para Pedro Carniça.

PEDRO CARNIÇA

Não sei se você ouviu sobre isso lá pras bandas de Corumbá, mas parece que agora tem uma tal de lei de terras aí.

TERENA

Lei de terras?

PEDRO CARNIÇA

Quem disse foram uns índios que tavam chegando na Província de São Paulo. Que tomaram as terras deles, e agora eles tavam tentando encontrar um lugar pra ficar.

TERENA

Eu nunca ouvi falar sobre isso.

PEDRO CARNIÇA

Bom, que nem o Severino falou, esse lugar é um inferno pra chegar qualquer coisa, mas alguma hora

(MORE)

(CONTINUED)

PEDRO CARNIÇA (cont'd)
chega. Seu pai me tratou muito bem,
por isso to só avisando.

TERENA
Obrigado. Vou ficar de olho nisso.

Pedro Carniça e Terena inclinam levemente a cabeça, se despedindo, enquanto o indígena vira o barco e o coloca de volta no curso.

Terena segue seu caminho, enquanto os homens conversam na margem e voltam para o grupo de militares.

INT. - SALA DA CASA GRANDE DA FAZENDA - DIA

ANACLETO anda pela sala da Casa Grande, e percebe um movimento do lado de fora. Ele vai até a janela para olhar o que era.

Alguns ESCRAVOS faziam a PODA de algumas ÁRVORES E PLANTAS da frente da casa. Anacleto olha para eles, e vai até a porta da casa.

EXT. - VARANDA DA FRENTE DA CASA GRANDE - DIA

Dois ESCRAVOS ADULTOS, 17 e 25, e uma CRIANÇA, 10, estão em um canto. Eles vestem CAMISÕES BRANCOS SIMPLES, enquanto tomam água de uma CUIA.

ANACLETO, com suas roupas um pouco mais elaboradas, destinadas aos escravos da casa, chega por trás dos homens. Ele vacila um pouco, mas então fala com eles.

ANACLETO
Hm... O-Olá...

Os homens, quando percebem a aproximação de Anacleto, logo se levantam, e tomam uma posição defensiva.

ES CRAVO
Desculpa, senhor! Já tamo voltando
agora pro serviço!

Os dois homens se levantam, e saem apressadamente em direção às árvores que estavam podando.

ANACLETO
Oi? Ahn? Não, não! Não quero cobrar
nada não...

(CONTINUED)

É em vão. Os homens apenas OLHAM rapidamente para trás, mas SEGUEM seu caminho sem titubear.

Anacleto, triste, olha para baixo, momento em que percebe a presença do MENINO ali ainda.

ANACLETO
Você não vai com eles?

O menino coloca a cuia para o lado, se levanta rapidamente, e começa a se dirigir para os outros escravos.

MENINO
Oi? Sim, sim, senhor! Desculpa.

Anacleto balança a cabeça para um lado e para o outro.

ANACLETO
(calmamente)
Não, não! Eu não falei agora que não
to cobrando nada?

O menino para, e olha para Anacleto, que aponta para a CUIA com água no chão.

ANACLETO
Senta aí. Pode terminar sua água.
Tenho outras coisas pra fazer. Já
vou deixar vocês em paz.

O menino se senta e toma um gole da água, mas continua olhando para Anacleto.

MENINO
Minha mãe disse que você é uma
pessoa boa.

ANACLETO
É mesmo? Quem é sua mãe?

MENINO
Chama Serafina. Lá da senzala.

FLASHBACK DE ANACLETO, AINDA CRIANÇA, OBSERVANDO A MÃE
ENTREGANDO O BEBÊ A SERAFINA

ANACLETO
Ah, sim! Mas você ta enorme!

O menino olha curioso para Anacleto enquanto coloca a CUIA VAZIA no chão.

Anacleto retira um DOCE do bolso de suas vestes, parte um pedaço com as mãos e oferece ao menino, que recebe feliz.

ANACLETO

Você cabia no meu colo a última vez
que eu te vi. Quer dizer, no meu
não, porque eu era criança ainda.

O menino saboreia o DOCE, enquanto Anacleto puxa um CACHIMBO
surrado de outro bolso. Ele acende o cachimbo, e joga a
fumaça para cima.

ANACLETO

Qual que é seu nome?

MENINO

Mariano.

ANACLETO

Mariano? Não é muito comum...

MARIANO

É uma homenagem pra Dona Maria do
Rosário. Minha mãe disse que a
gente quase morreu quando eu nasci,
e quem salvou a gente foi ela. E
você, também, ela disse.

ANACLETO

(Dá um sorriso)

Ahh... Legal que sua mãe se lembra.
Por que que a minha mãe nunca falou
sobre isso? Eu sei que ela vai na
senzala de vez em quando.

MARIANO

Faz tempo que a Dona Maria não
aparece lá. Ela sempre me leva
desse doce.

ANACLETO

O serviço lá na casa fica pesado
quando a Baronesa tá aí. To
ajudando minha mãe até na cozinha.
Ela já tá mais velha.

MARIANO

Entendi. Vocês vivem bem na casa?
Lá na senzala ninguém nem comenta
sobre isso.

ANACLETO

Ah sim. A gente tem bastante
serviço também, mas eu sei que não
chega nem perto de vocês. Quando eu
era criança, o Barão me colocou pra

(MORE)

(CONTINUED)

ANACLETO (cont'd)
trabalhar na plantação por um
tempo.

Anacleto aponta para os dois escravos que haviam se afastado deles e podavam as árvores.

ANACLETO
Aqueles dois eram novinhos ainda.
Mas já parecia que não gostavam
muito de mim. Quem me tratou bem
nessa época foi seu pai, Gerônimo.
Como ele tá, aliás?

Mariano olha triste para baixo, e, enquanto fala, levanta a cabeça para o horizonte.

MARIANO
Ele... Morreu.

ANACLETO
Não acredito! Porra, eu não fico
sabendo de nada que acontece na
fazenda.

MARIANO
Já tem uns dois anos. Você não
lembra de um escravo que morreu
porque caiu um raio na plantação?

ANACLETO
Era ele? Foi um pouco depois da
morte do Francisco. Eu tava muito
mal, nem queria saber de nada.

Anacleto percebe Mariano encarando triste o horizonte. Ele pega o RESTO DO DOCE no bolso, e entrega para o menino.

Eles ficam em silêncio um momento.

ANACLETO
Desculpa. Nunca conheci meu pai.
Ele sumiu quando eu nasci. Sempre
quis saber como ele era.

MARIANO
Seu pai não é o Barão?

ANACLETO
Oi? Não. Claro que não.

Anacleto dá mais uma baforada do cachimbo.

ANACLETO
Como seria o Barão?

MARIANO
Todo mundo fala que só vive na casa
grande a família do Barão. Eu
achei...

ANACLETO
É. A Baronesa e o filho deles. A
gente é só criado.

MARIANO
Entendi. Desculpa...

Nessa hora, um dos escravos que podava as árvores se
aproxima, e chama Mariano.

ESCRAVO
A gente tá voltando. Vamos?

MARIANO
Vamos sim.

Mariano se vira para Anacleto.

MARIANO
Eu tenho que ir. Minha mãe falou
pra eu voltar com eles.

O menino se levanta, e vai em direção aos escravos. Anacleto
o observa se afastando.

ANACLETO
Mariano.

Mariano se vira para Anacleto.

ANACLETO
Se você quiser mais um pouco de
doce, pode me pedir também.

MARIANO
(Dá um sorriso)
Tá bom!

O menino continua seu caminho, e vai embora com os outros
escravos.

Anacleto fica pensativo, fumando mais um pouco, olhando o
céu e o Sol se pondo.

EXT. - PARTE DE FORA DA CASA DE TERENA - DIA

TERENA está sentado na frente de sua casa. KAXÉ, seu pai, e Nzopuné se aproximam dele.

KAXÉ

Terena, meu filho.

Terena se levanta para cumprimentá-los.

KAXÉ

Precisava falar com você. Nzopuné precisava, na verdade.

TERENA

(Se vira para o outro indígena)

Pode falar.

NZOPÚNE

To vindo lá do presídio, Terena. Tinha uns purutuye esquisito lá.

TERENA

Como assim?

NZOPÚNE

É, sem ser só os militares ou os que a gente tá acostumado. Tinha um comerciante mal encarado e...

TERENA

Esse aí eu sei quem é.

NZOPÚNE

... e uns homens do governo. Pareciam mandar em todo mundo lá.

TERENA

É mesmo?

NZOPÚNE

Sim. Eu vi alguém comentando alguma coisa sobre terra, mas nem sei direito. Eu nem ia dar importância, mas o Kaxé me viu falando, e disse pra vir falar com você.

TERENA

Que bom que você veio.

(CONTINUED)

KAXÉ

Sabe, Nzopuné, parece que tá
acontecendo alguma coisa pra tirar
a terra dos índios.

Nzopuné se assusta com aquela informação.

NZOPÚNE

É mesmo? Mas nós nunca fizemos
nada. Por que isso?

TERENA

Ninguém sabe. Só contei pro meu
pai, pra minha mãe, e pro cacique,
pra não criar confusão.

Terena olha para o lado, pensativo.

KAXÉ

E o que que você pensa em fazer,
meu filho?

TERENA

Não vai ter nenhum ataque com dois
homens. Acho melhor ir pra Corumbá.
Se é alguma coisa de terra, eles
vão ta sabendo lá.

KAXÉ

É verdade.

TERENA

É isso. Volto em alguns dias com
uma resposta. Vamos rezar para não
ter problemas.

Terena se despede dos homens, e entra em casa para organizar
suas coisas.

EXT. - MARGEM DO RIO MBOTETÉY - DIA

O SOL ainda surge no horizonte. TERENA coloca suas coisas no
barco, e olha para KAXÉ e HARARA, parados ao seu lado.

TERENA

Fica de olho nas coisas por aí.

HARARA

Tá bom, meu filho. Tenta voltar
logo.

(CONTINUED)

TERENA

Eu vou só ver esse negócio em
Corumbá, e volto.

KAXÉ

Você passa muito tempo longe.

TERENA

Parece você quando eu era criança.
E ainda me levava. Quem sofreu foi
mamãe.

Os três dão uma risada.

HARARA

Tá bom, meu filho. Vai logo, que
quando o Sol nasce é a hora que os
mortos vão embora.

TERENA

Ta bom, mãe.

Terena dá um ABRAÇO em Harara, e depois em Kaxé.

Em seguida, ele entra no barco, pega o REMO, e começa a
colocá-lo no fluxo da água. Olha uma última vez para os
pais, ali na margem. Se vira, e segue o caminho.

INT. - COZINHA DA CASA GRANDE - NOITE

MARIA DO ROSÁRIO coloca uma PANELA COM ÁGUA para ferver.
ANACLETO entra pela porta, meio inquieto.

MARIA DO ROSÁRIO

Meu filho. To fazendo um chá aqui.
Você quer um pouco?

ANACLETO

Quero sim, mãe. Por favor.

Anacleto anda pela cozinha, pega um PEDAÇO DE BOLO, que
coloca todo na boca. Ele vai até o canto e se senta em uma
CADEIRA. Fica observando a mãe, mexendo as PERNAS, mesmo
sentado.

Maria do Rosário percebe a excitação do filho, e se vira
para ele.

MARIA DO ROSÁRIO

Cê vai abrir um buraco no chão com
essa perna aí.

Anacleto olha para as pernas, e para de mexê-las.

(CONTINUED)

ANACLETO

Desculpa.

MARIA DO ROSÁRIO

O que que foi, meu filho? Tem alguma coisa te incomodando?

ANACLETO

Mãe, quando eu era criança eu te perguntava muito sobre meu pai.

Maria do Rosário desvia o olhar, se vira e vai guardar LOUÇAS no armário.

MARIA DO ROSÁRIO

Sim. Eu já te falei que seu pai foi embora há muito tempo.

ANACLETO

Mas pra onde? A senhora nunca teve nenhuma notícia?

Ela para de guardar a louça e volta a olhar para o filho, com um prato na mão.

MARIA DO ROSÁRIO

Não... Por que essa pergunta agora?

ANACLETO

Eu parei de perguntar, porque eu percebi que a senhora não gostava. E o Francisco foi um pai pra mim.

MARIA DO ROSÁRIO

Mas por que então que você resolveu falar disso hoje?

Anacleto se levanta enquanto olha para os lados, e se aproxima da mãe.

ANACLETO

Eu tava pensando, mãe. Tem alguma chance do Barão ser o meu pai?

Maria do Rosário segura firme o prato. Ela percebe, e o coloca no ARMÁRIO.

MARIA DO ROSÁRIO

Claro que não, meu filho! Quem te falou isso?

ANACLETO

Eu sei que os escravos da senzala
falam que só mora gente da família
do Barão aqui na casa.

MARIA DO ROSÁRIO

Claro! Ele, a Baronesa, e o filho.
A gente é os criados da casa.

Maria do Rosário pega um copo bem simples, no cantinho da
mesa, e se serve de água.

ANACLETO

(Coçando a cabeça)

Foi isso que eu falei pra ele,
mas...

MARIA DO ROSÁRIO

Ele quem, meu filho?

ANACLETO

O Mariano, filho da Serafina.
Conheci ele hoje.

MARIA DO ROSÁRIO

Mas ele é uma criança de 10 anos.
Pode ter ouvido qualquer coisa e
veio falar com você.

Maria do Rosário bebe a ÁGUA tremendo um pouco, e coloca o
COPO em cima da mesa.

ANACLETO

Eu não sei, mãe. O pessoal da
senzala nunca gostou muito de mim.

MARIA DO ROSÁRIO

É porque a gente mora aqui na
casa...

Anacleto olha para a PORTA da cozinha, e percebe que as
LUZES da sala estão ligadas.

Nesse momento, a ÁGUA na panela começa a FERVER. Maria do
Rosário corre para tirá-la do fogo.

ANACLETO

Então, a senhora não se incomoda se
eu perguntar pro Barão, certo?

Anacleto vai em direção à sala. Maria do Rosário coloca a
PANELA em cima de uma bancada.

(CONTINUED)

MARIA DO ROSÁRIO
Não! Meu filho! Não vai incomodar o
Barão com isso!

Ela vai atrás dele para tentar segurá-lo, mas esbarra na mesa e derruba o COPO em que tomava água.

Da sala, o Barão chama, alto.

BARÃO(O.S.)
Maria do Rosário!

Nesse momento, Anacleto entra na porta para a sala. Maria do Rosário deixa os cacos para trás, e vai atrás do filho.

CORTA PARA A SALA

INT. - SALA DA CASA GRANDE DA FAZENDA - NOITE

O BARÃO JOÃO PEREIRA está sentado em uma grande POLTRONA, lendo um LIVRO e fumando um CACHIMBO.

Ele levanta a CABEÇA, e percebe a aproximação de ANACLETO, e MARIA DO ROSÁRIO logo atrás.

BARÃO
Quebrou alguma coisa? Logo quando
Amélia ta aí.

Anacleto para na frente do Barão, enquanto Maria do Rosário dá alguns PASSOS LARGOS e fica do lado do filho.

MARIA DO ROSÁRIO
Quebrou, Seu Barão, mas foi só um
copo nosso. Vou limpar agora, e o
Anacleto vai me ajudar.

Ela tenta puxar Anacleto, que permanece imóvel, olhando para o Barão.

BARÃO
O que que ta acontecendo?

Ela tenta puxar mais forte Anacleto.

MARIA DO ROSÁRIO
Ah, nada senhor! Ele quer te
incomodar com umas besteiras...
Vem, Anacle...

Anacleto OLHA fixamente para o Barão, enquanto resiste sem muito esforço aos PUXÕES de sua mãe.

(CONTINUED)

ANACLETO
O senhor é meu pai?

O Barão o olha sério, e fecha o livro em suas mãos.

BARÃO
Maria. Pode ir pra cozinha.

MARIA DO ROSÁRIO
Isso é só besteira dele, seu Barão...

BARÃO
Pode ir para a cozinha. Eu vou conversar com Anacleto.

Ela para de puxar Anacleto, e abaixa a cabeça.

MARIA DO ROSÁRIO
Ta bem...

Maria do Rosário vai até a PORTA, e volta para a COZINHA.

O Barão coloca o LIVRO em cima da mesa, e se levanta da POLTRONA.

BARÃO
Vamos pro escritório.

Eles saem da sala em direção ao escritório.

CORTA PARA O ESCRITÓRIO

INT. - ESCRITÓRIO DA CASA GRANDE - NOITE

O BARÃO se senta na CADEIRA atrás da ESCRIVANINHA, e Anacleto na da frente.

O Barão retira de uma gaveta uma CAIXA DE TABACO, e começa a encher um CACHIMBO. Ele oferece a caixa a Anacleto, que retira seu cachimbo do bolso e começa a enchê-lo.

BARÃO
Sabe Anacleto, sua mãe veio pra cá muito nova. Comprei ela em Corumbá ainda antes de me casar com a Baronesa. Paguei caro, porque ela era bonita e sabia fazer as coisas.

O Barão acende seu cachimbo. Anacleto o acompanha.

(CONTINUED)

BARÃO

Eventualmente, me casei. E Amélia odiava tudo aqui. Era acostumada com a alta sociedade, aqui é muito longe da capital. Igual hoje, ela passava muito tempo fora. O Eduardo até nasceu no Rio de Janeiro, tive que ir lá pra ver ele.

O Barão respira fundo.

BARÃO

Numa saída dessas da Baronesa, dormi com sua mãe. Alguns dias depois, ela veio me contar que estava grávida. Acusei ela de ter dormido com outros escravos, castiguei ela. Mas quando você nasceu, reconheci o olhar. Não os olhos, mas o olhar. Depois disso, coloquei sua mãe como criada da casa, pra ela poder te criar aqui.

Anacleto ainda fuma, olhando fixamente o Barão. Ele fica em silêncio por algum tempo, até que fala.

ANACLETO

E por que eu não poderia ficar sabendo de nada?

BARÃO

Minha mulher não poderia ficar sabendo de nada. Apesar de que eu sei que ela não é idiota, deve ter percebido há muito tempo. Não contar nada pra você foi um pedido da sua mãe, pra evitar esses problemas, eu acho.

Anacleto se levanta, vai até a JANELA, e fica olhando para fora.

ANACLETO

Senhor Barão, eu quero sair daqui da fazenda. Há algum tempo gostaria de pedir para fazer algum trabalho remunerado por fora. Quero comprar a liberdade minha e da minha mãe.

O Barão coloca bruscamente o cachimbo em cima da mesa.

(CONTINUED)

BARÃO

Não. Claro que não. Sua mãe é a única cozinheira da fazenda, e você é meu ajudante pessoal. Não tem nem tempo de você fazer outra coisa.

Anacleto se vira para o Barão.

ANACLETO

Minha mãe tá velha pra fazer as coisas todas da casa.

BARÃO

Então eu boto outra pra ajudar. O que não falta é escrava querendo vir pra casa.

Anacleto fecha os olhos, e ameaça o Barão.

ANACLETO

Se o senhor não permitir, vou deixar a Baronesa saber que sou seu filho.

BARÃO

Você ta me ameaçando?

Anacleto evita olhar nos olhos do Barão.

BARÃO

Moleque. Quem devia sentir mais medo dessa sua ameaça é sua mãe.

Anacleto então finalmente olha o Barão nos olhos.

ANACLETO

Como assim?

BARÃO

Você acha que eu sou o primeiro a embuchar uma escrava? Eu dou o dinheiro que a Baronesa precisa, e é só isso que ela quer de mim. Mas agora, é muito fácil pra ela tranformar a vida da sua mãe num inferno. E a sua também, claro.

Anacleto olha nervoso para o Barão.

ANACLETO

Mas...

BARÃO

Não tem "mas" não. Acabou a conversa. Pode ir pro seu quarto.

Anacleto encara o Barão por um instante. Nesse momento, eles ouvem um RELINCHO, e um TROTE DE CAVALO do lado de fora da casa.

O Barão se levanta, e olha pela janela.

BARÃO

Essa hora?

Ele se vira para Anacleto, e o vê ainda imóvel, olhando para ele.

BARÃO

Vai atender a porta, Anacleto!

ANACLETO

(Pausadamente)

Sim, senhor.

Anacleto se vira, e sai do escritório, enquanto o Barão volta a se sentar na CADEIRA atrás da mesa.

EXT. - VIA CENTRAL DE CORUMBÁ AO LADO DA PRAÇA - DIA

TERENA se aproxima da ADMINISTRAÇÃO da cidade, mas percebe que a porta está fechada. Chegando perto, vê um FUNCIONÁRIO saindo da administração, e corre para conversar com ele.

TERENA

Ei! Oi!

O homem se vira para ele, mas não para de andar.

FUNCIONÁRIO

Desculpa, to sem tempo. Não tenho nada.

Terena o acompanha andando.

TERENA

Eu não quero nada. O que que tá acontecendo? A Administração tá fechada.

FUNCIONÁRIO

Onde você vive? Não ficou sabendo do Presidente da Província?

(CONTINUED)

TERENA

Tava viajando. O que aconteceu?

O funcionário para um instante para falar com Terena.

FUNCIONÁRIO

O navio que ele tava nunca chegou. Todo mundo acha que ficou preso no Paraguai. Calúnia! Eu digo que o navio afundou. Até porque, se ficou preso no Paraguai, vai ter guerra.

TERENA

Sei. E os quartéis da região tavam recebendo alguma visita?

FUNCIONÁRIO

Mas claro!

O funcionário faz sinal para eles continuarem andando.

FUNCIONÁRIO

Se todo mundo acha que pode vir guerra, sai gente de Cuiabá pra avisar e vistoriar os quartéis.

TERENA

Ah! Entendi!

Eles chegam a um cruzamento de rua. O Funcionário para e fala uma última vez com Terena.

FUNCIONÁRIO

Só não sei se vai dar mesmo pra preparar alguma coisa. Ninguém liga pra essa terra. Tenho que ir menino, tá uma confusão enorme por causa dessa história.

TERENA

Obrigado, senhor.

O funcionário se afasta de Terena e segue seu caminho.

Terena se vira, e começa a voltar para a Praça Central da cidade, ao lado do porto.

INT. PORTO DE CORUMBÁ - NOITE

Vários GRITOS ALTOS cortam a noite. EXPLOSÕES eram ouvidas aqui e ali, TIROS para todos os lados, PASSOS de pessoas correndo desesperadas.

TERENA, que dormia em seu barco com um COBERTOR GRANDE, se levanta e observa o caos na cidade.

Ao longe, ele vê o FORTE JUNQUEIRA sendo atacado por NAVIOS PARAGUAIOS, que atiram nele com CANHÕES. Outro NAVIO PARAGUAIO se aproxima da margem do rio.

Enquanto isso, Terena vê um grande GRUPO DE PESSOAS correndo para entrar em um NAVIO BRASILEIRO, parado do outro lado do CAIS.

Os MILITARES BRASILEIROS gritam, alguns tentam atirar de volta, mas todos correm para entrar no navio, deixando várias pessoas para trás.

Terena tem uma rápida reação, sai rapidamente de seu barco e o desamarra do cais.

Ele ouve um BARULHO ALTO, e vários GRITOS DE PROTESTO. Quando olha, vê que o navio brasileiro começa a sair do cais, absolutamente lotado de gente. Os gritos de protesto vinham de uma PEQUENA MULTIDÃO, que havia ficado para trás, no porto.

Bem no momento que o navio brasileiro saia do cais, os MILITARES PARAGUAIOS entram na cidade, e começam a MATANÇA e o SAQUE.

Terena vê uma movimentação frenética, e corre para entrar no seu barco. Nesse momento, ouve o GRITO de uma mulher atrás dele.

MULHER

Me ajuda!

Terena se vira, e vê a mulher com ROUPAS SIMPLES, rasgadas de uma queda, com um olhar suplicante. Nos seus braços, está um BEBÊ, e à sua volta, outras três CRIANÇAS PEQUENAS.

TERENA

Vêm! Rápido!

Terena estende a MÃO para ela. A MOÇA corre até ele com as CRIANÇAS. Terena coloca uma por uma no barco, e quando ajuda a mulher a entrar, ouve uma MOVIMENTAÇÃO próxima.

(CONTINUED)

HOMEM NA RUA
Ainda tem um ali!

Terena se vira, e percebe um grande GRUPO DE PESSOAS desesperadas correndo até onde estava seu barco. Sem perder tempo, ele pula para dentro do barco e o empurra para a água. O barco sai do alcance da margem.

A maior parte do grupo que corria até ele para no cais, mas DOIS HOMENS mergulham na água e nadam em direção ao barco.

Terena, vendo a aproximação, acerta a cabeça de um dos homens com seu REMO. Nesse momento, o outro homem para, e fica apenas observando o barco de Terena, que se afasta.

Terena manobra o barco para seguir viagem. Ele olha para trás, e encontra o OLHAR do homem parado na água. Quando observa em volta, vê o homem que acertou com o remo parado, imóvel, com uma MANCHA DE SANGUE em volta dele.

INT. - ESCRITÓRIO DA CASA GRANDE - NOITE

ANACLETO entra no escritório acompanhado de LUIS, 38, e SÉRGIO, 44, trabalhadores do Barão.

BARÃO
Luis, Sergio. O que que aconteceu?
Achei que vocês iam pra cidade.

LUIS
A cidade foi atacada, Seu Barão!

BARÃO
Como é que é? Senta aí. Anacleto,
coloca uma dose de cachaça pros
homens.

Os dois visitantes se sentam, enquanto Anacleto sai rapidamente do escritório e volta com uma GARRAFA DE CACHAÇA. Ele pega COPOS em um ARMÁRIO no escritório mesmo, e serve os homens enquanto eles conversam.

LUIS
Foram os paraguaios, seu Barão!
Quando saímos de lá, a cidade
inteira tava sendo esvaziada. Gente
morrendo pra todo lado.

BARÃO
Caralhos. Eu sabia que ainda ia dar
merda esse negócio. E a porra do
forte? Não segurou nada?

(CONTINUED)

SÉRGIO

O de Coimbra?

BARÃO

E tem outro do Paraguai pra cá?

SÉRGIO

Os militares tavam falando que ele
caiu em menos de um dia.

BARÃO

Pff. Servir a nação e proteger o
território...

LUIS

Eles vieram fortes, Seu Barão. Não
acho difícil terem outras tropas.
Melhor o senhor preparar a fazenda
pra qualquer coisa.

Nesse momento, EDUARDO PEREIRA, o filho do Barão, entra no
escritório.

EDUARDO PEREIRA

Pai? Aconteceu alguma coisa?

O Barão COÇA a cabeça, e toma também um GOLE DA CACHAÇA.

BARÃO

Aconteceu, meu filho. Os paraguaios
atacaram Corumbá.

EDUARDO PEREIRA

Caceta. É serio?

Luis se levanta, e cede sua cadeira a Eduardo. Quando
Eduardo se senta ao seu lado, Sérgio também se levanta, e
fica ao lado de Luis, em pé.

BARÃO

Sim. O Forte de Coimbra caiu em
menos de um dia.

EDUARDO PEREIRA

Porra. Eu sabia que ia acontecer.
Não dá pra achar que o Paraguai não
ia fazer nada. Sabe. Por causa da
invasão no Uruguai.

BARÃO

Sim. A gente já tava esperando.

EDUARDO PEREIRA
E a fazenda?

BARÃO
(Aponta com a cabeça para Luis)
Parece que a tropa veio forte. O Luis aqui sugeriu preparar a fazenda pra qualquer coisa.

EDUARDO PEREIRA
Eu acho que é bom. Nunca se sabe. Eu te ajudo, pai. Vamos reunir os homens.

BARÃO
Primeiro a gente vai tirar sua mãe daqui.

EDUARDO PEREIRA
Sim. É melhor.

BARÃO
Vamos a Cuiabá amanhã, bem cedo. Vai avisar ela, meu filho. Ela fica por lá até acabarem as coisas.

Eduardo assente com a cabeça, se levanta, e sai do escritório.

O Barão se vira para Sérgio e Luis.

BARÃO
Vocês, vão atrás de mais dois homens. É possível que eles montem alguma tropa pra voltar o ataque. Vocês devem receber, é claro.

O Barão olha para Anacleto, e fala para os homens.

BARÃO
Ah. E tragam alguém que saiba dirigir uma carruagem.

LUIS
Sim, senhor!

Os homens fazem uma REVERÊNCIA ao Barão, e saem do escritório.

Anacleto começa a retirar os COPOS de cima da mesa. Enquanto isso, o Barão prepara mais um CACHIMBO, e o acende.

(CONTINUED)

ANACLETO
(meio inseguro)
E-eu não posso ir, senhor? Quero
ajudar.

BARÃO
Eu sei o que que cê quer, Anacleto.
Já falei que você não vai sair
daqui. Bota mais uma dose ai pra
mim.

Anacleto abaixa a cabeça, contrariado, e coloca a outra DOSE para o Barão.

O Barão olha diretamente para ele.

BARÃO
Preciso que você junte os escravos.
Avisa o que ta acontecendo, mas sem
criar confusão. Os outros homens
vão ficar em volta, rondando a
fazenda.

ANACLETO
Sim, senhor.

BARÃO
Pode ir pro quarto.

Anacleto assente com a cabeça, faz uma última REVERÊNCIA, e sai do escritório. A Barão ainda fica em sua mesa, fumando, e terminando a DOSE DA CACHAÇA.

EXT. - EM FRENTE À CASA GRANDE - DIA

O SOL ainda nascia no horizonte. ANACLETO sai da casa carregando as MALAS da BARONESA. Ela vem logo atrás.

O BARÃO e EDUARDO esperam ao lado da CARRUAGEM. LUIS, SÉRGIO e outros DOIS HOMENS esperam mais para trás. Além dos CAVALOS da carruagem, outros QUATRO já preparados estavam presos próximos aos homens.

Anacleto coloca as MALAS na carruagem.

BARÃO
Vamos, vamos. A viagem é longa.

EDUARDO PEREIRA
Vem, mãe.

Eduardo ajuda a mãe a entrar na carruagem, e entra em seguida. O Barão vira pros homens.

(CONTINUED)

BARÃO

Vamos. Quem vai manobrar a carruagem?

Um dos outros homens levanta a mão.

HOMEM

Eu, senhor.

BARÃO

Tu sabe mesmo? Vai devagar, não deixa balançar muito.

HOMEM

Vai que nem o vô de um passarinho, seu Barão.

BARÃO

(Dá um meio sorriso)

Bom. Pode ir saindo. Eu vou a cavalo.

HOMEM

Sim, senhor!

A carruagem começa a andar. O Barão dá SINAL para os outros homens também partirem. Ele se vira para Anacleto e o olha de forma penetrante.

ANACLETO

Lembra do que eu te falei, Anacleto.

O Barão se vira, sobe no CAVALO, e parte apressadamente para se juntar aos outros. Anacleto fica observando a figura do Barão, sumindo.

CORTA PARA

EXT. FRENTE DOS ESTÁBULOS DA FAZENDA - DIA

ANACLETO sai do ESTÁBULO com um CAVALO, enquanto o HOMEM que vigia o local cochila.

CORTA PARA

EXT. - EM FRENTE À CASA GRANDE - DIA

ANACLETO parte da fazenda à cavalo na mesma direção em que foram o Barão e os outros.

EXT. - BARCO DE TERENA PELO RIO MBOTETÉY - DIA

TERENA, a MULHER e as CRIANÇAS estão no barco, perto de uma margem do Rio Mbotetey. Terena olha em volta, preocupado.

MULHER

Eu nem sei como te agradecer.

TERENA

Não precisa.

MULHER

A gente ia morrer. Você salvou a gente.

TERENA

Ainda bem que vocês tavam ali perto.

MULHER

Muito horrível, o que aconteceu.

Um BARULHO em uma árvore próximo à margem em que eles estavam lhes chama a atenção. A mulher abraça as crianças, e Terena se levanta para olhar, mas percebe ser apenas um PÁSSARO pousando no galho da árvore.

Terena e a mulher suspiram, e voltam a conversar, mais baixo.

MULHER

Qual é o seu nome?

TERENA

Eu sou Terena. Você?

MULHER

Sou Jacinta, e esses aqui são (ELA COLOCA A MÃO NO OMBRO DE CADA CRIANÇA CONSECUTIVAMENTE) Pedro, Gérzinho e Thais. E a pequena é Luzia.

TERENA

(Dá um sorriso)
São lindos seus filhos.

(CONTINUED)

JACINTA

Ah, não são meus. Só a pequenininha aqui. O Gérzinho é filho do meu irmão, o Pedro e a Thais, da minha irmã.

Terena levanta as SOBRANCELHAS, entendendo a situação.

JACINTA

Espero que eles tenham conseguido entrar naquele navio.

TERENA

Como que eles vão embora deixando tanta gente assim pra trás?

JACINTA

Se já entrou quem tem farda e quem tem dinheiro, não precisa entrar mais ninguém. Mas minha irmã tem alguma posse, tenho esperança que ela conseguiu.

Terena percebe as crianças muito tristes, olhando para baixo, com algumas LÁGRIMAS descendo pelo rosto.

TERENA

Espero que sim.

Eles ficam em SILÊNCIO por um momento, até que Jacinta fala.

JACINTA

Você ta indo pra onde, Terena? Não quero te atrapalhar...

TERENA

Psssst.

Terena faz SINAL para ela ficar em silêncio. Ao longe, na outra margem, vê um GRUPO DE MILITARES PARAGUAIOS andando por terra.

Com o REMO, e evitando qualquer ruído, Terena manobra devagarzinho para mais próximo da margem em que estava, e consegue esconder o barco atrás de uma ÁRVORE. Ele e Jacinta observam o grupo paraguaio passando do outro lado.

Depois que eles passam, Terena volta o barco para o curso d'água, ainda mais ligado nos arredores.

TERENA

Eles tão pra todo lado. Vamo ter que revezar a noite pra ficar de guarda.

(CONTINUED)

JACINTA

Depois do que eu passei, isso é tranquilo.

TERENA

Você tava falando... Eu to indo pra Cachoeirinha, terra do meu povo. Fica perto de Miranda. Você pode ir até lá comigo se quiser.

JACINTA

Ah, você é índio. Não tem problema mesmo?

TERENA

Claro que não. Meus pais podem receber vocês lá.

JACINTA

Que bom! Eu fico feliz demais.

Jacinta olha para o lado, onde passaram os militares paraguaios.

JACINTA

Você não se preocupa com esse tanto de paraguaios por ai? Eles tão mesmo por toda parte.

TERENA

Preocupo. Não é fácil de chegar lá nas terras, e, se eles começaram por Corumbá, ainda tem muito chão. Mas não sei, to com um mal pressentimento.

JACINTA

Vou te ajudar a remar. Tenta apressar o máximo que puder.

Jacinta faz uma CAMA com um PANO no cantinho do barco, e coloca o bebê lá, em volta das outras crianças.

Terena entrega um outro REMO que estava parado para ela. Ambos remam, e o barco começa a andar mais rápido.

INT. - COZINHA DA CASA GRANDE - DIA

MARIA DO ROSÁRIO passa um CAFÉ na cozinha. Ela ouve um BARULHO DE CASCOS DE CAVALO e GRITOS do lado de fora da casa, e se apressa para a porta.

EXT. - PARTE DE FORA DA FAZENDA - DIA

MARIA DO ROSÁRIO
Mas o que que é isso!

Dois CAPANGAS DA FAZENDA retiram ANACLETO de cima de um CAVALO. Suas MÃOS estão amarradas.

Maria do Rosário corre em direção a eles, enquanto os homens levam Anacleto em direção à senzala.

Alguns ESCRAVOS que estavam na senzala saem e ficam observando. Os que trabalhavam nas plantações também param, e observam a movimentação.

Maria do Rosário alcança os homens, e fala com eles.

MARIA DO ROSÁRIO
O que que houve? Por que?

CAPANGA
Tava tentando fugir. Com um cavalo do estábulo.

Maria do Rosário olha para Anacleto, que, de cabeça baixa, evita encarar a mãe.

MARIA DO ROSÁRIO
Fugir? Meu filho!

ANACLETO
(Ainda olhando para baixo)
Queria ir atrás do Barão.

Maria do Rosário balança a cabeça em tom de desaprovação.

Os capangas continuam levando Anacleto para a senzala. Maria do Rosário pega no OMBRO de um deles.

MARIA DO ROSÁRIO
Pode deixar ele comigo, senhor. Ele também é criado da casa do Barão.

CAPANGA
Eu sei disso. Mas agora ele é só um escravo fugitivo. E ladrão.

MARIA DO ROSÁRIO
Claro que não. Ele queria encontrar o Barão, vocês não ouviram?

(CONTINUED)

CAPANGA

Ele tava tentando sair da fazenda, sozinho, com um cavalo. Desculpa, dona. Mas as regras do Barão são pra acorrentar qualquer um que tente fugir, e esperar ele ver o que vai fazer.

MARIA DO ROSÁRIO

Mas o Barão acabou de viajar!
Ninguém sabe quando ele volta...

O capanga se desvencilha do braço de Maria do Rosário, e continua andando.

CAPANGA

Então, o menino vai ter muito tempo pra pensar.

Maria do Rosário observa triste enquanto os homens entram na senzala.

CORTA PARA

INT. - SENZALA - DIA

Os CAPANGAS carregam ANACLETO até um canto da senzala, com CORRENTES presas na parede. Os homens o forçam a sentar na posição correta.

Enquanto eles prendem os BRAÇOS e PERNAS de Anacleto com as CORRENTES, ele finalmente levanta a CABEÇA, e olha para frente.

O OLHAR de Anacleto encontra diretamente o da mãe, parada, na porta da senzala, observando a cena.

EXT. - MARGEM DO RIO MBOTETHEY - DIA

TERENA encosta seu BARCO na margem do Rio Mbotetey. Ele sai do barco, e ajuda JACINTA e as CRIANÇAS a descerem.

TERENA

Jacinta! Se esconde com eles ali no meio das árvores. Pode ter alguém por aqui. Eu vou correr na aldeia, e volto aqui se tudo estiver tranquilo.

(CONTINUED)

JACINTA

Tá bom. Toma cuidado.

Jacinta entra com as crianças no meio das ÁRVORES, enquanto Terena corre em direção a sua aldeia. No caminho, ele vê FUMAÇA saindo do local, e aperta mais o passo.

EXT. - ENTRADA DA ALDEIA - DIA

Terena chega na entrada da aldeia e dá de cara com FRANCISCO RESQUÍN, vestindo ROUPAS DE MILITAR DE ALTA PATENTE.

Quando os OLHOS de Terena encontram os de Resquín, ambos os arregalam, e ficam boquiabertos.

TERENA

Res...

Resquín leva o DEDO aos lábios, mandando Terena ficar em silêncio. Algumas VOZES se aproximam.

Resquín aponta para as ÁRVORES próximas. Entendendo a mensagem, Terena vai silenciosamente até as árvores, e se esconde. Ele fica observando a situação.

Alguns MILITARES PARAGUAIOS se aproximam de Resquín.

MILITAR PARAGUAIO

(Prestando continência)

General Resquín. No hay más ninguna alma viva en este pueblo. Pero, estos índios son espertos. Muchos han fugido para otros lugares.

FRANCISCO RESQUIN

Ellos conocen lo terreno mejor que cualquier uno.

Resquín olha em volta, pensativo, até chegar com o olhos no local onde está Terena.

FRANCISCO RESQUIN

És muy arriscado. Debemos seguir el plano. Preparem la marcha. Seguiremos para Corumbá.

Os militares todos prestam CONTINÊNCIA ao general.

MILITAR PARAGUAIO

Si, señor.

Eles se afastam dali. Resquín dá mais uma olhada para o local onde estava Terena, e se afasta junto com os homens.

(CONTINUED)

Terena, em seu esconderijo, derrama uma LÁGRIMA enquanto observa os militares indo embora.

Ele espera mais um tempo, sai de seu esconderijo, e entra na aldeia.

EXT. - CENTRO DA ALDEIA - DIA

TERENA anda pela aldeia. Todas as CASAS foram queimadas pelo exército paraguaio. Algumas ainda ardem em CHAMAS, enquanto outras já foram ao chão, reduzidas a CINZAS.

Terena chega na frente do que era a CASA DE SEUS PAIS, agora reduzida a um QUADRADO NEGRO no chão. Ele senta ali, olhando para as cinzas, e CHORA.

Uma MÃO encosta no ombro de Terena. Ele se vira bruscamente, com medo, mas vê JACINTA olhando para ele, triste.

Jacinta o ajuda a levantar, e lhe dá um ABRAÇO.

Um BARULHO em um canto chama a atenção de ambos. Quando Jacinta se separa de Terena, percebe que ele dá um SORRISO, olhando para trás dela.

Jacinta se vira, e vê um GRUPO COM CINCO INDÍGENAS parados, olhando para eles. No centro, estava NZOPUNÉ.

EXT. - NO MEIO DA FLORESTA - DIA

TERENA conversa com NZOPUNÉ, enquanto os outros INDÍGENAS ajudam JACINTA e dão FRUTAS para as CRIANÇAS.

NZOPÚNE

Foi muito rápido, Terena. O sargento, com mais uns deles, chegaram aqui tudo machucado, avisando que tava tendo ataque...

TERENA

(Interrompe Nzopuné)
E meus pais?

NZOPÚNE

Calma. Seu pai queria ficar pra brigar, mas ele já tá ficando velho. A gente pediu, e ele aceitou levar quem não podia lutar lá pra Serra de Maracaju.

Terena dá um SOCO em uma ÁRVORE ao lado, e SORRI.

(CONTINUED)

TERENA

Sabia! Que bom!

NZOPÚNE

Ninguém sabe o caminho melhor que Kaxé. E sua mãe foi junto organizando as pessoas. A gente ficou aqui pra tentar fazer alguma coisa, mas eram tantos quando eles chegaram que a gente só conseguiu assistir eles queimarem as casas.

Terena coloca a MÃO no ombro de Nzopuné.

TERENA

Vocês não tinham como fazer muita coisa.

NZOPÚNE

A gente conseguiu até umas armas que os purutuye deixaram lá no presídio, mas só depois deles queimarem tudo.

TERENA

A gente constrói de novo, irmão. O importante é as pessoas tarem salvas.

NZOPÚNE

Hana que deve ser um pouco complicado. Ele tá muito velho pra fazer esse caminho.

TERENA

Sim...

Terena olha para Jacinta e as crianças, e se levanta.

TERENA

Eu vou até lá. Vou levar ela e as crianças.

NZOPÚNE

Vai ver seus pais. Mas por favor, volta logo. A gente vai precisar de todo mundo que puder. Eu sei que você até fala a língua deles.

TERENA

Volto. Vou só ver como estão as coisas, deixar eles lá, e venho ajudar vocês.

Terena dá a MÃO para Nzopuné e o ajuda a levantar. Eles se viram, e vão conversar com Jacinta.

INT. - SENZALA - NOITE

ANACLETO está sentado, praticamente na mesma posição em que tinha sido colocado pelos capangas. Ele olha fixamente para a LUA e as ESTRELAS, pelo único JANELÃO da senzala.

Em um outro canto, os outros ESCRAVOS fazem uma FOGUEIRA. Alguns olham para Anacleto de quando em quando.

Um BARULHO na porta. MARIA DO ROSÁRIO entra na senzala, carregando um PRATO coberto com um PANO e um COBERTOR grande.

Anacleto olha rapidamente para a mãe, e volta a observar o janelão.

Ela anda até o filho, e lhe mostra o prato.

MARIA DO ROSÁRIO
Trouxe um pouco de bolo, meu filho.
Come.

Ele evita olhá-la nos olhos. Aponta com a cabeça para os outros escravos que faziam a fogueira. Alguns deles olhavam disfarçadamente para Maria do Rosário e Anacleto.

ANACLETO
Eles me deram comida. Pode dar o
bolo pra eles.

Maria do Rosário abaixa a CABEÇA, e volta a cobrir o bolo com o pano. Ela estende o cobertor para ele.

MARIA DO ROSÁRIO
Vai fazer frio mais tarde.

Anacleto agora aponta para uma das MANTAS surradas dos escravos que estava ao seu lado.

ANACLETO
Eu já tenho um.

Ela coloca o cobertor no chão.

MARIA DO ROSÁRIO
Por que você ta fazendo isso,
filho?

(CONTINUED)

ANACLETO

Eu precisava saber a verdade.

MARIA DO ROSÁRIO

E a verdade te colocou ai.

Anacleto volta a olhar para o céu.

ANACLETO

Você acha que eu gostei de saber
que o Barão é meu pai?

MARIA DO ROSÁRIO

Você acha que eu gostei de
engravidar dele?

Anacleto se vira para a mãe, e vê uma LÁGRIMA caindo em sua face.

MARIA DO ROSÁRIO

Eu era muito nova, nem entendia
direito as coisas. Ele praticamente
me forçou. Fiquei desesperada
depois, quando vi que tava grávida.
E o filho da puta ainda achou que
era de outro. De algum dos
escravos.

ANACLETO

Mãe...

MARIA DO ROSÁRIO

Mas acho que quando você nasceu,
ele reconheceu alguma coisa. Porque
ai colocou a gente na casa, e
começou a me tratar melhor. Pelo
menos. Eu só queria que você
ficasse longe disso, filho.

Anacleto estende a MÃO, e a mãe a pega. Anacleto acaricia carinhosamente a mão de Maria do Rosário.

ANACLETO

Eu sei, mãe. Mas a senhora devia
saber que não tinha como esconder
isso pra sempre.

MARIA DO ROSÁRIO

Eu achava que podia sim.

Anacleto dá um BEIJO na mão de sua mãe.

ANACLETO

Fica tranquila, que eu ainda vou dar um jeito naquilo que eu te falei.

MARIA DO ROSÁRIO

Naquilo?

ANACLETO

(Fala baixinho)

É, mãe. A nossa liberdade.

MARIA DO ROSÁRIO

(Preocupada)

Meu filho. Agora eu só quero que você saia daí. E a gente nem sabe quando o Barão volta.

ANACLETO

Pode ficar tranquila, mãe. Parece que eu ganhei algum respeito depois de roubar o cavalo. Eles tão me tratando bem.

Maria do Rosário olha para os escravos no fundo, e CUMPRIMENTA com a cabeça alguns que a olham no mesmo momento.

MARIA DO ROSÁRIO

Tá bem, meu filho. Serafina tá aí, e Mariano. Qualquer coisa pede pra ele me chamar.

ANACLETO

Tá bom, mãe. Peço sim.

Maria do Rosário se levanta. Ela aponta para o prato com o bolo.

MARIA DO ROSÁRIO

Você não quer nada mesmo? Pode dar tudo pra eles?

ANACLETO

Tá bom. Um pedacinho. Mas só. Não to com muita fome.

Maria do Rosário parte um pequeno PEDAÇO DO BOLO e o entrega a Anacleto. Em seguida, ela dá uma BEIJO em sua testa.

MARIA DO ROSÁRIO

Tchau, meu filho.

(CONTINUED)

ANACLETO

Tchau, mãe.

Anacleto observa, mais de longe, enquanto Maria do Rosário oferece o bolo aos outros escravos.

EXT. - TERRAS INDÍGENAS NA SERRA DE MARACAJU - DIA

Começava a anoitecer. HARARA observava o POR DO SOL, enquanto passava uma POMADA em um CORTE na perna do SARGENTO JOAQUIM.

Perto dali, KAXÉ preparava a terra para o plantio, junto com diversos outros INDÍGENAS.

Um MOVIMENTO em uma ÁRVORE perto chama a atenção de todos. Alguns INDÍGENAS MAIS JOVENS se aproximam, com FACÕES em mãos.

Do meio da vegetação, surge TERENA, JACINTA, carregando o BEBÊ, e as TRÊS CRIANÇAS.

HARARA

Meu filho!

Harara coloca a pomada de lado, e corre em direção a Terena. Kaxé, vendo a situação, deixa sua ENXADA no chão, e também vai até ele.

Os três se ABRAÇAM durante algum tempo. LÁGRIMAS caem de seus rostos.

KAXÉ

Meu filho! Eu achei que tinha acontecido o pior...

HARARA

Eu sabia, eu sabia, eu sabia!

KAXÉ

Sua mãe falava o tempo inteiro que você tava bem.

HARARA

É claro. Se ele fosse pra terra dos mortos, eu teria visto.

TERENA

Fiquei com muito medo também quando eu vi nossa casa destruída.

(CONTINUED)

KAXÉ

Destruída?

TERENA

É! Vocês foram embora antes. Não teve jeito, pai. Os paraguaios eram muitos.

Kaxé olha para baixo, e põe a mão na testa.

KAXÉ

Eu sabia que devia ter ficado lá. Eu podia...

TERENA

Não tinha jeito, pai. Quase que todo mundo morre. Você não viu o que aconteceu em Corumbá.

Nesse momento, Jacinta se aproxima de Terena. Ele a apresenta aos pais.

TERENA

Pai, mãe, essa é Jacinta, a filhinha dela, e os sobrinhos. Ajudei eles a fugir de Corumbá.

JACINTA

O-oi...

HARARA

Oi minha filha. Pode vir. Vamos arranjar alguma coisa pra vocês comerem.

JACINTA

Muito obrigado.

Harara se afasta rapidamente para deixar Jacinta e as crianças com outros indígenas. Kaxé continua conversando com Terena.

KAXÉ

E como são os outros? Os que ficaram lá?

TERENA

Nzopuné tá liderando eles. Tão bem. Vivos. Mas o perigo é muito grande.

KAXÉ

Entendi. Tsc. Sua mãe sempre falou que essa hora ia chegar.

(CONTINUED)

TERENA

Mas lembra do que ela disse: tem muita coisa que não dá pra gente evitar.

KAXÉ

É verdade...

Harara volta a se reunir com eles.

HARARA

Eles tão comendo e bebendo água.

TERENA

Que bom. Não tem problema eles ficarem com vocês?

HARARA

Como assim, meu filho? Você não...

TERENA

Eu preciso voltar, mãe. Nzopuné e os outros precisam de mim, e nossa terra precisa da gente.

HARARA

(Olha para baixo)

Eu sei disso... Descansa aqui a noite, pelo menos.

TERENA

Sim. Mas eu saio amanhã bem cedo.

Eles andam pelo local, enquanto conversam.

EXT. TERRAS INDÍGENAS NA SERRA DE MARACAJU - NOITE

Os INDÍGENAS estão sentados em volta de uma GRANDE FOGUEIRA, comendo. TERENA está em um canto, sentado ao lado de JACINTA. Ambos possuem uma TIGELA com comida nas mãos.

JACINTA

Então, você já vai amanhã mesmo?

TERENA

Assim que o Sol nascer.

JACINTA

Mas você não vai passar nem alguns dias aqui? Os caminhos são tão longos...

(CONTINUED)

TERENA

Você viu o que aconteceu lá. Eu preciso estar perto.

JACINTA

(Abaixa a cabeça)

Sim.

Jacinta se levanta, e deixa sua TIGELA do lado. Ela estende a MÃO para Terena.

JACINTA

Posso te mostrar uma coisa então, antes de você ir?

Terena coloca sua TIGELA em cima da de Jacinta, pega em sua mão, e SAI com ela para mais perto das árvores.

Ali, Jacinta coloca um PANO no chão, e BEIJA Terena enquanto se deita em cima do pano. Eles passam a noite juntos sob a LUZ DO LUAR.

EXT. - TERRAS INDÍGENAS NA SERRA DE MARACAJU - DIA

TERENA está próximo a VEGETAÇÃO, e se despede de KAXÉ, HARARA e JACINTA.

HARARA

Toma cuidado com tudo, meu filho. Por favor.

TERENA

Tá bom, mãe.

HARARA

Se acontecer alguma coisa com você, eu vou ser a primeira a sentir. Não sei se aguento.

TERENA

Fica calma, mãe. Vai dar tudo certo.

KAXÉ

Vai sim.

Terena abraça os pais. Em seguida, se vira para Jacinta, parada ao lado.

Ela puxa Terena, dá um BEIJO e o ABRAÇA.

(CONTINUED)

JACINTA
Volta. Por favor.

Terena coloca a mão na parte de trás de sua cabeça.

TERENA
Volto.

Eles se soltam. Terena dá uma última OLHADA em seus pais e em Jacinta, e se enfia pelo meio da mata.

INT. - SENZALA - DIA

ANACLETO está deitado no lugar em que fora acorrentado. Os dois CAPANGAS que o colocaram lá entram na senzala.

CAPANGA
Chegou o Barão. Vem.

Eles desacorrentam Anacleto, e o levam para fora.

INT. - SALA DA CASA GRANDE - DIA

Os CAPANGAS passam com ANACLETO na frente da PORTA do escritório, onde o BARÃO JOÃO PEREIRA conversava com um GENERAL. Ao vê-los, o Barão dá sinal para esperarem ali fora.

Anacleto fica ali, com os capangas em volta. Enquanto isso, ouve um pedaço da conversa dos homens ali dentro.

BARÃO
...foi tudo desproporcional,
General.

GENERAL
Sim. Corumbá tá tomada. Por isso precisamos de todos os homens que conseguirmos. Temos que voltar o ataque a esses filhos da puta.

O General dá um tapa na mesa.

BARÃO
E o senhor sabe que pode contar com todo o apoio da Fazenda, né?

GENERAL
Ah sim, sim. Barão João Pereira, o senhor é um amigo da nação com esse gesto. Muitos no Rio de Janeiro
(MORE)

(CONTINUED)

GENERAL (cont'd)
ainda vão lhe agradecer os homens
que conseguiu para nós.

BARÃO
Então, vamos à guerra!

Eles bebem um gole de uísque.

BARÃO
General, com licença. Preciso
cuidar de um escravo que tentou
fugir.

GENERAL
Vai chicotear ele?

BARÃO
Não. Ainda não. Com esse, vou
conversar primeiro.

GENERAL
Ah, então, não se incomode comigo,
Barão. Gostaria de terminar o copo
com calma, e experimentar um pouco
do tabaco, se eu puder.

BARÃO
(contrariado)
Fique a vontade. (OLHA PARA A
PORTA, E FALA ALTO) Pode entrar.

O Barão estende a CAIXA DE TABACO ao General, enquanto Anacleto é introduzido ao escritório, e colocado na frente do Barão, que faz um sinal, e os capangas saem do escritório.

O Barão o OLHA durante algum tempo, até que quebra o silêncio.

BARÃO
O que que você esperava com aquilo,
Anacleto? Porra. Eu te pedi uma
coisa. E você faz essa merda?

Anacleto olha de canto de olho para o General ali do lado.

ANACLETO
Eu só queria defender as terras!
Não posso ficar parado enquanto
atacam a gente!

O Barão também olha de canto de olho para o General, e percebe que ele passou a olhar para Anacleto.

BARÃO

O-oi?

ANACLETO

Eu vi o senhor falando com os homens. A cidade inteira tomada, um monte de gente morrendo. Eu queria ajudar.

BARÃO

Eu te falei que não.

Anacleto OLHA para baixo. Nesse momento, o General entra na conversa.

GENERAL

Barão, me desculpe, mas conversávamos agora sobre a necessidade de homens.

BARÃO

Eu sei disso. Mas ele não, General. É o meu criado pessoal, não posso abrir mão dele. E mesmo que volte, volta livre, pelo último decreto da coroa.

O General ignora o Barão, e se vira para Anacleto.

GENERAL

Você sabe ler?

Anacleto consente com a cabeça.

GENERAL

Ora, pegue outro menino, Barão. Esse aí tem mais espírito que metade dos nossos homens, e é mais inteligente que a outra metade. Diabo. Nem os homens livres sabem ler qualquer coisa.

Anacleto LEVANTA a cabeça, e encontra o OLHAR IRADO do Barão. Mas ele o suaviza ao encarar o General.

BARÃO

Espero que o senhor lembre o novo presidente da Província da nossa generosidade.

GENERAL

(Sorri)

(MORE)

(CONTINUED)

GENERAL (cont'd)

Ah sim. A carta já está escrita,
mas ainda posso adicionar alguns
adjetivos.

O Barão se vira então para Anacleto.

BARÃO

Você ouviu o General. Fica pronto
pra sair a qualquer hora. Pode ir
pro seu quarto.

ANACLETO

Muito obrigado, senhor Barão.

Anacleto ASSENTE com a cabeça. Ele se vira para sair da
sala, e dá um LARGO SORRISO antes de deixar o local.

EXT. - ARREDORES DE MIRANDA - DIA

TERENA encontra NZOPUNÉ e os outros INDÍGENAS que haviam
ficado para lutar no meio da VEGETAÇÃO. Eles olhavam
fixamente para a VILA DE MIRANDA.

Nzopuné se vira, e percebe Terena ali.

NZOPÚNE

Que bom que você chegou! Conseguiu
deixar eles? Como tá todo mundo?

TERENA

Consegui. Tá todo mundo bem. Tão
consequindo se adaptar lá. Já até
aumentaram a plantação.

NZOPÚNE

Que bom, que bom.

Nzopuné volta a olhar para trás.

TERENA

O que tá acontecendo aí?

NZOPÚNE

Chegou um grupo grande. Mas acho
que eles são brasileiros. E tão na
pior.

Terena se aproxima das ÁRVORES, e observa. Um GRANDE
DESTACAMENTO MILITAR está acampado na PRAÇA CENTRAL de
Miranda. Muitos estavam pelo chão, DOENTES, MORIBUNDOS.

(CONTINUED)

TERENA

Ora, vamos lá.

NZOPÚNE

A gente tava esperando você chegar.
Você sempre se entendeu melhor com
eles.

TERENA

Certo. Vamos lá.

EXT. - PRAÇA PRINCIPAL DE MIRANDA - DIA

TERENA e os outros INDÍGENAS entram na CIDADE DE MIRANDA. Ao vê-los, alguns MILITARES se aproximam armados.

Diante das armas apontadas, Terena LEVANTA AS MÃOS.

TERENA

Calma! Eu quero ajudar.

Um dos militares que estavam ali se aproxima.

MILITAR BRASILEIRO

Você fala a nossa língua!

TERENA

Sim. Eu sou um guia aqui da região.

Alguém do meio do grupos de soldados solta um grito.

SOLDADO

Que história de guia. Esse aí é só
um bugre. Olha a roupa dele.

Terena olha em volta, e vê o número grande de SOLDADOS FERIDOS, DOENTES, caídos pelo chão.

TERENA

Mesmo que seja, vocês não tão com
muita opção. Tem uns aí que dá pra
cuidar. E a gente pode conseguir
comida.

No momento em que Terena fala de comida, os OLHOS do militar que conversava com ele quase brilham.

MILITAR BRASILEIRO

Por favor. Recebemos ordens pra
esperar aqui o nosso comandante,
que vem lá de Corumbá. Mas muitos
tão ficando doentes, e logo acabam
morrendo.

(CONTINUED)

TERENA

Vocês tão vindo de onde?

MILITAR BRASILEIRO

Estamos viajando há muito tempo.
Saímos da Província de São Paulo,
mas nos juntamos com grupos de
outras Províncias.

TERENA

O clima é complicado pra quem não é
daqui. Bom, vamo lá.

Terena se vira para Nzopuné.

TERENA

Nzopuné, vai chamar os outros. Vamo
ajudar o pessoal.

NZOPÚNE

Tá bom.

Nzopuné se afasta enquanto Terena começa a olhar os doentes.

EXT. - PARTE DE FORA DA FAZENDA - DIA

O SOL amanhece. Vários HOMENS se juntam em um grupo grande,
se preparando para viajar.

O GENERAL estava no centro, esperando, e observando a
movimentação dos homens que o iriam seguir.

Na porta da casa grande, estão o BARÃO JOÃO PEREIRA e
ANACLETO, conversando.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Aquele lá, Anacleto, é o General
Carlos de Moraes Camisão. Ele me
garantiu que você vai ser criado
dele nessa guerra.

ANACLETO

Criado dele?

BARÃO JOÃO PEREIRA

Você não achou que ia ganhar uma
farda e um rifle, né? Quem é pobre,
luta com foice e enchada. Mas se
você for criado pessoal do General,
nem lutar você vai.

(CONTINUED)

ANACLETO

Como assim? Eu to indo pra...

BARÃO JOÃO PEREIRA

Eu fiquei puto com o que você fez.
Se aproveitando que o general tava
ali perto... Mas eu me reconheço.

Anacleto FRANZE a testa e BALANÇA a cabeça. Nesse momento,
MARIA DO ROSÁRIO aparece mais longe, e anda em direção a
Anacleto.

ANACLETO

Eu vou embora. E pode preparar,
senhor Barão, que quando eu voltar,
vou comprar a minha mãe também.

BARÃO JOÃO PEREIRA

Você não sabe como são as coisas lá
fora. Ou melhor, você não sabe como
é uma guerra. Eu acho que no final
você vai voltar rastejando pra cá,
onde você tem cama e comida.

Anacleto faz uma REVERÊNCIA ao Barão.

ANACLETO

Passar bem, senhor Barão.

Anacleto se afasta do Barão e vai encontrar Maria do
Rosário. Ele chega e lhe dá um ABRAÇO.

MARIA DO ROSÁRIO

Ai, meu filho. Vai pra guerra
mesmo? Você tem certeza?

ANACLETO

Claro mãe! Todo mundo sabe que é o
jeito mais rápido de conseguir a
liberdade. E ainda tem chance de eu
ganhar algum dinheiro com saque,
pra comprar a senhora.

MARIA DO ROSÁRIO

Eu só quero que você fique bem. Na
guerra todo mundo se mata, e os
escravos são sempre os primeiros.

Anacleto estende a MÃO para a mãe.

ANACLETO

Você confia em mim?

Maria do Rosário olha para o lado, receosa, mas acaba pegando na MÃO de Anacleto, que a PUXA e a ABRAÇA.

ANACLETO

Eu to falando que vai dar tudo certo. Rapidinho eu to de volta.

MARIA DO ROSÁRIO

Tá bom, filho. Só me promete que você vai tomar muito muito cuidado.

ANACLETO

Prometo, mãe.

Ela beija as bochechas de Anacleto.

Ali próximo, um MILITAR aparece ao lado do GENERAL CARLOS DE MORAIS, e toca uma trombeta para a reunião da tropa.

ANACLETO

Eu preciso ir, mãe. Fica bem aqui, enquanto eu não to.

MARIA DO ROSÁRIO

Fico sim, filho.

Eles dão um último ABRAÇO apertado. Em seguida, Anacleto vai em direção aos militares, que já começam a marchar para o horizonte.

EXT. - PRAÇA PRINCIPAL DE MIRANDA - DIA

TERENA ajuda um HOMEM DOENTE a caminhar até outro canto da praça, onde um PADRE realizava uma ORAÇÃO.

Nesse momento, Terena ouve uma MOVIMENTAÇÃO próxima da cidade.

Ele se apressa, deixa o homem doente próximo ao padre, e CORRE em direção ao som.

Quando chega próximo ao PRESÍDIO DE MIRANDA, do outro lado da praça, TERENA se junta com outros INDÍGENAS e com MILITARES mais saudáveis, que observam.

Um pouco distante na visão, mas já bastante próxima, estava uma COLUNA MILITAR. Ela era menor do que o tanto de soldados em Miranda, mas ainda assim, bastante considerável.

Vindo a frente da coluna, em posição de destaque, estava o GENERAL CARLOS DE MORAIS CAMISÃO, e a seu lado, seu criado pessoal na batalha, ANACLETO.

Os SOLDADOS perto de Terena começam a comemorar a chegada de seu comandante, enquanto os indígenas se entreolhavam.

EXT. - PRAÇA PRINCIPAL DE MIRANDA - DIA

O GENERAL CARLOS DE MORAIS CAMISÃO está em pé, com alguns outros SOLDADOS agrupados perto dele. Eles discutem sobre algo.

Em volta, na praça, os homens se cumprimentam, e o CLIMA muda com a chegada da nova tropa.

O General se vira para o GRUPO DE INDÍGENAS que estava ali, ao lado.

Percebendo a aproximação do General, TERENA dá um passo à frente.

GENERAL CARLOS

Os homens me contaram. O Império do Brasil é muito grato a vocês, pela ajuda que deram à tropa.

TERENA

Eles tavam morrendo. A gente tinha que fazer alguma coisa. As vezes os mortos são mais perigosos do que os vivos.

GENERAL CARLOS

(Estranha um pouco)

Sim, sim.

ANACLETO, com trajez militares, chega ao lado do General com um PAPEL, uma CANETA, e um TINTEIRO na mão. Ele pega o papel, olha por um instante, e o assina.

Anacleto presta continência ao General, olha para Terena e os outros indígenas, e se afasta.

O General Carlos se vira e começa a se afastar. Terena o chama.

TERENA

E o que vai ser agora?

O General se vira lentamente.

GENERAL CARLOS

Agora? Agora a gente assume.

Terena faz uma cara de desaprovação.

(CONTINUED)

GENERAL CARLOS

O que foi?

TERENA

A terra do meu povo foi atacada.

GENERAL CARLOS

Vocês tão iguais a gente. Você que é o guia?

TERENA

Sou sim.

GENERAL CARLOS

Quero que você entre na tropa.

Terena arregala os OLHOS.

TERENA

Lutar? Com os brancos? Eu não sou guerreiro.

GENERAL CARLOS

Não quero que você lute. Eu preciso de um guia. Eu sou daqui, mas não conheço nada do Apa pra baixo.

TERENA

Entendi.

Terena olha para trás, e encontra o OLHAR de NZOPUNÉ, que o olha preocupado. Terena vira a cabeça, e responde o General.

TERENA

Eu vou.

GENERAL CARLOS

Muito bom! Vê se algum dos seus amigos não vai também. A gente tá precisando.

TERENA

(Concordando com a cabeça)

Ta bom.

O General se afasta para resolver outras coisas.

Nzopuné se aproxima, e coloca a mão no ombro de Terena.

NZOPÚNE

Você tem certeza, Terena?

TERENA

Sim. Melhor resolver tudo logo. Só quero que a gente volte pra casa.

NZOPÚNE

Sim. Eu vou com vocês.

TERENA

Você não precisa, Nzopuné. Eu sei o tanto que é estranho lutar junto com os purutuyes.

NZOPÚNE

Eu vou sim. Seu pai ia ficar maluco se eu chegasse na Serra sem você.

Ambos dão uma risada.

NZOPÚNE

Vou arranjar alguém pra avisar o pessoal lá na Serra que a gente tá indo.

Nzopuné se afasta de Terena. Nesse momento, ANACLETO aparece ao seu lado.

ANACLETO

O General me pediu pra te mostrar os mapas que a gente tem. Ele falou que ia conversar com você depois.

TERENA

Tá bom.

Ambos saem andando juntos.

EXT. - ENTRADA DO PRESÍDIO DE MIRANDA - DIA

TERENA e ANACLETO saem do PRESÍDIO DE MIRANDA carregando algumas PASTAS e PAPÉIS.

ANACLETO

Bom, cê tá com tudo aí?

TERENA

Eu acho que sim. Vou dar uma olhada antes do General vir falar comigo.

ANACLETO

Responde as coisas que ele vai perguntar, e elogia a esperteza dele as vezes. Ele vai gostar de você.

(CONTINUED)

TERENA
(Dá uma risada)
A esperteza dele, é?

ANACLETO
É previsível demais. Ele adora essa hierarquia do exército.

TERENA
Você não é do exército?

ANACLETO
Sou. Tem 4 dias com hoje.

TERENA
Um oficial completo.

Ambos dão uma risada. Anacleto olha melhor para Terena.

ANACLETO
Sabe que eu acho que te conheço?

TERENA
É mesmo?

ANACLETO
É. Mas não sei. Acho que é impressão.

TERENA
Eu não lembro...

ANACLETO
Bom, muito prazer. Eu sou Anacleto.

Anacleto estende a MÃO para Terena, que a aperta enquanto fala.

TERENA
Terena.

ANACLETO
Qualquer coisa que você precisar, pode falar comigo. O General é todo perdido nos papéis e na organização. Eu cuido disso pra ele.

TERENA
Tá bem!

Eles se despedem com a CABEÇA, e saem, cada uma para um lado.

EXT. - PRAÇA PRINCIPAL DE MIRANDA - DIA

Alguns HOMENS, em volta do GENERAL CARLOS DE MORAIS, no CENTRO da PRAÇA, tocam TROMBETAS que anunciam um pronunciamento.

Todos os MILITARES que estavam em volta se aproximam para ouvir.

ANACLETO está ao lado do GENERAL, como seu criado, com papéis nas mãos. TERENA está próximo de ambos, em lugar também de destaque, pelo status de guia do grupo.

O General levanta a MÃO, chamando a atenção de todos, que param suas conversas paralelas e prestam atenção.

GENERAL CARLOS

Meus caros, bravos homens. É com felicidade que nos reunimos aqui, nesta vila de Miranda, para defender a soberania do Império. Os paraguaios foram traiçoeiros, desleais, e agora vamos voltar tudo isso para eles.

Vários dos homens GRITAM e levantam os BRAÇOS, em comemoração. O General levanta sua MÃO mais uma vez, e as pessoas se silenciam.

GENERAL

Se preparem homens...

Nesse momento, continuamos ouvindo a FALA do General Carlos, mas entras imagens alternadas da saída das tropas.

TERENA termina de organizar suas coisas, e amarra um PANO no corpo como se fosse uma mochila. / ANACLETO acompanha o GENERAL CARLOS, enquanto ele calça suas BOTAS, e sobe em seu CAVALO.

GENERAL CARLOS (V.O.)

Amanhã, vamos começar o caminho para nossa glória. Marchamos para Nioaque, para defender nosso território. Mas não vamos parar aí. Vamos até o Paraguai escorraçar esses filhos da puta.

Mais GRITOS eufóricos.

TERENA e ANACLETO se encontram na saída da TROPA da cidade. / A TROPA inicia a marcha. / TERENA olha para MIRANDA, a PRAÇA CENTRAL, o PRESÍDIO.

(CONTINUED)

GENERAL CARLOS (V.O.)

E eu digo, homens. Quando sentirem fome, por causa da falta de comida, ou frio, nas noites molhadas, ou mesmo cansaço, nos dias mais pesados de marcha, lembrem que vocês fazem isso para proteger a pátria. E assim, a fome, o frio e o cansaço não vão ser mais importantes. O mais importante de tudo é a Pátria.

Mais GRITOS eufóricos.

ANACLETO e TERENA acompanham a tropa, em direção ao horizonte da quente paisagem da Província do Mato Grosso.